



FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE  
**COIMBRA**

Lara Longobardi Aguiar Ramos

**INSEGURANÇA ALIMENTAR EM CANÇÕES  
BRASILEIRAS NO EIXO RIO-SÃO PAULO  
DURANTE O GOVERNO DE GETÚLIO VARGAS  
(1930-1954)**

**Dissertação de Mestrado em Alimentação: Fontes, Cultura e Sociedade,  
orientada pela Doutora Paula Barata Dias e coorientada pela Maria  
Beatriz Trindade de Castro, apresentada ao Departamento de Línguas,  
Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de  
Coimbra.**

Dezembro de 2021



# FACULDADE DE LETRAS

## INSEGURANÇA ALIMENTAR EM CANÇÕES BRASILEIRAS NO EIXO RIO-SÃO PAULO DURANTE O GOVERNO DE GETÚLIO VARGAS (1930-1954)

### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Dissertação</b>
<b>Título</b>	<b>Insegurança Alimentar em canções brasileiras no eixo Rio-São Paulo durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1954)</b>
<b>Autora</b>	<b>Lara Longobardi Aguiar Ramos</b>
<b>Orientadora</b>	<b>Doutora Paula Barata Dias</b>
<b>Coorientadora</b>	<b>Doutora Maria Beatriz Trindade de Castro</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Irene Maria Montezuma de Carvalho Mendes Vaquinhas</b>
	<b>Vogais:</b>
	<b>1. Doutora Maria Cecilia Barreto Amorim Pilla</b>
	<b>2. Doutora Paula Barata Dias</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Alimentação: Fontes, Cultura e Sociedade</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>09 de Dezembro de 2021</b>
<b>Classificação</b>	<b>18 valores</b>



## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao universo por promover todos os encontros e desencontros, que me trouxeram a Portugal e a este Mestrado. A todos os orixás, por me fortalecerem diante dos desafios dessa trajetória, em especial a Omolu, Iemanjá, Yansã, Xangô e Oxumarê, que me acompanharam e me protegeram para dar seguimento a este trabalho.

Com o mesmo entusiasmo, agradeço à minha mãe, Elisabeth Longobardi, grande companheira de viagem dessa vida e que esteve presente em todos os momentos ao meu lado, assim como toda a minha família, Denize Longobardi, Thiago Aguiar, Carolina Mendes e aos meus lindos sobrinhos Lira, Sofia e Caetano (ainda a caminho desse mundo), que sem medir esforços, sempre apoiaram todas as decisões importantes e se mantiveram presentes em cada degrau dessa aventura, antes e durante o além mar. Agradeço também a amiga e familiar Cris Dakinis, por todo apoio, ajuda e disponibilidade oferecida na construção dessa dissertação e ao meu Pai, Manuel Ramos, por ter colaborado nos saltos necessários desta jornada.

À Doutora Paula Dias por ter aceitado ser minha orientadora, agradeço por acompanhar com tanta paciência, carinho e zelo em todas as fases desse processo de pesquisa e ter aceitado com coração aberto este tema. À minha Co-orientadora, Doutora Beatriz Trindade, por aceitar participar dessa pesquisa e contribuir com seu conhecimento. Assim como agradeço a todo o corpo docente do curso de Mestrado em Alimentação: Fontes, Cultura e Sociedade da Faculdade de Letras, na Universidade de Coimbra, por esta oportunidade.

O meu agradecimento também aos meus amigos, que tornaram possível a entrega deste trabalho, cada qual com sua contribuição fundamental: Éder Livramento, Ana Nogueira, Edicleison Freitas por toda ajuda inestimável nas últimas fases desta pesquisa, ao Lucas Martins e Vinicius Andrade por todas as boas vibrações emitidas nos momentos de maior dificuldade, a Juliana Costa, Sofia Araújo, Adriana Aires, Tomás Carvalho e José Torres por participarem tão ativamente desse processo com tanto incentivo e companheirismo de vida.

Agradeço também ao meu Brasil e à sua incalculável produção cultural, que sempre me inspirou a continuar depositando na arte, em especial na música popular brasileira, a crença em um país menos desigual, do qual as oportunidades possam estabelecer um povo tão feliz no seu ritmo, quanto nas suas condições de vida.

Por fim, aos meus amigos e familiares aqui não citados, mas que torceram por mim, o meu mais sincero agradecimento.

## RESUMO

As primeiras Políticas Públicas de Alimentação de combate à fome no Brasil surgiram no intervalo histórico de 1930-1954, sob o poder do presidente Getúlio Vargas em suas fases de governo autoritário e constitucionais. Neste período, ocorreu uma revolução no meio cultural e musical, que ficou conhecida como a “Era do rádio”, marcada pelo fortalecer da produção musical, difundir canções populares e noticiar, inflamando as disputas políticas existentes: a rádio torna-se porta-voz das demandas sociais brasileiras. O objetivo deste trabalho é fazer o levantamento do número das referências alimentares mencionadas em músicas populares brasileiras durante toda a regência Vargasista, discutir sua expressividade e detectar a consciência da Insegurança Alimentar nestas menções. Com a finalidade de identificar as referências alimentares, foi utilizado o método sistemático de análise do *corpus* literário de uma amostra de sessenta e três músicas anexadas a este estudo, das quais, vinte e uma são analisadas diretamente por suas menções. A partir desta análise, torna-se evidente que as referências alimentares expõem a insegurança alimentar como parte importante do retrato político e social vivenciados no mesmo período.

**Palavras-chave:** Governo Vargas, Música Popular Brasileira, Alimentação, Insegurança Alimentar, Fome.

## ABSTRACT

The first Food Public Policies in order to combat hunger in Brazil emerged in the historical period of 1930-1954, under the rule of President Getúlio Vargas in his authoritarian and constitutional stages of government. During this period, there was a revolution in the cultural and musical scenery, which became known as the “Radio Era”, marked by strengthening musical production, spreading popular songs and news, inflaming existing political disputes: radio becomes a spokesperson of Brazilian social demands. The goal of this work is to survey the number of food references in popular Brazilian music throughout the Varguista governments, to discuss their expressiveness and to detect the awareness of Food Insecurity in these mentions. In order to identify food references, the systematic method of analysis of the literary *corpus* of a sample of sixty-three songs attached to this study was used, of which, twenty-one songs are directly analyzed for their mentions. From this analysis, therefore, the frequency of food references that expose food insecurity an important part of the political and social environment experienced in the same period.

Keywords: Vargas Government; Brazilian Popular Music; Food; Food Insecurity; Hunger

## Índice

Introdução.....	6
Capítulo 1. Referencial teórico.....	11
1.1 A relevância do combate a fome no Brasil.....	15
1.2 Ideologias, políticas e programas em prol do progresso brasileiro.....	17
1.3 A era do rádio: das questões sociais exprimidas nas canções.....	19
Capítulo 2. Insegurança alimentar e o “sálario de fome”.....	21
Capítulo 3. A poética no campo da fome.....	29
Capítulo 4. Mobilidade e fome.....	32
4.1 Trajetos e partidas sertanejas.....	33
4.2 Memória e mobilidade: fontes literárias e breve relatos.....	39
Capítulo 5. A posição social da mulher nos governos Vargas.....	42
5.1 Gênero, vulnerabilidade social e insegurança alimentar.....	42
5.2 Provedoras da alimentação.....	46
5.3 Sexualidade e alimentação: das cadeiras aos tabuleiros da baiana.....	49
5.4 As Chiquitas: mulheres “existencialistas” por trás das frutas tropicais.....	52
Capítulo 6. Prevalência dos alimentos mais mencionados nas canções.....	56
6.1 Alimentos de costume e sua poética à mesa: Cesta básica brasileira de 1938.....	56
6.2 Regionalização do alimento básico e suas representações.....	60
Considerações Finais.....	63
Anexo (Catálogo das músicas).....	73
Referências do Anexo (Catálogo de Músicas).....	141

## Introdução

A fome e a abundância são condições que participam constantemente do processo alimentar humano desde a antiguidade. Em passagens bíblicas, o limiar da saciedade é apresentado como uma prova humana para alcançar a ligação com o “divino”, sendo constatado através de metáforas da própria capacidade de obediência dos homens a Deus, e da qualidade do compromisso e da confiança instalada entre as duas instâncias. As metáforas associam a conduta alimentar a cenários de “riqueza” e “felicidade”, assim como a “inanição” do alimento como ato de superação (P. B. DIAS, 2008, p. 165,170).

Entretanto, ao discutir a fome na contemporaneidade, o aspecto de um sacrifício como devoção divina já não se encontra tão presente na sociedade, dando preocupação real à falta de acesso e disponibilidade alimentar como principal razão. Para tanto é preciso a compreensão de que um indivíduo contemporâneo desfruta de direitos civis e políticos e que pertence à sociedade como “cidadão” e “consumidor”, ou seja que detém o poder aquisitivo como critério fundamental à sobrevivência. Sendo assim, constata-se a desigualdade, pois uma grande parcela da sociedade torna-se refém desta dinâmica socio-econômica, uma vez que há milhões de pessoas que não conseguem ser ativamente nem cidadãos, nem consumidores (BOZI A. L. T, 2008, p.7).

O presente estudo objetiva discutir o número e a expressividade das referências alimentares mencionadas em músicas populares brasileiras gravadas e reproduzidas, considerando o efeito empírico dessas menções, durante o período de todos os mandatos governados por Vargas (1930-1954). De fato, procedeu-se ao levantamento sistemático das composições disponíveis em discografias, institutos de música brasileira e matérias jornalísticas, que tornaram possível confirmar uma hipótese.

Os alimentos presentes no corpus literário das canções, que surgem anexadas a este estudo, confirmam esta forma ostensiva de incluir como assunto os temas da alimentação. Eles refletem a cultura alimentar brasileira, fundamentalmente, porque denotam os alimentos básicos que compuseram a alimentação habitual desses brasileiros ou denunciam a carência desses à mesa. Além disso, a menção a esses alimentos, ou à ausência deles, revela um modo de lidar com a cultura alimentar, concernente com as dificuldades sócio-econômicas vivenciadas por algumas categorias específicas desses cidadãos.

Os mandatos de Vargas (1930-1954) foram marcados por governos que visavam o progresso social e econômico do país. Getúlio Vargas atendeu demandas das condições trabalhistas, com o objetivo de promover a “ascensão ao trabalho”. De maneira fundamental, a atenção do Estado em relação ao aumento da industrialização no país e a garantia do trabalho ao cidadão, exprimia o compromisso do presidente com o desenvolvimento nacional e a prioridade em aliar o trabalho

como uma política utilitária (FEE, 1983, pp. 34-35; RIZOTTI, 2001, p.44 & GOMES, 1999, pp. 53-55 por SILVA D.T. 2019, pp.198-199).

Contudo, entre os cidadãos que usufruíam dos direitos conquistados durante os períodos Vargasistas, havia uma parcela populacional que não desfrutava desse processo, tornando o acesso às políticas públicas uma espécie de privilégio. Mulheres detinham um papel fundamental para o progresso nacional através da maternidade na educação dos futuros brasileiros, e seus direitos trabalhistas eram limitados com o objetivo de garantir esta premissa incutida pelo Estado, o que dificultava a busca por empregos e conseqüentemente as tornavam vulneráveis socialmente (PINHO, A. V. S. 2021, pp. 24-25).

Uma outra parcela da população brasileira afetada diante da inegável associação do acesso a políticas públicas de alimentação estar diretamente relacionada a obtenção de um emprego, foram os sertanejos, cidadãos do semi-árido nordestino, que atingidos com a seca se retiravam para as capitais de suas cidades, ou migravam para as regiões sudeste ou norte brasileiro em busca de emprego e alimentação. Nos governos Vargasistas houve duas grandes secas: a de 1932, seguida pela de 1942, que provocaram a mobilidade dos nordestinos, em parte, porque as iniciativas do governo apresentadas nos dois períodos de seca não sustentaram ações ou políticas públicas bem-sucedidas de combate à fome nesta região (NEVES F. D. C, 2001, pp. 108-114).

Desta forma, as ocorrências de termos alimentares na cultura musical podem servir de indicativo de uma cultura alimentar e, dentro desta, servir ainda para estimar a condição alimentar dessas parcelas populacionais brasileiras, discutindo o acesso à alimentação, as iniciativas do combate à fome, o relato das dificuldades enfrentadas, e algumas modificações sociais e culturais instaladas a partir do que se considera Insegurança Alimentar.

O Brasil é um país de abundantes recursos naturais. Entretanto, o acesso à alimentação adequada e suas “estratégias de promoção da SAN” confrontam o padrão de desenvolvimento, o que justifica-se devido à “expansão de um modelo de produção agrícola que pressiona, fortemente, a base de recursos naturais e gera impactos sociais que engrossam o êxodo rural e o desemprego urbano” (DELGADO, 2004 por MALUF, R.S. 2006, p. 38). O paradoxo vivenciado pela insegurança alimentar brasileira conta com o contraste entre o alimento proporcionado pelo imenso recurso natural e o alimento de fato disponível e acessível ao brasileiro. Segundo Bezerra, Olinda & Pedraza (2015, p. 639) a insegurança alimentar no Brasil está “condicionada pela falta de acesso à alimentação, fator este que depende, predominantemente, da relação entre a renda e o preço dos alimentos”, compreendendo assim, o salário capaz de suprir as necessidades básicas de um trabalhador como um grande indicador, que avalia a Segurança Alimentar e Nutricional ( SAN) de uma população.



Portanto, considerando os vinte e quatro anos de Vargasismo, é importante notar as referências alimentares levantadas ao longo do corpus. Importa questionar-se estas referências pelo fato de estas estarem inseridas dentro das manifestações culturais brasileiras de maior impacto popular. Ao se tornarem veículo de expressão da insegurança alimentar caracterizam a alimentação brasileira daquele período e representam este momento histórico através da alimentação. Por outras palavras, refletir sobre os alimentos e mencioná-los na arte musical espelha bem o facto de uma cultura e uma sociedade usarem a sua cultura alimentar como modo de exprimir a sua relação com o mundo.

A metodologia seguida começou pelo levantamento sistemático do corpus musical. Foram consultados, para a escolha das canções e para a busca por informações sobre compositores, intérpretes e ano de gravação: Instituto Moreira Salles (IMS); Instituto de Memória Musical Brasileira (IMMUB); e Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA), assim como as Enciclopédias do Itaú Cultural, artigos científicos e matérias jornalísticas. O acesso aos institutos foi realizado de maneira remota, através de consulta aos acervos disponíveis em sites.

Foi utilizado para configuração do trabalho as normas da APA, segundo a Mount Royal University (2017-2018). O levantamento sistemático do corpus foi organizado cronologicamente com início em 1926 e o final em 1959, compilando canções anteriores, contemporâneas e posteriores a todos os mandatos, autoritários e constitucionais, de Getúlio Vargas (1930 – 1954), apresentado através de um catálogo de canções em anexo a este estudo. Este catálogo contém o corpus literário da canção (vulgo, a parte poética, a “letra”), cuja informação comunicativa verbal foi lida e analisada. Juntam-se as informações sistemáticas relativas a cada canção, intérprete, compositor, ano de gravação uma vez que foi analisada, em sua maioria, por discografias e a fonte bibliográfica.

Ressalta-se, sobre o recorte espacial desta análise, a escolha do local de maior repercussão dessas canções durante o período histórico pretendido, onde foram produzidas, expandidas e amplificadas as canções, o chamado eixo Rio de Janeiro-São Paulo (Rio-São Paulo) .

“Rio de Janeiro e São Paulo constituem as duas principais metrópoles brasileiras distantes cerca de 450 quilômetros uma da outra, apresentando o continuum urbano de maior expressão da América Latina. Esse processo de coalescência do Rio de Janeiro e São Paulo se desenvolveu particularmente em meados dos anos de 1960 e foi referido por Gottmann (1961) como sendo o de formação de uma megalópole. Lembremos que Gottmann, naqueles idos dos anos de 1960, concebeu o conceito de megalópole para se referir à região urbana com fusão de metrópoles como expressão de um estágio superior de desenvolvimento metropolitano”.(S. LENCIONE, 2017, USP).

A megalópole Rio de Janeiro-São Paulo, mesmo não constando ainda com este nome durante o período Vargas, devido ao grande desenvolvimento industrial e maior geração de empregos iniciado na década de 1930, obteve um grande destaque no cenário cultural e musical. É possível

estimar este eixo como sendo o porta-voz brasileiro. Moutinho, M (2009, p. 17), ao refletir sobre o Rio de Janeiro afirma que a cidade “revela inequívoca vocação musical” e completa declarando, que “desde o início do século passado até os dias que correm, a cidade foi comentada, criticada e saudada por intermédio da música”.

Com isto, a realização do catálogo em anexo, procurando ser exaustivo, constitui uma amostra representativa, dado que o corpus de todas as composições musicais, na totalidade do período histórico pretendido, seria gigantesco. Por isso centra-se a atenção nas composições deste *porta-voz* do Brasil, que é o eixo Rio-São Paulo. Além disso, tanto o Varguismo, com a grande transformação histórica e política, como o cenário musical brasileiro foram beneficiados com o aparecimento da valorização e cultura popular via rádio.

Os primeiros anos do governo Vargas, também foi marcada como a “Era do rádio”, reconhecida como um meio de comunicação capaz de amplificar notícias, principalmente do eixo Rio-São Paulo, e também como divulgadora das canções mais populares da época. Neste sentido, produtoras e gravadoras tinham sua ascensão junto à vasta expansão da rádio e promoviam uma nova maneira de exprimir musicalmente os acontecimentos e conflitos no Brasil (CABRAL. S. 2016, p. 19).

Ao indicar que a música foi capaz de testemunhar as culturas alimentares em seu *corpus*, que evidenciavam a trajetória política e social do período histórico em questão, torna-se fundamental mencionar as primeiras políticas de alimentação e nutrição do Brasil contempladas durante o período Varguista a partir da realização de inquéritos e estudos (durante a década de 1930) que aprofundaram o conhecimento sobre a fome e as possíveis estratégias para combatê-la.

A fome, inegavelmente, foi um assunto mensurado e tratado com a devida atenção já no início do período Vargas. Entre muitos dos inquéritos feitos neste período, o inquérito alimentar com os operários, realizado em Recife / Pernambuco, por Josué de Castro, foi o que produziu maior impacto e promoção de políticas públicas que solucionassem a insegurança alimentar retratada. Segundo o médico e sociólogo, a alimentação adequada dependia de uma renda suficiente que a promovesse (CASTRO por ARANHA A. V. 2010, p. 19). Inevitavelmente o fenómeno da fome foi consagrado por Josué de Castro, como um fenómeno social e mantido pela desigualdade de classes.

A abordagem inicial deste trabalho surgiu a partir do contato com estudos que abordavam menções de acontecimentos políticos e denúncias de impacto social em músicas populares brasileiras, principalmente durante o período da ditadura militar (1964-1985), devido à produção de compositores de maior aproximação com esta proposta, como Chico Buarque de Holanda.

Primeiramente, foi idealizada a pesquisa no recorte temporal do século XX. Entretanto, não foi possível comportar um período histórico tão alargado, nem a sua expressão criadora a todo país,

porque ficou provado em um levantamento inicial, que a relação da produção musical com a cultura alimentar se revelou um vasto campo a ser descoberto e estudado, em um plano cuja envergadura não podia ser obtida numa dissertação de mestrado. Por isto, a escolha de um único período histórico foi fundamental, sendo este entre 1930-1954, que não por acaso também pertence ao período da história brasileira que detém a trajetória da primeiras iniciativas governamentais para promover o acesso à alimentação e em que se realizaram os pioneiros estudos sobre a fome.

Partindo da construção do anexo, foi possível realizar a leitura individual da letra de cada canção por meio de instrumentos de análise literária. Daqui, resultando a categorização de temas, abordados de acordo com o potencial social, cultural e político já intencionado no estudo. Por isso o trabalho teve seguimento em capítulos cujo objetivo é cumprir a abrangência dos temas, que pretendem discutir: quem são os cidadãos com acesso à alimentação e os que não têm esse acesso; quais os alimentos mencionados; e sob que foco ou ângulo são mencionados enquanto produtos ou parte integrante de uma relação com a cultura alimentar na qual influem aspectos sociais e culturais.

Levando em consideração a hierarquia expressa por número de ocorrência encontrado nas canções, após o levantamento individual dos itens alimentares já realizados, pretende-se, com isto, obter um retrato político da alimentação durante os governos Vargasistas, a partir de eventos provocados pela insegurança alimentar e através da repercussão cultural e musical anunciados através do eixo Rio-São Paulo.

## Capítulo 1. Referencial teórico

As ações na saúde pública do Brasil nas décadas de 1930-1940 emergiram da demanda dos setores das áreas rurais e urbanas, que na deslocação populacional do meio rural para o meio urbano, a fim de acompanhar a mudança econômica da urbanização e da industrialização, deparavam-se com a realidade das condições insalubres de trabalho e moradia reforçando a permanência e propagação das endemias nos centros das cidades. A preocupação com a saúde do trabalhador atendia o ideal de progresso do país, uma vez que a força de trabalho se tornou um grande investimento presente em todas as fases governadas por Getúlio Vargas(1930-1954). Logo, ações sanitárias eram a certificação de que não se ausentaria a mão-de-obra (JUNIOR J .B. R & NOGUEIRA, R. M. O. A, 2002, p.120-122).

No início do século XX, o Brasil foi atravessado por endemias, cujo combate era realizado por “autoridades locais”. Saúde era uma questão de segurança pública. No início da década 1920, o combate as endemias era caracterizado “por políticas sociais fragmentadas e emergencialistas ” em sua maioria em área urbana e, apenas após a Revolução de 1930, essas políticas sociais tiveram seu sentido mais amplo (Junior & Nogueira 2002, p.122). No meio rural, nas décadas 1930-1940, destaque-se o contágio da doença de Chagas indicada como uma grave doença, por causar mortes súbitas em trabalhadores em “plena idade produtiva de trabalho”, sendo assim alvo de campanhas e assistência médica (Kropf. S. P. 2016, p.3623). Nos meios urbanos, no mesmo período nas principais capitais do país, jornais circulavam com notícias sobre o contágio de tuberculose, febre amarela, febre tifóide, malária e a Lepra (hanseníase), considerando a última a “doença de maior enfoque jornalístico da época” (ANGELIM, PEREIRA, ABRÃO et al , 2016 , p. 399-400).

O combate as endemias contava com as campanhas sanitárias de vacinação. No Governo Vargas encontravam-se em vigor as vacinações contra varíola e malária ainda em 1940, assim como consideravam o “modelo de assistência curativa a saúde” definido através da I Conferência Nacional de Saúde, que determinava assistência social a cidadãos e seus familiares. Na mesma década surge o SESP – Serviço Especial de Saúde Pública, que objetivou “ melhorar a produção de matérias-primas, como a borracha e o minério para aliados durante a segunda guerra mundial” a partir de um acordo econômico de interesse americano com campanhas sanitárias que evitariam a perda da produtividade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014). Havia nas políticas públicas de Vargas um caráter assistencial e utilitário ao proteger a saúde do trabalhador, fortalecendo o vínculo do trabalhador saudável com a garantia do progresso econômico e social.

Desde o início do governo de Vargas havia ênfase no investimento do setor industrial nacionalista e estatal e, ao mesmo tempo, assistia-se ao fim do poder concentrado no setor agrário. O enfoque político em relação ao trabalho deixava de estar no meio rural para estar no meio urbano. Sendo assim, a classe operária tornava-se a sustentação do governo diante do enfrentamento com o

poder econômico agrário, consolidando “o papel central da legislação social e trabalhista” que permaneceu durante todo seu governo (ANTUNES. R, 2006, p. 85).

Em 1930, a fome era notada ainda como um fenômeno principalmente ocasionado por causas naturais, do qual os fatores climáticos tinham forte influência. Deste modo, apesar do entendimento da fome ser fatalmente climática, a consequência social dos períodos de seca no semi-árido nordestino trazia graves problemas sociais, determinando medidas de contenção por parte do estado e impedindo a mobilidade dos retirantes para as proximidades da capital.

Essa contenção resultava na criação dos chamados “campos de concentração”. Em 1932, no nordeste, onde os deslocados eram “induzidos a entrar e proibidos de sair”. Ficavam, de maneira obrigatória, durante toda a seca, “proibidos de circular livremente”, com acesso a uma “ração humana”, “assistência médica” e vivendo em “condições de moradia, relacionamento, trabalho e comportamento regulados pelas normas irredutíveis ditadas pelos dirigente dos campos” (NEVES, 2001, p.108-109).

Curiosamente, o tratamento artístico do tema do flagelo social da seca e da fome adquiriu também visibilidade na pintura, como se pode ver pelo célebre quadro de Candido Portinari: “Os Retirantes”.



Obra “Retirantes” de 1944 por Candido Portinari encontrada em Assis, T. (2020).

Interessante observar, que na segunda pior seca do período Vargas ocorrida em 1942, já existia uma maior presença do “paternalismo” de Getúlio embutido entre as relações sociais, o que modificou a relação das autoridades com os chamados retirantes. Em contrapartida, o sentimento da segunda guerra mundial era responsável por intensificar o endurecimento das medidas nacionais e locais. Os retirantes, dessa vez, já não encontravam maiores resistências nas saídas para a capital do Ceará, por enfraquecimento das grandes propriedades agrícolas, também atingidas pela seca. O resultado foi a fuga dos retirantes para diferentes locais do Brasil em “obras e serviços a serem definidos exclusivamente pelo órgão técnico competente” distribuídos em trabalhos, que muitos deles nunca haviam realizado antes, mas agarravam-se a uma oportunidade de emprego possível devido as circunstâncias. (NEVES F. D. C, 2001, p. 114 -116).

Considerando os estudos sobre as possíveis causas da fome e as estratégias para avaliar o seu impacto no Brasil, o período mais indicado para o início desta trajetória é ao período do Estado brasileiro governado por Vargas (1930-1954). Apesar de os primeiros estudos associando hábitos alimentares e carências nutricionais datarem ainda no século XIX pelas faculdades de Medicina do país, foi durante a Ditadura Vargas (1937-1945), que os programas e políticas públicas de alimentação e nutrição foram consumados como atuação do estado e alvo de pesquisas associadas. (VASCONCELOS F. A. G, 2005, p.440).

Em 1930, um ano após a crise internacional e com a insatisfação popular iminente, foi apresentado um novo modelo de governar o Brasil. O poder detido, em sua maioria, pelos grupos agrários, principalmente nos Estados brasileiros de São Paulo e Minas Gerais, chamado de República Velha ou República do “café ou leite”, deixava de existir para seguir com a mudança que

ficaria conhecida como Revolução de 1930. (ROSSI, 2001 p. 2 & MENDONÇA, 1990, p. 316-321 por SILVA D. T. 2019, p.191).

Apresentado pelo movimento Tenentista e amparado pelo partido político Aliança Liberal, surge um candidato às novas eleições. Dessa vez, com propostas que modificariam a estruturas sociais, como: “uma nova Constituição; reformulação do sistema jurídico-político (que permanecia o mesmo desde 1889); o voto secreto; a reforma agrária e também a independência militar”, que viria com a chegada de Getúlio Dornelles Vargas (TEIXEIRA, 2000, pp.245-246 & PANDOLFI, 2010, p.16 por SILVA. D. T. 2019, p.192). Com uma trajetória marcada por uma gestão “paternalista”, tornando-se o “pai dos pobres”, Getúlio Vargas consegue equilibrar em seus mandatos a “violência, manipulação e concessões, benefícios” culminando com “uma imagem do trabalhismo” como “expressão idônea de uma nação pacificada, unificada e corporativa” (NEVES, 2001, p. 108).

Todo o período em que Vargas se manteve no poder (1930-1954) com os regimes constitucionais e autoritários observados nas políticas públicas de Vargas o fizeram ser reconhecido como um governante “nacionalista, populista e carismático”(CABRAL. S, 2016, pp. 35-36 por SILVA D. T, 2019, p.192).

As melhorias nas condições de trabalho foram visivelmente significativas. A primeira vez que o Estado brasileiro garantiu a saúde como um direito dos trabalhadores foi em 1923 com a criação dos CAPs (Caixas de Aposentadoria e Pensão) a partir da Lei Eloy Chaves, realizando a previdência por categorias de trabalho, sendo os primeiros a receber os ferroviários, marítimos e estivadores. Com o objetivo de unificar os CAPs, no governo Vargas foram criados os IAPs (Institutos de Aposentadoria e Pensão) ampliando as categorias para “um dado ofício ou setor de atividade” (JUNIOR & NOGUEIRA, 2002, p.237) e assim aumentando o acesso de mais trabalhadores às políticas de saúde e alimentação.

Durante 1937-1945, no período do Estado Novo, foram consolidados grandes feitos na legislação trabalhista, como a implementação do salário mínimo, Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) (Vasconelos, F. A. G, 2005, p.441), assim como a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) em 1943 (MOURELLE, 2015. p. 70 por SILVA D.T, 2019, p. 200).

Com a Lei 185 de 14 de janeiro em 1936, o salário mínimo é apresentado legalmente, como: “uma remuneração mínima devida” com objetivo de “satisfazer, em determinada região do país e em determinada época, das suas necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte”, o que, segundo A. C Silva (1995, p .87), foi capaz de contribuir efetivamente para a garantia da alimentação da classe trabalhadora.

Segundo Kropf S. P. (2009,pp.289-290) foram determinados caminhos a seguir na Política Nacional de Saúde Pública, durante a reforma Capanema realizada em 1937, a partir reestruturação

do Ministério da educação e Saúde (MES). A principal mudança se baseava em realizar um diagnóstico de saúde da população brasileira:

“Como principal inovação institucional para promover a expansão e a interiorização das ações do ministério foram criadas as delegacias federais de saúde, instaladas em oito regiões do território nacional. Comandadas por médicos sanitaristas, seriam responsáveis por coordenar e supervisionar as atividades nos estados, assegurando a normatização e a uniformização das ações de saúde em todo o país.”(KROPF S. P. 2009, p. 289)

Havia uma preocupação do MES em garantir, que as ações em saúde fossem executadas por médicos sanitaristas, assim como que a realização de pesquisas sobre os problemas sanitários do Brasil fosse uma das atribuições deste Ministério (KROPF S. P. 2009, p. 291).

### **1.1 A relevância do combate a fome no Brasil**

“Resolvi tomar uma média e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos” (C. M. JESUS, 2020 p.57).

Importante salientar que o combate à fome no Brasil ultrapassa os momentos históricos e permanece na realidade brasileira. Apresentada de forma pioneira, como um fenômeno social por Josué de Castro (1930-1940), a presença da fome e da exclusão social deixava de ser uma coincidência, para promover a associação da falta de acesso à alimentação adequada com o desfavorecimento econômico e social de uma grande parcela da população. A solução encontrada para combater a fome, pelo intelectual, agregava também o combate à desigualdade social. Desta forma, acreditava-se, que: “somente por meio de ações sociais e coletivas como a implantação progressiva de políticas públicas de segurança alimentar e nutricional” este cenário poderia ser modificado (PINHEIRO A. R. O & CARVALHO M. F. C. C, 2007, p. 122).

A segurança Alimentar e Nutricional (SAN) foi definida com o conceito inicialmente na Europa, no começo do século XX. A sua intenção era garantir que todos os países europeus pudessem produzir seu próprio alimento. Após a segunda guerra mundial, assegurar a alimentação e nutrição das populações se tornou um debate internacional, consagrado a partir da criação da ONU (Organização das Nações Unidas) e da (FAO) Organização da Agricultura e Alimentação (CUSTODIO M. B, FURQUIM N. R, SANTOS G. M. M et al, 2011, p. 2). Segundo Castro por Aranha A. V (2010, p19), em 1943, com a fundação da FAO, quarenta e quatro países priorizaram a alimentação e a agricultura em suas nações.

A Segurança Alimentar, com o fim da Segunda Guerra, era um tema associado à produção inacessível e em quantidade insuficiente de alimento. Uma das formas de suprir esta demanda era priorizando o envio de alimentos “excedentes” de nações bem favorecidas para as nações de menor



estabilidade econômica e social (BRASIL, 2013, p.13). Entretanto, pioneiramente no Brasil ainda na década de 1930, os estudos sobre alimentação, principalmente as obras e inquéritos de Josué de Castro, já revelavam o desconcertante motivo da causa da fome: a manutenção da desigualdade social.

O termo Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) vai surgir no final da década de 1980, quando o conceito da Segurança Alimentar torna-se mais expandido, inserindo a neste tema questões sanitárias e nutricionais (BRASIL, 2013, p.14).

“Segurança Alimentar e Nutricional consiste em garantir a todos condições de acesso a alimentos básicos, seguros e de qualidade, em quantidade suficiente, de modo permanente e sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, com base em práticas alimentares saudáveis, contribuindo assim para uma existência digna em um contexto de desenvolvimento integral da pessoa humana” (CONSEA, 2006, p.4)

A política nacional da SAN é definida, como: “um conjunto de ações planejadas para garantir a oferta e o acesso aos alimentos para toda a população, promovendo a nutrição e a saúde” (CONSEA, 2006, p.6). Apesar das primeiras políticas públicas de alimentação e nutrição se iniciarem em 1940, com a “assistência alimentar às populações mais pobres” (PELIANO por ARANHA A. V, 2010, p.27), é possível observar que o conceito da SAN chega tardiamente como política nacional, mesmo sua definição sendo amplamente tão almejada tempos atrás, como em 1930-1940, por intelectuais como Josué de Castro.

A existência dos programas e políticas públicas voltados para a alimentação e nutrição nos diferentes governos Vargasistas, apesar de o termo insegurança alimentar não surgir neste período e nem estar teoricamente definido apresentavam um caráter emergencial, com a finalidade de amenizar a falta do acesso a alimentação.

“Procurando investigar as causas fundamentais dessa alimentação em regra tão defeituosa e que tem pesado tão duramente na evolução econômico-social do povo, chega-se à conclusão de que elas são mais produto de fatores socioculturais do que de fatores de natureza geográfica.” (Castro, J, 1984, p. 57)

Josué de Castro, médico e cientista social, indagava essa fome de origem climática e “desnaturalizava” esse processo direcionando sua pesquisa para os possíveis fenômenos sociais, que se concentravam neste tema (CASTRO por ARANHA A. V, 2010, p.18).

## 1.2 Ideologias, políticas e programas em prol do progresso brasileiro

Com o intuito de colocar o país na linha do progresso e contribuir para formação da identidade brasileira, todos os períodos políticos de Vargas apresentavam em suas pautas políticas, como prioridade: o trabalho, o sanitarismo e a educação. Contudo, inicialmente, a partir de uma agenda eugênica, conduzia a “ampla reforma social” indicada por seu governo e revia: ” valores estéticos nos hábitos higiênicos” e “na conduta pública” (SOUZA, 2012, p. 7 por SILVA D. T, 2019, p. 204).

Acreditando no progresso da nação, o projeto eugenista era aplicado em nome da modernização do país. Constituído desde da abolição como uma espécie de “melhoramento da raça brasileira”, a “saída” encontrada, como um projeto político, foi pôr em prática a “ aproximação com o povo europeu” através da imigração, que se deu no início ainda da República (SCHUARCZ, 1996 & GUIMARÃES, 1995 por MORAES, D, 2019, p.14). Tal discurso eugênico se manteve aceso durante principalmente nos primeiros anos do governo Vargas, sendo inserido inclusive na constituição de 1934 como um dos artigos constitucionais.

O artigo 138 visava a “educação eugênica como necessária para o país” incentivada por “parlamentares, médicos e políticos eugenistas” do qual resultou em um “anteprojeto discutido e aprovado por parlamentares”, obtendo esses discursos registrados em “*Anais do Congresso e no Boletim de Eugênia*” (ROCHA. S, 2018, p. 62). A saúde, a educação e o trabalho estavam voltados para um objetivo central: o progresso do país. Consideravam, que as medidas eugenistas, nestas três pastas, deviam criar um povo brasileiro sem “atrasos sociais” e liberto de ser “doente e analfabeto” ( PONTE, 2010, pp. 76-77 & D’ARAÚJO, 2000, p. 7 por SILVA. D. T, 2019, p. 204). A imagem do brasileiro subnutrido, sem acesso a alimentação adequada e vulnerável a contrair as doenças infecto-contagiosas tão presentes nas décadas mencionadas, também sugere a aplicação da eugenia como uma maneira de melhoramento estético e enquadramento social do cidadão brasileiro diante da reforma política utilitária atendida por Vargas no Brasil.

Em contrapartida, os estudos sobre a alimentação do povo brasileiro denotavam a fome, e o aspecto famélico do cidadão, como uma consequência social e política. Josué de Castro ao denominar os tipos de fome coletiva existentes no Brasil, identificou inicialmente a fome endêmica e a epidêmica, que correspondem respectivamente a fome permanente e transitória. Diante de outra definição, que não se realiza na ausência da alimentação, mas sim na falta de nutrientes essenciais, o intelectual também caracteriza a fome oculta. A subnutrição torna-se, portanto, um conceito mais amplo, que denuncia não só a ausência da quantidade de alimentos disponível, mas também a falta dos nutrientes essenciais para a garantia da vida humana (CASTRO. J, 1984, pp.12,36,48).

“Josué de Castro, ao realizar um estudo sobre as condições de vida de famílias operárias do Recife, observou que o consumo alimentar, à base de açúcar, café, charque, farinha, feijão e pão, fornecia apenas cerca de 1.645 calorias; custava cerca de 71,6% do valor do salário; era pobre em vitaminas e sais minerais e gerava alta mortalidade e baixa esperança de vida” (Vasconcelos, F.A.G, 2005, p. 441).

A possibilidade de medir a fome é um estudo que demanda tempo e recursos, sendo raros os países que conseguem obter essa pesquisa de sua população (FAO por BELIK. W, SILVA. J. G & TAKAGI. M 2018, p. 11). Josué de Castro, na cidade de Recife – Pernambuco, em 1932, realizou um inquérito “sobre as condições de vida da classe operária” e revolucionou a maneira de medir a fome, sendo o primeiro a apresentar a associação entre “produtividade do trabalhador e sua alimentação” no país. A partir desta relação, investigou “suas condições de vida, seus tipos de moradia e seus salários” e, com o inquérito publicado e noticiado no país, viabilizou a realização de outros inquéritos em outras capitais. Este estudo e suas reverberações reforçaram a pressão já existente pelo “estabelecimento de um salário mínimo” para o trabalhador (CASTRO por ARANHA. A. V, 2010, p. 19).

A regulamentação do salário mínimo e da cesta básica, que ocorreram na década 1930, tiveram como alicerce os resultados do inquérito da renda e alimentação dos operários de Recife. Através do Decreto-lei 299 de 30 de abril de 1938, deu-se a implementação das “comissões do salário mínimo” e da “ração-tipo essencial mínima” que eram, respectivamente, a renda necessária para custear as despesas e a definição de alimentos básicos necessários para a “subsistência do trabalhador” (SANTANA . A. B. C & SARTI. F. M 2020, p. 4002).

Uma outra política pública originada do revolucionário inquérito de Josué de Castro foi o Serviço de Alimentação da Previdência social (SAPS), decretado em 1940, do qual o próprio “idealizou e elaborou”. O serviço contava com a implementação de restaurantes populares nas capitais e tornou obrigatório o oferecimento de refeições para os trabalhadores pelas empresas. Em 1943, Josué de Castro tornou-se diretor geral do Serviço Técnico da Alimentação Nacional (STAN), cujo objetivo era o abastecimento técnico a nível nacional, que a partir do envolvimento do Brasil na segunda guerra, surgiu desta demanda “um plano de economia alimentar cientificamente dirigido”. Ou seja, foram realizados: “estudos, trabalhos e pesquisas concernentes ao problema da alimentação” (CASTRO por ARANHA, A. V 2010, p. 20).

Com o fim da guerra, a STAN se diluiu. Entretanto o Instituto de Tecnologia Alimentar inserido como parte da STAN, em 1944, se manteve, assim como seu propósito de estabelecer a ligação com as indústrias alimentares. Neste mesmo período, Josué de Castro publicou seu livro “*Geografia da Fome*”. Em sua obra afirmava, que: “a fome não é mais do que a mais trágica expressão do desenvolvimento dos países mais ricos que se sustentam na exploração dos países mais pobres, provocando-lhes não só a fome quantitativa, aguda ou manifesta, mas principalmente a fome qualitativa, crônica, oculta” (CASTRO por ARANHA. A. V, 2010, p 21).

Decretada em 1945, a Comissão Nacional de Alimentação (CNA) havia como propósito “formular a política nacional de alimentação”, através da: “correção de defeitos e deficiências da dieta brasileira, estimulando e acompanhando as devidas campanhas educativas; e concorrendo para o desenvolvimento da indústria de alimentos no Brasil”. Diante desse órgão, em 1953 é elaborado o I Plano Nacional de Alimentação e Nutrição, posto em prática como assistência alimentar para grupos específicos, nesta ordem de prioridade: materno-infantil, e em seguida, escolares e trabalhadores (VASCONCELOS, F. G. V, 2005, p. 442).

Um pouco antes, em 1952, surge um programa chamado “Plano Conjuntura Alimentar e Problemas de Nutrição no Brasil”, com intenção de realizar “inquéritos nutricionais, expansão da merenda escolar, assistência alimentar a adolescentes, programas regionais, enriquecimento de alimentos básicos e apoio à indústria de alimentos”. Após a morte de Getúlio, em 1954, só resiste desse Plano de Conjuntura, a Campanha de Merenda Escolar, que recebeu doações internacionais de excedentes agrícolas. Em 1968, a campanha atendia aproximadamente 10 milhões de crianças (SILVA. A. C, 1995 p.88)

Os programas e políticas públicas de combate à fome alcançam objetivos quando estes também pretendem abordar as questões sociais envolvidas. Segundo Pinheiro & Carvalho (2007, p. 129). É necessária essa abordagem social, devido à “submissão da sociedade aos ditames do capital que produz reflexos nos modos de comer, viver, adoecer e morrer das populações”. O Brasil, com os seus contrastes, convive com a abundância da produção de alimentos e a persistência da fome no mesmo território. A terra que foi de esperança e chamariz para tantos imigrantes no início do século XX, também era a terra “assolada pela fome”, considerada “uma terra onde se passa fome, onde se vive lutando contra a fome e onde milhões de indivíduos morrem de fome” (CASTRO. J 1985, pp.55 – 56).

### **1.3 A era do rádio: das questões sociais exprimidas nas canções**

A rádio brasileira foi inaugurada no país em 1922, na cidade do Rio de Janeiro, com a primeira transmissão realizada simultaneamente na cidade carioca, em praças da cidade de São Paulo e em outras cidades da região sudeste. Chamada rádio “sociedade”, estreava o discurso do presidente, assim como as óperas ocorridas no Teatro Municipal. Durante toda a década de 1920, Rio de Janeiro e São Paulo foram as capitais pioneiras no Brasil em estabelecer sucessivas rádios, o que as tornaram as cidades de maior difusão de informação e música a partir deste veículo de comunicação (CABRAL S. 2016, pp.4-5,10).

Segundo Calabre, L (2002, p. 3,10), o Rádio foi um meio de comunicação, que: “revolucionou a relação cotidiana do indivíduo com a notícia, imprimindo uma nova velocidade e significação aos acontecimentos” e “tornou-se um excelente meio de divulgação de outras manifestações artísticas”.

Diante das funções que o rádio alcançou, tornou-se evidente na revolução de 1930, o propósito de disseminar ideologias políticas. Rio de Janeiro e São Paulo, em 1932, com a mudança constitucional do Brasil, declaravam em suas respectivas rádios opostas posições partidárias das quais esbarravam na dualidade das capitais, com os candidatos Júlio Prestes e Getúlio Vargas. As transmissões radiofônicas formavam opiniões políticas diante da tensão instalada pelas eleições.

Considerado um meio de comunicação privado na sua envolvente econômica e de propriedade, e simultaneamente público por suas decisões dependerem muitas vezes da autorização do Estado, o rádio é tomado por um controle, que vinha desde suas concessões para abrirem, até a escolha das notícias e das músicas a serem ouvidas. Getúlio Vargas, desde o início de seu mandato provisório já criara legislações reguladoras dos rádios. No seu governo conhecido como Estado Novo, período da ditadura Vargas, os programas de rádios, assim como a produção cultural estabelecida por este meio, sofrem censuras através do controle instaurado com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado com o propósito de impedir circulação de informações e opiniões não autorizadas pelo estado (CALABRE, L 2002, pp. 11-12).

“Se de um lado o rádio imprimiu um ritmo anárquico e mais rápido, quase industrial, nas produções musicais com objetivo de atender as crescentes demandas da massa de ouvintes em formação e dos emergentes programas radiofônicos; de outro, também permitiu o escoamento de uma rica produção musical iniciada e existente no centro urbano em expansão desde o começo do século.” (De MORAES, J. .G. V, 1999. p. 76)

O crescimento das rádios brasileiras acompanhava o acelerado progresso das gravadoras, que cada vez mais “produzia uma quantidade de discos jamais vista no mercado musical brasileiro” (CABRAL, S 2016. p.19). A associação do veículo do rádio com a produção musical construía uma nova maneira de produzir expressões culturais, agregando mais valor comercial às músicas com a rápida propagação das canções pela rádio. Segundo De Moraes J. G. V (1999,p.77), “as contradições, angústias e conflitos nascidos nos anos 30, marcariam de modo permanente as relações entre músicos, compositores e suas obras, e os meios de comunicação e, conseqüentemente, a trajetória da música popular nas décadas seguintes”.

É possível observar a mudança de linguagem sofrida nas rádios ao longo das décadas 1930-1950. Inicialmente, no período de 1930-1940, a rádio tinha o objetivo informativo e de propagação cultural da camada popular brasileira e urbana, enquanto na década de 1950 entram no cenário os programas do rádio em auditório de forma participativa com a população, promovendo outro objetivo, como o de tornar a comunicação mais “sensacionalista, melodramática e apelativa”, como mencionado por Napolitano, M (2010, p. 64).

## Capítulo 2. Insegurança alimentar e o “salário de fome”

*“Trabalho, trabalho, trabalho  
Veja você, se eu não tenho que falar  
Trabalho, trabalho, trabalho  
Essa mulher, sempre a me reclamar  
Me põe tanto sobre-nome  
Pão, feijão, café  
Que meu verdadeiro nome  
Eu já não sei como é  
(...)”*

*(Canção: Trabalho. Ataulfo Alves – 1945. Música nº 38, do anexo)*

A associação entre trabalho e a garantia do acesso à alimentação por meio dele foi criada como uma relação benéfica por Getúlio Vargas, uma vez que suprindo as necessidades nutricionais da população brasileira, o estado garantiria maior força de trabalho em prol do progresso social e econômico. De acordo com as pesquisas e inquéritos alimentares, realizados em sua maioria entre 1934-1941, havia como principal ponto da análise da situação alimentar e nutricional do país a “ignorância alimentar” da população pobre e também das classes mais favorecidas (BEZERRA, J. A. B, 2012, p.161).

Segundo Bezerra J. A. B. (2012, p. 167), ao citar o autor Mario Rangel, entende-se, que: “as pessoas pobres comiam mal por não conhecer os princípios da alimentação racional, porque seus salários eram insuficientes, além de não saberem empregar corretamente o que ganhavam comprando alimentos baratos e proveitosos”.

O resultado de anos de inquéritos alimentares, para além da descoberta das classes atingidas pela “ignorância alimentar”, que vinham a ser de maneira mais grave, obviamente, as classes mais pobres por sua falta de acesso a oportunidades socio-econômicas, e nas classes mais favorecidas com um deficit qualitativo da condição alimentar, havia também o agravamento com a realidade higinênico-sanitária vivenciada neste período ainda com precariedade. Tornava-se evidente a necessidade de disseminar ações corretivas na área da alimentação e da saúde, da qual prioriza-se determinar o conhecimento da população em relação a uma “alimentação racional” (BEZERRA J. A. B, 2012, p. 167).

O primeiro inquérito alimentar realizado neste período de estudos aconteceu no estado de Pernambuco, nordeste brasileiro, com trabalhadores sendo o público-alvo da pesquisa. Josué de Castro, em 1932, na capital pernambucana, relata a seguinte realidade nas condições de vida operárias: “um salário médio diário de C\$3,60, o qual, estudado à luz da capacidade aquisitiva do nosso dinheiro naquela época, se revelava como um ‘salário de fome’. Nas regiões rurais, os salários conseguiam ser menores do que valor diário do salário urbano, em torno de 2 e 3 cruzeiros

e meio”. As condições de vida dos trabalhadores rurais se agravavam, pois tinha sua mão-de-obra refém de um regime de safra açucareira e quando havia a garantia do trabalho, era posto em posição de exploração (CASTRO. J, 1975, p. 162).

Neste mesmo estudo, Castro. J, 1975, menciona como a alimentação inadequada interfere na capacidade de trabalho desses operários e trabalhadores rurais do nordeste:

“as primeiras manifestações directas da deficiência alimentar são as que resultam da sua insuficiência calórica, da sua pobreza energética. Por sua conta decorre, em grande parte, a reduzida capacidade de trabalho dessa gente que se cansa ao menor esforço, que não é capaz de acompanhar o ritmo muscular do trabalhador das regiões de melhor alimentação do sul do país, ou mesmo dos habitantes da zona do sertão”(p.163).

Dando seguimento à relação proporcionalmente direta entre a força de trabalho e o acesso à alimentação, é possível observar na obra literária “*Casa Grande e Senzala*”, de Gilberto Freyre, publicada em 1933, sobre o período colonial, a descrição da alimentação brasileira no engenho açucareiro nordestino. Segundo Castro (1975, p. 163), para Freyre “os mais bem alimentados na região sempre foram os representantes dos dois extremos econômicos: o senhor do engenho e o escravo; o senhor alimentando bem o escravo para que ele produzisse mais”. A obra foi umas das primeiras a associar a melhoria da raça, ou eugênia adequar a imagem do trabalhador brasileiro a partir da educação de uma “alimentação racional”, melhorando a disposição e garantindo a engrenagem econômica do país (VASCONCELOS F. A. G, 2001, p. 318).

Entretanto, para Josué de Castro, em sua obra *Geografia da Fome*, apesar de mencionar Freyre como observador do ponto de vista sociológico, ao afirmar as nuances da estrutura social colonial, questiona a falta de potencial científico do autor em associar a boa alimentação e a maior força de trabalho com a oferta de alimentos pobres em nutrientes essenciais para corrigir o que ambos reconheciam como “falta de disposição”. Segundo, Castro. J (1975, p.164) o senhor do engenho ao fornecer “feijão, farinha, milho ou toucinho” estava contribuindo em energia calórica com “quantidades de combustível, sem nenhum cuidado pelos reparos necessários na máquina de combustão”, mas por pouco tempo, uma vez sendo uma dieta pobre em outros nutrientes, não o mantinha saudável o suficiente para suportar outros males e doenças da época.

A importância dessa educação alimentar e nutricional por parte dos trabalhadores e população em geral se tornou um assunto urgente após os inquéritos e seus devastadores resultados de uma população desinformada e sem acesso à alimentação adequada. O conceito da “racionalidade alimentar” se desdobra em “quatro princípios dietéticos”: quantidade, qualidade, harmonia e adequação, que vinham a determinar: quantidade energética, variedade de alimentos disponíveis, “proporção” desses alimentos e a adequação considerando sempre a “individualidade na alimentação” (LIMA. E. D. S, 2009, p. 177). Na canção em causa, um trabalhador sem nome se

queixa de estar reduzido aos nomes dos alimentos que pode prover ao lar com o seu esforço. Ou seja, trabalha para comer e come, para poder trabalhar.

Josué de Castro, em 1937, concluía, ao agregar os resultados dos inquéritos até então realizados em outras capitais do país, e dessa vez não só mais com a classe operária, mas com outras classes e condições socio-econômicas, que a alimentação brasileira, na totalidade dos locais em estudo, portanto nos cinco cantos desse país, era composta de uma má alimentação, pobre em nutrientes e demonstrada em regra como uma alimentação “defeituosa”, independente da classe social indicada. Segundo Castro por Lima, E. D. S (2009, p. 168) no Brasil: “nenhum povo poderia ser forte, não importando sua raça”.

*“O que eu sinto e não consinto  
É seu cinto se afrouxar Seu Jacinto aperta o cinto  
Bota as calças no lugar  
(...)  
O seu Jacinto tinha que comprar feijão  
Mas não tinha um só tostão  
E o caixeiro estava duro  
Ele não gosta de pagar feijão à vista  
Porque sendo futurista  
Paga sempre pro futuro (...)”*

*(Canção: Seu jacinto. Noel Rosa e Ismael Silva – 1933. Música nº 9, do anexo)*

No intuito de tornar esses estudos uma base científica à disposição do aprimoramento da alimentação brasileira, Castro segundo Lima E. D. S (2009, p. 178) “definiu cinco tipos de ração alimentar padrão para cada região brasileira, assegurando que todos mantinham as proporções de alimentos que julgava conveniente e com total calórico capaz de cobrir as despesas energéticas normais do organismo”. E foi a partir da criação de uma “ração alimentar racional” e seus princípios já citados, que foram apresentadas as primeiras medidas e políticas públicas a cerca da alimentação, até então, focadas no trabalhador.

Entretanto, as despesas de um trabalhador brasileiro, em relação a alimentação, já haviam sido provadas que eram incompatíveis com o valor recebido diário, com uma alimentação adequada e suficiente. Segundo Lima E. D. S (2009, p. 178) ao mencionar Castro, afirma que “que o valor econômico da ração alimentar racional estava em poder-se fixar o salário-mínimo e determinar as quotas proporcionais das despesas familiares”.

Seu Jacinto, personagem da música dos compositores Noel Rosa e Ismael Silva, gravada em 1933 pela gravadora Odeon, apresenta a dificuldade do cidadão brasileiro em comprar alimentos, além de descrevê-lo fisicamente com o que parecia ser o “aspecto de fome”. Com suavidade, o personagem é levado a apertar cada vez mais o cinto, disfarçando sua magreza devido ao estado de insegurança alimentar em que vive.



“O baixo salário com que vive a grande maioria dos nossos trabalhadores e o baixo nível de educação tornam impraticável alimentação adequada, mesmo que haja a melhor propaganda. A falta de educação, o afrouxamento moral, a falta de noção de responsabilidade são fatores de deficiência de produção, a qual abrange também os alimentos que constituem a fonte de energia para o trabalho. Há evidentemente um círculo vicioso que ameaça a nacionalidade. O homem produz pouco porque se alimenta mal e é doente, e, pelo seu nível educacional, tem um âmbito de aspirações muito reduzido e, produzindo pouco, não dispõe de quantidades suficientes de alimentos .”  
(CHAVES, 1948, p. 7 por VASCONCELOS, F. A. G, 2001, p. 329).

Mais uma vez, conseguir ter acesso ao alimento, sendo trabalhador, parecia ser a maneira mais eficaz do brasileiro não passar fome. Para amenizar os resultados da má alimentação visto nos inquéritos alimentares dos trabalhadores rurais e urbanos, houve a criação do salário mínimo nacional. Segundo Lima E. D. S. (2009, p. 178) a iniciativa do salário-mínimo foi considerado “o primeiro passo da implantação da política alimentar estatal”, inicialmente introduzido através do estado brasileiro na Comissão do Salário Mínimo, mas exercido apenas em 1940, a partir do decreto 2.162.

Na definição do salário mínimo, decretada em lei, determina-se que são necessidades básicas de um trabalhador: alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte, sendo que os gastos mensais de cada item, somados, deveriam ser o valor total do suposto salário. Entretanto, no item alimentação, o decreto observa que esta parte do salário mínimo “correspondente aos gastos com alimentação não pode ter valor inferior ao custo da Cesta Básica Nacional” (Batista A. M 2019, p.73).

*“Quatro horas da manhã saí de casa  
Zé Marmita Pendurado na porta do trem  
Zé marmita vai e vem Numa lata  
Zé Marmita traz a bóia que ainda sobrou do jantar  
Meio-dia, Zé marmita faz o fogo para a comida esquentar  
E Zé marmita, barriga cheia  
Esquece a vida, num bate-bola de meia.”*

(Canção: “Zé marmita”. Luis Antonio e Brasinha -gravação 1952. **Música nº 52 do anexo**)

Continuação...				
Alimentos	Região 1	Região 2	Região 3	Nacional
Farinha	1,5kg	3,0kg	1,5kg	1,5kg
Batata	6,0kg	–	6,0kg	6,0kg
Legumes (tomate)	9,0kg	12,0kg	9,0kg	9,0kg
Pão francês	6,0kg	6,0kg	6,0kg	6,0kg
Café em pó	600gr	300gr	600gr	600gr
Frutas (banana)	90 unid	90 unid	90 unid	90 unid
Açúcar	3,0kg	3,0kg	3,0kg	3,0kg
Banha/óleo	750gr	750gr	900gr	1,5kg
Manteiga	750gr	750gr	750gr	900gr

Fonte: Decreto-Lei nº 399, de 1938. Quadros anexos. As quantidades diárias foram convertidas em quantidades mensais.

Região 1 - Estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Goiás e Distrito Federal; Região 2 - Estados de Pernambuco, Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Amazonas, Pará, Piauí, Tocantins, Acre, Paraíba, Rondônia, Amapá, Roraima e Maranhão; Região 3 - Estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; Nacional - Cesta normal média para a massa trabalhadora em atividades diversas e para todo o território nacional.

Tabela das quantidades mensais da cesta básica por região. Batista, A. M (2019, p. 75).

A composição da cesta básica nacional, segundo o decreto 399 de 1938, contava com os seguintes alimentos: Carne, leite, feijão, arroz, farinha, batata, legumes (tomate), Pão francês, café em pó, frutas (banana), açúcar, banha ou óleo e manteiga. Para alcançar um valor considerado, era realizado o cálculo: “o preço médio de cada produto, multiplicado pelas quantidades definidas no decreto, indica o gasto mensal do trabalhador com cada produto, cuja soma é o custo mensal da Cesta Básica Individual de Alimentação”. No caso da cesta familiar, a multiplicação passava a contar com dois adultos e duas crianças, de maneira padronizada. Segundo o autor esta era a forma mais adequada de “averiguar quantas cestas básicas são possíveis comprar com um salário mínimo” (BATISTA, A. M, 2019, pp. 74 -75).



Arquivo Nacional (2020). Restaurante popular à moda antiga.

A próxima medida do estado, após o salário mínimo e a cesta básica, é o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), sendo considerado por Lima E. D. S (2009, p.179), uma política pública, a partir de 1940, que forneceria um segundo passo de combate a fome capaz de abranger trabalhadores e suas famílias com a criação de restaurantes populares e postos de subsistências. Estas foram iniciativas do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, sendo a

primeira unidade do restaurante inaugurada na cidade do Rio de Janeiro, como exemplifica a imagem acima retirada do arquivo nacional brasileiro em 1945 (Arquivo Nacional, 2020).

*“A noite vai chegando Minha vida se consome  
Tanta gente se alimentando  
E só eu passando fome  
Dá rugido dá estalo  
Meu estômago faminto  
Vou ver se posso tapeá-lo Apertando mais o cinto(...)”*  
(Canção: *Minha vida se consome* – Adoniran Barbosa, 1932. **Música nº 5, do anexo**)

Referir a fome com o “apertar dos cintos” remonta à imagem da aparência comum do cidadão brasileiro da década de 1930, que expunha a insegurança alimentar nas características físicas, com a magreza e os outros sinais clínicos acentuados pela má ou nenhuma alimentação. Segundo Castro, 1934, pp.13-14 por Bezerra J. A. B, 2012, p.162) “em relação ao aspecto eugênico” ressalta-se que a “alimentação é um dos fatores externos mais importantes na constituição dos biótipos vitais e que é pela seleção biotipológica que se eleva o índice vital da raça”.

A busca por uma alimentação acessível e saudável permitiria que a massa trabalhadora não somente fosse capaz de oferecer maior força de trabalho e maior desenvolvimento econômico para o país, como também previa uma melhor aparência do brasileiro. Indicava-se a eugênia, ou melhoramento da raça, como o resultado da melhor alimentação:

“Por ser ignorante em termos de alimentação e de higiene, a maioria da população era constituída de pessoas indolentes, subnutridas, fracas, indispostas e pouco produtivas, o que contribuía para o atraso socioeconômico do país, impedindo-o de atingir o nível de nação próspera e desenvolvida. Cabia à ciência da alimentação interferir com seus diagnósticos e práticas para superar o atraso, o que passava pelo melhoramento da raça, em busca de um brasileiro forte, robusto, bem alimentado, higiênico e saudável.”(BEZERRA J. A. B, 2012, p. 175)

A associação entre “eugenismo” e “higienismo” e o quanto os dois termos estão relacionados como medidas que visam alcançar maior saúde do trabalhador, justificam a preocupação com o acesso a alimentação e suas possíveis buscas a ações educacionais, assim como medidas de correção a questão sanitária precária das décadas em estudo. Conforme afirmam Cunha & Pandolfi, 1999, p. 284 por Honorato. D. S. (2014, p. 20) a “identidade nacional só se concretizaria como plural se categorias como saúde, doença, força, beleza, aptidão, capacidade, responsabilidade e inteligência quando fossem acrescentadas aos indivíduos que a formavam”. A saúde era uma engrenagem do desenvolvimento e portanto medidas sanitárias eram ferramentas estatais.

*“Tomara que chova, Três dias sem parar  
A minha grande mágoa  
É lá em casa não ter água  
E eu preciso me lavar  
De promessa eu ando cheia  
Quando conto a minha vida ninguém quer acreditar  
Trabalho não me cansa  
O que me cansa é pensar  
Que lá em casa não tem água nem pra cozinhar”.*

*(Canção: Tomara que chova . Emilinha Borba - ano 1951. Música nº 49, do anexo)*

O SAPS foi um grande propulsor da ampliação de informações acerca de medidas sanitárias, através de uma reconhecida “coleção editada” de um serviço do governo chamado: Serviço de Propaganda e Educação Sanitária. Essa expansão sobre medidas higienização e alimentação se iniciou na década de 1930, promovida pelo SAPS em 1940, e estendida através das “Revistas de nutrição” realizadas por Josué de Castro entre 1944-1968 (BEZERRA. J. A. B, 2010, p.174). Josué de Castro, em sua obra *“Um Problema da Alimentação no Brasil”* indica a contribuição da disseminação da informação por veículos, quando cita sobre a promoção da saúde em: “uma campanha intensa em favor da boa alimentação, conduzida por um de nós, quando na chefia da referida Inspeção e que sobretudo pela imprensa, pelo rádio e pelo cinema se estendeu a todo o Brasil, com resultados auspiciosos” (CASTRO. J, 1939, p. 203).

*“João Ninguém Que não é velho nem moço  
Come bastante no almoço Pra se esquecer do jantar  
Num vão de escada Fez a sua moradia  
Sem pensar na gritaria  
Que vem do primeiro andar  
João Ninguém Não trabalha e é dos tais  
(...)  
Esse João nunca se expôs ao perigo  
Nunca teve um inimigo  
Nunca teve opinião  
João Ninguém Não tem ideal na vida  
Além de casa e comida  
Tem seus amores também”.*

*(Canção: João Ninguém . Noel Rosa - ano 1935. Música nº 13, do anexo)*

Josué de Castro reafirmava a importância das ações educativas na alimentação, através da disponibilidade no caso dos mais pobres, ou nas classes mais favorecidas uma questão de escolha: “Por esses poucos exemplos vê-se a necessidade que temos de orientar a alimentação das massas que não comem racionalmente ou porque não têm o que comer (como nas zonas flageladas pela seca) ou mesmo quando têm, porque não sabem o que comer” (CASTRO. J, p 10, 1939). Ao que tudo indica, o direito mínimo a alimentação era uma vantagem de ser trabalhador, o que reafirma o viés utilitário das políticas pública do período Vargas. Inclusive, uma das possibilidades de

perceber, durante o governo Vargas, o quanto a garantia da alimentação dependia da permanência no trabalho, eram essas políticas já mencionadas serem restringidas inicialmente para os trabalhadores cuja categoria de trabalho tinha vínculo com a previdência social.

Em *Geografia da Fome*, ao citar Ardant (1959, p.127), Josué de Castro esclarece essa relação da fome com o desemprego, mencionando o nordeste brasileiro como a maior ocorrência dessa associação. Através do trecho: “se é válida a existência de uma geografia da fome, também é válido o conceito de uma geografia da desocupação”, ele evidencia as diversas falácias do desemprego da década 1930 ainda no Nordeste: “Não apenas de desemprego ostensivo, e endêmico, mas do desemprego dissimulado, mascarado, parcial ou estacional” e afirma que: “qualquer plano de desenvolvimento desta região, visando a elevação os seus níveis de vida tem que centralizar os seus objetivos ou alvos, primeiro no combate ao desemprego.” (CASTRO, J, 1975, p. 310).

*“O mundo me condena, e ninguém tem pena  
Falando sempre mal do meu nome  
Deixando de saber se eu vou morrer de sede  
Ou se vou morrer de fome  
(...)*

*Não me incomode que você me diga  
Que a sociedade é minha inimiga  
Pois cantando neste mundo*

*Vivo escravo do meu samba, muito embora vagabundo (...)*”

( *Canção: Filosofia. Noel Rosa e Andre Filho, gravada em 1933 – Música nº 7, do anexo*)

A fome sempre foi um tema considerado “delicado e perigoso”, segundo Castro, J (1975, p. 17), sendo legitimado até então como um “tabu” da civilização, com pouca produção científica sobre o assunto até então, e fruto de “preconceito de ordem moral e de ordem política”. Nas canções “João Ninguém” e “Filosofia” de Noel Rosa, é possível notar um sentimento de abandono estatal e uma falta de importância social em relação ao acesso a alimentação, tendo como resultado o aparecimento recorrente da fome nas canções. Fatores como não ter certeza em que momento será a próxima refeição do dia, “comendo bastante no almoço pra se esquecer do jantar” ou a crítica social de que, vendo a sociedade como uma grande inimiga, pouco parecia importar se um cidadão morreria de sede ou de fome. A partir dessas expressões, percebe-se o quanto sentir fome parecia participar de um resultado natural do “salário de fome” ou da “geografia da desocupação”, como bem mencionado por Josué.

Contudo a existência da fome brasileira era um fato, dissecado com a devida importância pioneiramente a partir da década de 1930 no Brasil. Diversos estudos vinham traçando um destino de programas e políticas públicas, que procuravam amenizar o problema permanente da fome, encarado ainda na atualidade brasileira.

### Capítulo 3. A poética no campo da fome

“(…) *Passo a pastéis de brisa  
E não tenho mais camisa  
Só tenho a filosofia  
Que me dá consolação  
Com a barriga assim vazia  
Sei que morrerei  
No necrotério acabarei  
Mas não será de indigestão*”

(Canção: *Minha vida se consome*. Adoniran Barbosa – 1932. **Música nº 5, do anexo**)

A origem da palavra fome já determina sua causa, quando em latim origina de “*fame*”, desenvolvida da palavra “*famulus*” cuja interpretação é “escravo ou servo”, o que conecta o problema da fome “ao aparecimento da desigualdade social no mundo” (FERREIRA, 1974, pp. 643,608 por FREITAS. M. D. C. S . D , 2003, p. 13). Sendo esta interpretação etimológica problemática (uma vez que pertence ao mesmo grupo a palavra “*família*”), acrescentamos que, no global, a palavra “fome” denota a desigualdade social e também o caráter comunitário: conjunturalmente falando, os efeitos da fome são sentidos num grupo, numa comunidade.

Segundo Freitas (2003, pp. 29-30), ao mencionar a Teoria de Darwin sobre a existência da fome, “a incapacidade de o homem se alimentar plenamente” está associada “aos limites impostos pelo ambiente natural”. De acordo, com esta menção considera-se a necessidade vital do homem em relação ao alimento uma busca instintiva, sem se comprometer com seu meio que, como bem afirma Freitas, consta como sua “diferenciação adquirida pela intencionalidade histórica na práxis social dos homens – e contrastante com a dos outros animais”, quando esta diferenciação é que realmente define “a qualidade, a distribuição e o acesso à alimentação.”

O problema da alimentação, como afirma Dastre por Castro, J (1939, p.16), é “culinário e gastronómico, mas também económico, social, higiénico, medico e até moral. Mas, é antes de tudo e principalmente fisiológico.” O que é definido socialmente é a nutrição diferenciada que cada indivíduo pode ter, variando de acordo com sua cultura e estrato social, sempre na condição de estabelecer condições de evitar a fome, e neste processo definem seus símbolos às diferentes possibilidades entre favorecidos e desfavorecidos sócio-economicamente (FREITAS 2003, p. 30).

“ A fome – eis um problema tão velho quanto a própria vida. Para os homens, tão velho quanto a humanidade (...). Antes de tudo, porém, precisa, dia após dia, encontrar com que subsistir – comer. E esta necessidade é a fome que se encarrega de lembrá-la. Sob o seu ferrão e para lutar contra ela, a humanidade aguçou seu gênio inventivo. Ninguém o ignora. E todo mundo sabe também que, nesse velho combate contra esta praga permanente, o homem conseguiu apenas uma vitória incerta e precária.”  
(MEYER por CASTRO, J, 1975, pp. 9-10)

Para além das causas da fome serem de origem social ou biológica, também pode ser percebida nas manifestações socioculturais. Determinada a partir da prática cultural e simbólica, a fome pode ser tratada da seguinte maneira: “no mundo cotidiano dos que sobrevivem sem esperança de conquistar sua cidadania, e que, por essa razão, não escolhem os modos de vida, mas tentam interpretá-los em suas próprias visões de mundo”. Ressalta-se que as “características socioculturais próprias e diferenciadas” dependem do “grupo social” em que vivem e de qual cultura pertencem (SARDENBERG por FREITAS, 2003, p.8).

*“Viver alegre hoje é preciso  
Conserva sempre o teu sorriso  
Mesmo que a vida esteja feia  
E que vivas na pinimba  
Passando a pirão de areia”*

*(...)*

*Comparo o meu Brasil  
A uma criança perdulária  
Que anda sem vintém  
Mas tem a mãe que é milionária  
E que jurou batendo o pé  
Que iremos à Europa Num aterro de café  
(Nisto eu sempre tive fé)”*

*(Canção: Samba da boa Vontade, Noel Rosa e João de Barro – Música nº 4, do anexo)*

De acordo com Mayer por Castro, J (1975, p. 9) a fome, considerada como “inevitável e irremediável”, era uma crença muito comum, justificada nos relatos históricos que valida a teoria de “males provocados por flagelos naturais” e “que a própria sociedade comportava desigualdade entre os homens”. Ou seja, processos da fome não se iam deter constituindo uma fatalidade. Assim, segundo ainda Mayer, “ um flagelo só permanece inevitável quando permanece em mistério”.

Segundo Avila (1990, p.50) por Freitas (2003, p.31) a iniciativa de “ignorar a fome” não aconteceu na história de forma aleatória, e sim como uma oportunidade, a partir do “desenvolvimento das sociedades pré-industriais” de manter trabalhadores “subordinados às políticas de crescimento das riquezas”.

Para Castro (1975, p.19), o silêncio ao redor do tema “fome” indica uma forma de ofuscar os instintos primários humanos, que são bastante impactantes dentro de uma sociedade culturalmente “racionalista”, e que “procura por todos os meios impor o predomínio da razão sobre os instintos na

conduta humana, considerando assim a fome um assunto tabu. Viver a “pirão de areia” é como enganar o próprio instinto primário da fome e estabelecer no elemento acessível (a areia) uma esperança de que o alimento um dia esteja tão disponível quanto o “chão” das praias.

“(...)Fiquei pensando e comecei a descrever  
 Tudo, tudo de valor  
 Que meu Brasil me deu  
 Um céu azul  
 um Pão de Açúcar sem farelo  
 Um pano verde e amarelo  
 Tudo isso é meu (...)”

(Canção: *Recenseamento*. Carmen Miranda – gravação em 1940. **Música nº 27, do anexo**)

“Pastéis de Brisa”; “Pirão de Areia” e “Pão de Açúcar sem farelo” são alimentos impossíveis, ninguém satisfaz a fome com estes alimentos formados a partir do comestível (raro) e o incomestível (abundante e acessível: a brisa, a areia, o morro do Pão de Açúcar, que todos podem ver). A poesia das canções exprime, nestas metáforas, a distância entre o alimento desejado, que se pode dizer e cantar, e o inacessível, a realidade quotidiana da escassez que não impede de sonhar e de viver com um sorriso.



#### Capítulo 4. Mobilidade e fome

No Brasil, diante de inúmeros estudos sobre a fome, apresentam-se duas possíveis abordagens: “uma condicionada pela clínica, que entende a fome como uma doença física da pobreza, e outra que a compreende como uma condição de penúria humana resultante do processo histórico-social”. A fome então é vista como resultado de uma sociedade pautada pela desigualdade social (FREITAS, 2003, p. 34).

As cinco regiões brasileiras tal como são conhecidas atualmente foram definidas em 1969 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de geografia Estatística), são estas: região sul, sudeste, centro-oeste, norte e nordeste, e cada qual delimitada por seu conjunto de Estados, reconhecidos pelas características naturais, pela disponibilidade de recursos locais e ambientais. O Nordeste brasileiro, de todas regiões, é a que possui maior número de cidadãos eleitores do país e ao mesmo tempo é a que enfrenta as dificuldades de um clima semi-árido que afeta as condições de vida.(COELHO, T. D. S, 2012. p 11).

A situação da fome se estabelece de maneira diferente nas regiões brasileiras. Nota-se que no Norte e Nordeste brasileiro, até mesmo no final do século XIX, ainda havia o flagelo da fome assolando seus territórios, enquanto o acesso ao alimento permanecia mais disponível nas regiões Sul e Sudeste. Segundo, respectivamente, Martins, 1975 & Neto<sup>1</sup> por Freitas (2003, p. 18), este fenômeno ocorreu devido à “herança do capitalismo industrial” iniciada na década de 1920, sendo a região sul e sudeste, nas palavras da autora, mais “privilegiadas“ com as “mudanças na agricultura em direção aos caminhos modernizantes” na época. Acrescenta ainda: “o atraso econômico e social em qualquer região tem subjacente o modo particular de conceber a relação capital-trabalho e as formas de sobreviver associadas às carências de políticas sociais”.

O Norte e o Nordeste brasileiro são marcados na história como as regiões de maiores concentrações de pobreza e fome, pois ocupam o mesmo espaço com “milionários projetos agrícolas de capital estrangeiro, em meio aos intensos conflitos de terra entre trabalhadores e fazendeiros“, como afirma Freitas (2003 p.18). Como já mencionamos, Portinari, pintor brasileiro, realizou uma série de quadros chamada “Retirantes” que abordam essa migração das regiões semi-áridas nordestinas por falta de condições mínimas de vida. Percebe-se em comum nessas obras o cenário da fome: “Os corpos esqueléticos castigados pela fome de uma família desesperada que leva tudo o que possui para buscar uma vida melhor” (COELHO, T. D. S, 2010, p. 3).

#### 4.1 Trajetos e partidas sertanejas

*“Seu doutô os nordestino têm muita gratidão  
Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão  
Mas doutô uma esmola a um homem qui é são  
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão.*

*É por isso que pidimo proteção a vosmicê  
Home pur nós escuído para as rédias do pudê  
Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê  
Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê  
Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage  
Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage  
Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiage  
Lhe pagamo intê os juru  
Sem gastar nossa corage*

*Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão  
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!  
Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão  
Como vê nosso distino mercê tem nas vossa mãos”*

*(Canção: Vozes da seca. Luis Gonzaga – gravação em 1953. Música nº 53, do anexo)*

Segundo Souza S. L (2017, p.83) no que diz respeito a esta região brasileira, o “contexto cultural nordestino, por ser uma região menos industrializada e economicamente mais frágil” muitas vezes está associado, como um “espaço inferior, lugar de penúria e miserabilidade”. Esta imagem do nordeste constrói o que Lucena, 2006, p. 3, por S. L Souza (2017, p.83), aprofunda como constituindo uma “memória coletiva”, dando-se a reprodução desse pensamento, que atravessa várias gerações acerca de um Nordeste caracteristicamente precário em condições de vida.

A seca, indicada como “falta de água” e “rigidez do solo”, assola a região nordeste há séculos. Há descrições do período colonial sobre essas características com a plantação de canas de açúcar em Pernambuco. Entretanto, é possível observar na história a seca enquanto problema social pela primeira vez no final do século XIX. Sucedem-se outros episódios, o que despontou como principal medida de combate a construção de açudes, que contudo, continuavam não fornecendo a disponibilidade da água (COELHO T. D. S, 2012 p. 15).

Outra medida, realizada já no início do século XX, era realocar os nordestinos do semi-árido durante as secas. Neste período devido à grande extração de borracha e exportação da mesma, estes deslocados tinham como principal destino a região amazônica no Norte do país. Chamados de “Retirantes” eram literalmente retirados de suas casas sem “planejamento governamental” e enviados “na maioria das vezes, para áreas inóspitas e desconhecidas” (COELHO. T. D. S, 2012 p. 16).

Houve duas graves secas vivenciadas em 1932 e 1942 no semiárido nordestino, com maneiras completamente diferenciadas de resolução por parte do Estado Vargasista (COELHO. T. D. S, 2012 p. 17). Em 1932, no Ceará, a falta de água e a improdutividade da terra causou um colapso social marcado por uma “forma de ação” caracterizada pelo “saque e a invasão das cidades” protagonizado por “um sujeito coletivo – a multidão” (NEVES, 2001, p 113). A noção da importância das medidas que efetivassem o controle social dos “Retirantes” a cada seca grave que se passava tornava-se mais nítida aos olhos dos governantes, ou dos “doutores” mencionados na canção.

O governo Vargas foi reconhecido como um estado que priorizou o desenvolvimento industrial do Brasil, que junto a este fato também enalteceu o trabalho urbano e operário do qual aumentou a oferta de empregos e estimulou a migração brasileira. Esta migração também contava com os sertanejos, que por falta de condições de sobrevivência em suas próprias terras em períodos de seca, continuavam inevitavelmente saindo de suas localidades para outros pontos do país (COELHO, 2012, p. 18) . Em 1932, mais um período de seca grave, as cidades ao redor das regiões mais críticas já estavam sob alerta de saques e invasões dos fugitivos retirantes em busca de alimentos. A medida encontrada para impedir essa “multidão” faminta, foi a realização do que ficou conhecido na história como campo de concentração dos retirantes nordestinos, como bem ilustra NEVES (2001):

“A fim de prevenir a “afluência tumultuária” de retirantes famintos a Fortaleza, cinco campos localizavam-se nas proximidades das principais vias de acesso à capital, atraindo os agricultores que perdiam suas colheitas e se viam à mercê da caridade pública ou privada. Dois campos menores situavam-se em locais estratégicos de Fortaleza, conectados às estações de trem que traziam os famintos, impedindo que eles circulassem livremente pelos espaços da capital. Uma vez dentro do campo, o retirante era obrigado não só a permanecer nele durante todo o período considerado de seca, mas deveria submeter-se a condições de moradia, relacionamento, trabalho e comportamento regulados pelas normas irredutíveis ditadas pelos dirigentes indicados pelo interventor” (p. 109).

A partir da análise da PEREIRA T. C (2019, pp. 31, 35-36) sobre os campos de concentração nordestinos, seus significados e associações, foi possível observar o que ela chama da consequência de uma “violenta ação política”. O primeiro campo de concentração foi realizado na severa seca de 1915, onde a capital do Ceará recebeu em torno de 300 mil sertanejos em Fortaleza, dos quais estima-se 27 mil mortos, contabilizados de acordo com Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (CE) – 1891 a 1930 realizado em 1916. Ao todo foram sete campos de concentração para garantir que a capital não fosse “tomada” pelos considerados “flagelados”.

As medidas governamentais aplicadas em 1932 por Vargas incluíam a manutenção dos açudes e a realização de novos, construções de poços e principalmente os Centros Agrícolas, regulados pelo IFOCS (Inspetoria federal de Obras Contra a Seca) e decretados definitivamente pelo governo em

1931. O decreto descrevia esses centros como uma “hospedaria” e considerava-os uma “medida emergencial” governamental, o que se traduzia na prática, como os “campos de concentração” (PEREIRA T. C, 2019, p. 46-49).

Em 1942, a estiagem retornava com a mesma severidade das grandes secas, que dessa vez, ocorria junto a outra preocupação: a segunda guerra mundial. A venda da borracha extraída das seringueiras na região amazônica foi considerada como a grande colaboração no esforço de guerra junto com os Aliados e os EUA. Havia, portanto, um interesse estratégico e militar nesta exportação, pelo que o Governo Vargas defendeu a posição dos seringueiros enquanto representantes do Brasil na Segunda Guerra (COELHO, 2012, pp. 107-108, 111).

“O governo Vargas teria uma grande oportunidade de utilizar-se de uma problemática para sanar outra. A expectativa de migrantes levados para o Norte foi de mais de 48 mil pessoas, a maioria de homens adultos, mas estão computados neste número tanto mulheres quanto crianças, que, inicialmente, não preencheriam a vaga de “soldados”. Levados aos seringais do norte do país, principalmente por via terrestre, e nos anos anteriores quando a seca atingia a região, os retirantes eram levados por via marítima.”COELHO (2012, p. 112)

Notavelmente a migração mais uma vez era a alternativa mais assertiva para o sertanejo, que percebia da migração já vivenciada uma década antes, em 1932, uma alternativa considerada “uma válvula de escape à calamitosa situação pela qual passava a região” (COELHO, 2012, p. 114). Foram então fomentadas algumas medidas durante 1942, como:

“A providência de alojamento e comida para aqueles que trabalhassem ou que estivessem à espera do vapor para a Amazônia. (...) melhoria nas condições de alimentação, controle dos preços dos alimentos, prosseguimento na construção de rodovias, construção de abrigos. Enumerando outras possibilidades para amenizar os problemas futuros provenientes da ocorrência de novas secas, como a formação de novas colônias de povoamento, eliminação de latifúndios improdutivos, autonomia para o IFOCS, aumento do orçamento para a região, e “instituir uma legislação adequada ao nordeste, regulando as condições de trabalho e os contratos de locação de serviços entre trabalhadores e proprietários de terras”.

(T. S COELHO, 2012, p. 117)

A canção *Vozes da Seca* pode ser analisada como um apelo de um sertanejo, dirigido a uma figura representativa do Estado, sendo neste caso Getúlio Vargas, conforme observado por Souza S. L (2017, p. 84-85), que acrescenta: “a carência causada pela seca e a gratidão pela ajuda recebida pelos “sulistas”, os sentidos instaurados a partir do texto remetem a um sujeito que se posiciona e tem ciência de que a resolução para o seu Estado de privação material não está na doação de ajuda material”. Vargas acreditava já nesta premissa na primeira seca do seu governo, em 1932, quando reconheceu que as medidas anteriores só resultaram na permanência do problema, que de forma alguma foi revisado de maneira a ser solucionado a longo prazo, pois se tratavam de uma política baseada na "caridade pública e a esmola social" (PEREIRA, 2019 p. 54).

*“Quando olhei a terra ardendo  
 Igual fogueira de São João  
 Eu perguntei a Deus do céu, ai  
 Por que tamanha judiação  
 Que braseiro, que fornalha  
 Nem um pé de plantação  
 Por falta d'água perdi meu gado  
 Morreu de sede meu alazão  
 Inté mesmo a asa branca Bateu asas do sertão  
 Entonce eu disse, adeus Rosinha Guarda contigo meu coração  
 Hoje longe, muitas léguas Numa triste solidão  
 Espero a chuva cair de novo  
 Pra mim voltar pro meu sertão  
 (...)”*

*Canção: Asa branca. Luis Gonzaga - gravação 1947. Música nº 39, do anexo)*

A paisagem do sertão nordestino carrega, nos períodos de seca, o sofrimento do sertanejo. Gilberto Freyre, 1947, p. 45 por Castro, J (1975, p. 234) elucida sobre esta questão quando descreve: “sertão de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. As sombras como umas almas do outro mundo com medo do sol”. Considerada um “processo de perda cultural infringido pela seca”, a saída dos retirantes de suas terras durante a falta de chuva denotava também outra perda: “das marcas de tempo e espaço” determinadas por datas muitas vezes de festas religiosas, como o Natal, sem o festejo ou comemoração ocorridos normalmente em tempos sem seca (MURARI. L, 2003, p.98).

Segundo Galvão W. N (2006 ,pp.195-196), existem duas faces do exôdo rural no Brasil: do campo para as cidades, ou do Nordeste para o sul, o que justifica em seu ponto de vista, a “percepção da mobilidade entranhada na produção artística”. A chamada pelo autor de “mudança geográfica do proletariado interno” esteve registrada através do censo de 1930, que inverteu as proporções populacionais rurais e urbanas, indicando um total de “80% da população vivendo nas cidades e 20% no campo”.

Concentrados nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, os nordestinos vão compor algo representado como “exército de serventes de pedreiro” na construção civil em atividades de trabalho indicadas como ”precária e aleatória”(GALVÃO W. N, 2006, p. 196). O adeus ao sertão cantado na canção “Asa Branca” de Luiz Gonzaga apela a busca por condições mínimas de sobrevivência e pela ansiedade do retorno a casa e a família, que dependem exclusivamente do retorno também da chuva, registram no cenário artístico brasileiro mais um período de seca para o retirante nordestino.

“A obra de Portinari: Os retirantes, de 1944, brevemente contextualizada acima, retrata uma família de retirantes que foge da seca, da miséria e da fome. Essa família é composta por nove membros e, olhando atentamente, percebe-se que a mulher carrega mais um em seu ventre. Aparentemente a família é composta pelo patriarca, um senhor mais velho que se encontra à esquerda da pintura. Na sua frente provavelmente a neta mais velha, que segura um de seus irmãos. A mãe de todas as crianças se encontra ao fundo, com um bebê no colo e grávida de outro e segurando em sua cabeça uma trouxa. Ao seu lado, o pai, que segura uma das crianças pela mão e tem outras duas ao seu lado, sendo que, na outra mão, o pai carrega uma pequena trouxa que provavelmente contém os únicos pertences da família.” (CANDATEN L & VELOSO M. T, 2014, p. 116)

A insegurança alimentar do sertanejo, segundo Castro, J. (1975, p. 235), advinha da falta da disponibilidade dos alimentos e as supostas formas de armazenamento dos poucos disponíveis, dependentes de uma vida nômade. São assim forçados a “reduzir os seus utensílios de cozinha ao pouco que se possa enrolar dentro de uma tenda, de uma rede ou da matulagem do retirante, do tangedor de gado, do bandoleiro ou do cangaceiro itinerante” \_\_ Algumas dessas, chamadas pelo autor “combinações” alimentares, denotam os escassos recursos, como: “abóbora com leite, queijo com rapadura” ou “batata-doce com café”.

Nota-se na obra “Retirantes” de Portinari um conjunto de informações sobre a seca enfrentada pelos personagens, percebida por Candaten & Veloso (2014, pp. 116-117), como: olhar triste sofrido, magreza extrema, barriga de uma das crianças arredondada por verminose, a presença de urubus em conjunto cenográfico da terra ressecada com presença de ossos e a vida resumida em uma “trouxa” de pano.

A partir das conclusões de Castro (1975, p. 236) acerca da alimentação no Sertão e o gasto energético do sertanejo em sua obra *Geografia da Fome*, o Cearense, em seu estudo, caracteriza os “habitantes do deserto tropical” indivíduos com características hipermetabólicas, inclusivamente comparado a habitantes do deserto saariano, uma vez que para além de as condições climáticas aumentarem o esforço físico, soma-se a “vida mais agitada fisicamente obrigada a contínuos exercícios de equitação”.

A força sertaneja encontra-se justificada, através destes estudos, no hábito alimentar do Sertão, que consta grande presença de proteínas, pois “dá ao sertanejo essa resistência um tanto impressionante para os habitantes de outras zonas do país”, com participação de alimentos como: “carne de bode, leite e o queijo do sertão” (Castro. J, 1975, p.241). A fonte geradora da tamanha força do povo sertanejo reflete na descrição de Menezes, 1937 por Castro, J(1975):

“Só um povo forte pode exhibir esta força, esta resistência surpreendente às fadigas e às vicissitudes mais exacerbadoras, esta disposição incansável para o trabalho, esta constituição férrea que o torna sobranceiro às intempéries, aos reveses, às endemias, e o leva com frequência a cometimentos titânicos.” (p. 242).

*“A vida aqui só é ruim  
Quando não chove no chão  
Mas se chover dá de tudo  
Fartura tem de montão  
Tomara que chova logo  
Tomara meu deus tomara  
Só deixo o meu cariri  
No último pau-de-arara  
Só deixo meu cariri  
No último pau-de-arara  
Enquanto a minha vaquinha  
Tiver o couro e o osso  
E puder com o chocalho Pendurado no pescoço (...)”*  
(Canção: último pau de arara. Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira - 1950.  
**Música nº 43, do anexo).**

Ao relatar que na terra sertaneja “dá de tudo”, a canção trata da disponibilidade dessa terra, ou seja, as plantações sempre atreladas à dependência da chuva. Ainda nos estudos de Castro. J (1975, pp. 242-243), ao contrário do que se pensa, a alimentação do sertão rica em proteína seria suficiente para o seu gasto de energia, entretanto haveria uma agravante: as secas, que justificam a maior ocorrência de doenças por falta de consumo de vegetais e frutas e, logo, maior prevalência do deficit de vitaminas e minerais.

“É que constitui um trabalho de Hércules, capaz de esgotar as reservas e energias de qualquer povo, este de retirar de um solo semiárido recursos alimentares suficientes e variados para a vida do homem economicamente segregado em tais confins. A custa deste constante labor pode o sertanejo manter o equilíbrio da sua economia alimentar à base da produção, que as quadras chuvosas fornecem.” (CASTRO, 1975, p. 253.)

Apesar do esforço, esta “fartura transitória” descrita por Castro na citação acima, faz marcas na vida de milhares de sertanejos. Conhecida como uma instabilidade econômica regional, a seca evidencia a fome, que não demora a aparecer “mesmo a um simples retardamento no início das chuvas, sua interrupção antecipada ou sua inopinada ausência.” É a “crise de produção de alimentos” que delimita a diferença de uma “seca parcial” ou uma “seca propriamente dita”, sendo o caso de graves secas como a ocorrida em 1915 e 1932.

#### 4.2 Memória e mobilidade: fontes literárias e breve relatos

*“(...)Tudo, tudo na Bahia  
Faz a gente querer bem  
A Bahia tem um jeito  
Que nenhuma terra tem  
Lá tem vatapá Então vá!  
Lá tem caruru Então vá!  
Lá tem munguzá Então vá!  
Se quiser sambar Então vá!”*

*(Canção: Você já foi a Bahia. Dorival Caymmi – 1941. Música nº 30, do anexo)*

“Os hábitos e práticas alimentares de grupos sociais, práticas estas distantes ou recentes que podem vir a constituírem-se em tradições culinárias, fazem, muitas vezes, com que o indivíduo se considere inserido num contexto sociocultural que lhe outorga uma identidade, reafirmada pela memória gustativa.” (SANTOS C. R. A, 2005, p.15)

Segundo da Matta (1987) por Santos C. R. A (2005, p.18) ao escrever o “simbolismo da comida no Brasil”, publicada em 1987 a comida: “tem o papel de destacar identidades e, conforme o contexto das refeições, elas podem ser nacionais, regionais, locais, familiares ou pessoais”. Os escritores e romancistas nordestinos, em destaque no período Vargas, abrangem na criação de seus personagens as adversidades políticas e sociais encontradas nos espaços de suas narrativas. Descrevem as dificuldades regionais e sertanejas, autores como Raquel de Queiroz e Jorge Amado, e não por acaso, marcam suas obras com menções à insegurança Alimentar vivenciadas no sertão.

Considerado um “porta-voz” da Bahia na literatura brasileira, Jorge Amado, um grande escritor brasileiro, realizou a partir de suas obras um “mapa regional” capaz de mencionar criticamente os “problemas sociais que assolam a Bahia e o Nordeste”. Fruto do movimento modernista, a produção de Jorge Amado apresenta dois olhares da Bahia, como afirma Celeste Andrade (2000): uma Bahia indicada como “espaço de liberdade e felicidade” e a outra notada com a presença da “seca, pobreza, miséria”, inseridas no sertão nordestino (COSTA A. A & ANDRADE C. M , 2013, p.798), ambas espaços de memória.



“Duramente, Chico Bento trabalhou todo o dia no serviço da barragem. Só de longe em longe parava para tomar fôlego, sentindo o pobre peito cansado e os músculos vadios. E o almoço, ao meio-dia, onde, junto ao pirão, um naco de carne cheiroso emergia, mal o soergueu e animou. Já era tão antiga, tão bem instalada a sua fome, para fugir assim, diante do primeiro prato de feijão, da primeira fatia de carne!... E até é amargo o gosto daquela carne, lembrando-se de que Cordulina, a essa hora, engolia um triste resto de farinha, e junto dela, devorada a magra ração, os meninos choravam...” (R. Queiroz, 1983, pp. 113-114)

Chico Bento, personagem de Raquel Queiroz, retirante nordestino, após perder seu trabalho devido à seca, sai do sertão com toda sua família em busca da ração mínima e de melhores condições prometidas pelo Estado, até então, acreditando encontrar no campo de concentração. Depois de meses vivenciando a fome e a miséria, Chico Bento descreve acima a sua primeira refeição no precário trabalho que conseguiu ao chegar na capital. A “fome tão bem instalada” e em seguida, a sensação do primeiro prato de feijão com naco de carne subverte a memória da fome e apresenta novas memórias, de um tempo remoto onde ainda havia acesso a alimentação.

Ao tratar de outra obra sertaneja, que comunica a alimentação à memória coletiva, é possível mencionar “*Grande Sertão: Veredas*”, do autor modernista Guimarães Rosa. As suas “abundantes referências à alimentação, às preparações, aos utensílios de cozinha e aos ritos de comensalidade” funcionam como “gatilhos” da memória do protagonista da obra, como comenta A.M.S Araújo (2017, p.173), afirmando ser este um importante aspecto para a “expressão da memória coletiva” e portanto para formação da imagem do Sertão e suas problemáticas.

“Muitos misturavam a jacuba pingando no coité um dedo de aguardente, eu nunca tinha avistado ninguém provar jacuba assim feita. Ou usares! A ver, como a Fafafa abria uma cova quadrada no chão, ajuntava alí brasas grandes, direto no brasal mal-assasse pedaço de carne escorrendo sangue, pouco e pouco revirava com a ponta do facão, só pelo chiar. Disso definitivo não gostei. A saudade minha maior era de uma comida guisada! Um frango com quiabo e abóbora-d água e caldo, um refogado de carurú com ofa de angú. Senti padecida falta do São Gregorio.” (G. ROSA, 2001, p 184 por ARAÚJO A. M. S, 2017, p.180).

O resgate da memória coletiva a partir de experiências individuais e locais, no caso desses romancistas mencionados nos períodos de fome e penúria, vinculam-se com a ficção construindo personagens representantes de um determinado tempo, lugar e trajetória. De acordo com Chapini (1995, p. 153-154) por Lima C. S (2019, p. 32) existe na obra regionalista o propósito de “traduzir peculiaridades locais”, pois registra através de suas histórias “o momento e lugar”.

Raquel de Queiroz, considerada uma escritora que inclui em suas obras a fome como um elemento “transversal” às suas histórias, como afirma Lima C. S (2019, p.55), insere em seus

contextos literários um aspecto importante e aliado a fundamentar a insegurança alimentar instalada no Sertão nordestino: “a fé que consola o povo”. Acreditava-se que a fome era um provável acontecimento natural e de cunho religioso, uma espécie de castigo divino:

“Conceição, que olhava um dos meninos, nu, tão magro que era um espanto ver aquele ventre tão grande se suste em umas pernas tão finas, horrorizou-se:  
- Vocês vieram de trem compadre?  
- Só do Acarape pra cá. Das Aroeiras até lá tinha se vindo por terra...  
- Virgem Maria! Como foi que um bichinho desses aguentou! Só milagre!  
Cordulina fez um gesto cansado de mãos. O Vaqueiro murmurou:  
- Só Deus nosso senhor sabe...”  
(R. Queiroz, 1983, p. 101).

Como abordado através de Peixinho, 2016, p. 200 por Araújo A. M, S (2017, p.180) é notável que “alimentarmo-nos representa muito mais do que uma atividade fisiológica essencial a vida, é um ato de incontestável dimensão cultural: os alimentos carregam significados, são portadores de imagens simbólicas, representam comportamentos coletivamente imaginados que permitem entender a alimentação como uma verdadeira linguagem (...)”. A insegurança alimentar então, compromete, não apenas, e fundamentalmente, a saúde dos que sofrem com sua mazela, mas também participa do declínio de toda estrutura sócio-cultural que pertence a rotina alimentar de uma comunidade. É como notar a comensalidade apegada ao seu último fio condutor, a memória gustativa.

## Capítulo 5. A posição social da mulher nos governos Vargasistas

A posição da mulher na sociedade pode ser aferida a partir de fontes escritas de cunho pessoal, como cartas e diários e assim obter uma caracterização histórica e social. A partir dos relatos contados era possível adentrar na realidade vivenciadas por elas, como explica De Almeida, 2014, p. 347 por Lopes B. A & Dubiel E. C Q (2021, p. 63). Mas, ainda assim, essas fontes pertenciam em sua maioria ao público feminino de classes bem favorecidas devido ao maior acesso à escolaridade.

### 5.1 Gênero, vulnerabilidade social e insegurança alimentar

*“Lata d’água na cabeça  
Lá vai Maria  
Lá vai Maria  
Sobe o morro e não se cansa  
Pela mão Leva a criança  
Lá vai Maria*

*Maria Lava a roupa Lá no alto  
Lutando pelo pão de cada dia  
Sonhando com a vida  
Sonhando com a vida  
Do asfalto*

*Que acaba Onde o morro principia”*  
(Canção: *Lata d’água na cabeça* . Compositor *Candeia* – 1952-  
**Música nº 51, do anexo)**

Chamada de “autora improvável” Carolina Maria de Jesus em sua obra “*Quarto de Despejo*” representa “a condição da mulher negra, favelada e única responsável pela educação e sustento dos filhos na década de 1950” e apresenta em seu livro o abismo social existente nos “anos dourados” (1945-1964): “o rosto da mulher que batalhava todos os dias para não deixar os filhos passarem fome” ( LOPES & DUBIEL, 2021, p. 63).

“Aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei pra ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu levei 3 litros e troquei com arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.” (C. M. JESUS. 2020, p.15)

Como anteriormente mencionado, é importante ressaltar o objetivo central de toda e qualquer ação do governo Vargas, que cumpria com o seguinte pensamento: “o que está em questão é o bem

estar do conjunto da população, de modo a transformar cada cidadão em um produtor inteligente de riqueza, com hábitos de higiene e de trabalho, consciente do seu valor moral” (OLYMPYO, 1938, pp.121-122 por OSTOS N. S. C, 2009 p. 47). Nesse sentido, a mulher teria papel fundamental no alcance da reestruturação da sociedade brasileira.

O público feminino detinha sob sua responsabilidade fatores considerados essenciais para o progresso nacional pelo período Vargas, como: aumento da natalidade, descrito como um problema de ordem nacional uma vez observado a “proporção entre quilometro quadrado e a população que nele reside em 5 por km<sup>2</sup>”; assim como a ampliação de ações relacionada com a maternidade, dos quais destacam-se: “reduzir a mortalidade, especialmente a infantil, amparar a maternidade, principalmente em relação às classes mais numerosas, economicamente fracas e socialmente dependentes” (FISCHLOWITZ, 1942, p. 40 por OSTOS 2009, p. 49).

A inserção dos direitos trabalhistas femininos vinha acompanhada da destreza de limitar esses direitos para garantir o valor moral tão enaltecido pelo estado Varguista e portanto tornar intacta a principal função social da mulher: a maternidade e o cuidado com o lar. Um projeto idealizado por Capanema e assinado por Vargas, chamado Estatuto da Família em 1939 apresenta em pleno estado novo a proposta governamental dos direitos trabalhistas femininos quando assumem em artigos, menções como “medidas que possibilitem a progressiva restrição da admissão de mulheres” ou indicações de como educar as mulheres: “afeiçoadas ao casamento, desejosas da maternidade (...) capazes de administrar a casa” (PINHO A. V. S, 2021, pp. 24-25).

“Mesmo reconhecendo que a força de trabalho feminina era relevante para o bom desempenho de diversas atividades industriais, comerciais, e até das repartições públicas, nada disso superava, em importância, seu papel de mãe, esposa, educadora, cuidadora do lar e da família. No próprio *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio*, órgão que foi responsável pela implantação de diversas medidas de proteção ao trabalho feminino, alertava-se que a consequência da propagação do trabalho feminino sobre a fecundidade é a ‘diminuição de nascimentos’”; não seria, portanto, “desejável sob o aspecto social, correspondendo ao aumento da população, que a mulher procure trabalho fora de casa; seria útil, social e economicamente, que ela continuasse a administrar o lar”. (Boletim 1934, p. 120 por OSTOS 2009, p. 50).

“Lá vem você  
 Com a mesma conversa  
 De todo o dia  
 Que está tudo caro  
 E você não pode fazer economia  
 Já não há manteiga  
 E o feijão está custando um dinheirão  
 Se a vida der um boléu  
 Você acaba na rua,  
 Apanhando papel.  
 (...)

Mas é que o meu dinheiro  
 Não é verdura  
 Que plantando dá  
 E se você, menino, não está satisfeito  
 E quer bancar o grã-fino  
 Vá dança um tango  
 Vá comer um frango  
 Lá pelo cassino”.

(Canção: *Batatas fritas*. Compositor: *Ciro de Souza e Garcez*.  
 Intérprete: *Aurora Miranda*, 1940. **Música nº 28, do anexo**)

O direito ao voto pelas mulheres conquistado na recente chegada de Vargas ao poder, em 1932, foi um marco no avanço da participação das mulheres nas decisões do país, mas mesmo assim é possível notar que o papel da mulher no trabalho era visto com olhares limitados. Quando a legislação da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) ficou regulamentada torna-se evidente que a “proteção da mulher”, garantida pelo Estado, mantinha os desideratos primordiais de defender a “saúde, a moral e a capacidade produtiva” desse gênero (VASCONCELOS. S. O, 2014, p. 84).

Vasconcelos S. O (2014, pp. 84-85) ressalta, ao mencionar a CLT, as nuances que determinam o posicionamento da mulher no trabalho, seguimento tão enaltecido por Vargas e protegido como fundamental para o progresso nacional. A preocupação com a saúde da mulher era justificada de acordo com pensamentos como: “a inferioridade física feminina comparada ao homem” através da “proibição de horas extraordinárias” ou “vedação do trabalho noturno” e proibição de trabalhos que exigissem “força muscular acima de 20 kg”, exceto com a presença de atestado médico, possibilitando assim às mulheres de exercer normalmente apesar destas contraindicações.

Com tantas restrições da posição da mulher no campo trabalhista no governo Vargas, não é de surpreender a falta de acesso a muitos postos de trabalho, e mais uma vez a moral era garantida, assim como o tempo necessário que a maternidade exigia (VASCONCELOS, 2014, p. 75). O questionamento surge então sobre o direito trabalhista da mulher solteira, da maternidade enfrentada sozinha, o que as tornam dependentes de um estado que não garantia seus direitos e

posicionava seu sustento à mercê do trabalho do “homem da família”, apenas quando este se põe presente.

“Conceição atravessava muito depressa o campo de concentração.

As vezes uma voz atalhava:

- Dona, uma esmolinha...

Ela tirava um níquel da bolsa e passava adiante, em passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do mau cheiro do acampamento.

Mas uma voz a fez parar.

- Doninha, Dona Conceição, não me conhece?

Era uma mulata de saia preta e cabeção encardido, que, ao ver a moça parara de abanar o fogo numa trempe, e olhava rindo.

(...)

- Sim... Ah! É a Chiquinha boa! Por aqui? Mas você não era moradora de seu Vicente? Saiu de lá?

A mulher inclinou a cabeça para o ombro, coçou a nuca.

- A gente viúva... Sem homem que me sustentasse ... Diziam que aqui o governo andava dando comida aos pobres... Vim experimentar. “

(R, Queiroz, 1983, p. 65)

A personagem Chiquinha boa, da obra “ O Quinze” de Raquel de Queiroz lançada no fim da década de 1930, corriqueiramente sobrevivendo ao campo de concentração de Fortaleza denuncia a ausência de política pública de alimentação e nutrição voltada para mulheres e crianças, uma vez que as políticas existentes no período abrangiam de maneira privilegiada o trabalhador homem e apenas através dele se garantia o sustento de seus familiares.

*“E não tem comida pra botar no fogo  
Teu dinheiro vai pro jogo sem sobrar vintém  
Tua sinuca nunca tem saída  
Quem sabe da tua vida é o dono do armazém  
Mas qualquer dia eu passo a mão no taco  
Porque só cantando o taco é que o dinheiro vem  
E canto o taco pá  
E canto o taco pá”*

(Canção: Sinuca de bico .Interprete: Emilinha Borba - Ano gravação: 1944.

**Música nº 37, do anexo)**

Recordando a causa social da fome por Josué de Castro e reconhecendo a relação direta entre salário e acesso à alimentação segundo seus inquéritos, Saval & Wilke afirmam, que: “a fome era decorrente do baixo poder de compra da parcela mais pobre e desassistida da sociedade, que precisava constantemente adequar seu estômago ao orçamento disponível”. Entretanto, apenas 6% do chamado “trabalhador formal” tinha como direito o acesso ao salário mínimo. Ao contrário do que se pretendia com a regulamentação do salário, a “classe seleta de trabalhadores” não tinha como direito as políticas públicas “extensivas a seus familiares” o que agravou a “subnutrição entre os mais pobres” (SAVAL P. E & WILKE ,F. R, 2021, p. 182).

Apesar de não ser suficiente para amparar as mulheres, a legislação trabalhista voltada para os seus direitos foi de extrema importância pelo contingente desse público que já trabalhava no campo industrial. Eram cerca de 200.000 a nível nacional e em São paulo, dos quais aproximadamente 40% dos trabalhadores fabris eram do público feminino. Um pronunciamento nacional realizado pelo Ministro do Trabalho Indústria e Comércio no início da década 1940 recebia o título de “a senhora do lar proletário” evidenciando a potente função materna no árduo percurso da proletária brasileira. Faz parte do pronunciamento a indicação do significado da palavra proletário: “O termo representa, por tudo isso, um dos vocábulos mais belos da nossa língua e torna a mulher operária uma criatura digna dos maiores desvelos do Estado, porque é da classe operária que provém o maior número de cidadãos” (BRAGANÇA Y. V, 2018. p. 226 - 227).

## 5.2 Provedoras da alimentação

*“Quero uma mulher  
Que saiba lavar e cozinhar  
E de manhã cedo  
Me acorde na hora de trabalhar  
Só existe uma  
E sem ela eu não vivo em paz  
Emília, Emília, Emília  
Não posso mais  
Ninguém sabe igual a ela  
Preparar o meu café  
Não desfazendo das outras  
Emília é mulher (...)”*

*(Canção: Emília . Wilson Batista e Aroldo Lobo.  
Ano de gravação 1941. Música nº 32, do anexo)*

A posição social da mulher durante o período de Vargas era traçada tanto pelo parceiro quanto pelo estado, como explica Kauss V. L. T & Santos C. D (2017, p. 38) quando afirma: “a mulher é subserviente não apenas ao marido como também ao Estado, (...) porque em toda a história ele se faz presente, legitimando a soberania do “primeiro sexo” em relação ao “segundo”. Em 1937, surge um plano governamental para educação doméstica nas escolas, diferenciando o aprendizado de acordo com o gênero; meninas de 12 a 18 anos assistiam disciplinas, como: português, moral familiar, noções de civilidade, matemática elementar, ginástica e canto”, sendo de suma importância para o Estado que o ensino doméstico tornasse “destinado às mulheres oriundas das camadas pobres” (KAUSS & SANTOS, 2017, p. 39).

Conhecidas como “anjo do lar” e pertencendo a uma “ fábrica de donas de casa” garantida e incentivada pelo próprio estado, as mulheres possuíam legalmente seu papel bem definido (KAUSS & SANTOS, 2017, pp. 37,39).. Durante o período Vargas, duas personagens das canções brasileiras aparecem como exemplos de mulheres, justificadas pelos grandes feitos domésticos de ambas:

Emília, que sabe “lavar e cozinhar” e “ preparar o café”, assim como Amélia, outra canção de muito sucesso na década de 1940, que abdicava de sua vaidade e aceitava as condições de vida sem exigir demais da vida.

“(…) *Ai, meu Deus, que saudade da Amélia*  
*Aquilo sim é que era mulher*  
*Às vezes passava fome ao meu lado*  
*E achava bonito não ter o que comer*  
*E quando me via contrariado Dizia:*  
*Meu filho, que se há de fazer*  
*Amélia não tinha a menor vaidade*  
*Amélia é que era mulher de verdade*  
*Amélia não tinha a menor vaidade*  
*Amélia é que era mulher de verdade”*  
 (Canção: *Que saudade da Amélia.*

Comp. *Ataulfo Alves e Mario Lago. Música nº 58, do anexo).*

Segundo De Oliveira, N. R., & Vela, H. A (2008, p.5) a mulher é “quem está na porta de entrada e quem define o que vai à mesa” e desta decisão a posição social definida para a mulher interfere nas “preocupações sobre a situação de segurança alimentar do grupo familiar”. Para Assunção V. K (2008, p.235), a alimentação não é um “ato puramente biológico” pois ela também depende de fatores sociais, dos quais ele destaca “as relações familiares e de gênero”, pois o “papel de mãe” é frequentemente “naturalizado”, assim como a alimentação:

“Sugiro que se o lar é o espaço da família, a cozinha – tal como observei entre minhas interlocutoras no Morro da Caixa – é o espaço privilegiado da mulher, ou, especificamente, da intimidade entre mulheres. É na cozinha em que pode ser verificado o protagonismo da mãe, especialmente no preparo da comida e na produção e manutenção de um certo saber culinário.” (Assunção, 2008, p. 239).

Existem alguns aspectos cotidianos, que denotam a responsabilidade social da mulher na prática alimentar da família, como dificilmente “uma mulher prepara uma comida apenas para consumo próprio”, costuma ser “a última a sentar-se à mesa” e “ muitas delas servem primeiramente os demais membros da família antes de se servirem”. Considerando que no período Vargas, a função social da mulher no progresso do país incluía como papel principal o cuidado materno e a disponibilidade para o cuidado do lar, como já abordado anteriormente, é notável o quanto as canções e suas protagonistas “Amélia” e “Emília” representavam o quão imbuído este pensamento estava na população a ponto de ser inserida artisticamente e abraçada pelo público como grandes canções da época.

Observa-se, por contraste, que o ser capaz de prover comida traz consigo o direito a usar um nome. Estas senhoras são “as mulheres” de alguém, e não uma “ mulher qualquer”. Comparemos com o que se passa com canções já referenciadas em que o homem que trabalha fora de casa e que está em situação de vulnerabilidade alimentar (baixa renda, desemprego, fome) perde o direito ao



uso do nome passando a ser: “ João ninguém”, ou ser chamado por “Pão, feijão, café”, seja na boca do poeta, seja na boca dos familiares, que protestam por ele ser impotente para providenciar alimentos. Ter e gerir alimentos significa poder, e isso representa-se pelo uso do nome próprio. Não ter alimentos despersonaliza e dilui a identidade.

*Quem quiser vatapá  
 Ô, Que procure fazer Primeiro o fubá  
 Depois o dendê  
 Procure uma nêga baiana  
 Ô, Que saiba mexer  
 Que saiba mexer  
 (...)  
 Com gengibre e cebola, iaiá  
 Na hora de temperar  
 Não para de mexer  
 Ô Que é pra não embolar  
 Panela no fogo  
 Não deixa queimar  
 Com qualquer dez mil réis e uma nêga  
 Ô Se faz um vatapá (...)*

(Canção: *Vatapá*. Dorival Caymmi - gravação em 1942. **Música nº 35, do anexo**)

Para além da questão de gênero, sendo a mulher culturalmente apresentada como responsável do lar e da boa alimentação, se faz presente outra vertente: a discussão sobre atuação das mulheres negras como provedoras do alimento. Segundo Januário A. C. D. S (2018,p.36) é notável “o poder do protagonismo de negras e cozinheiras como guardiãs da memória da culinária afro-brasileira”. No Rio de Janeiro, no início do século XX, as chamadas “tias baianas” tinham suas casas, onde “as mulheres compartilhavam as receitas” e outras vivências:

“Por isso o espaço das casas servia para circular os anseios do tempo presente, permeado de aprendizados, lutas, música, festas, trabalho. Elas acolhiam com afeto a construção do samba. As tias baianas, com seus quitutes, tinham uma maior locomoção na cidade, seus corpos circulavam com mais facilidade, fazendo com que a comunicação fosse mais fluida entre a casa e a rua.” (NOGUEIRA & SILVA, 2015 por JANUÁRIO 2018, p. 36).

A música “Vatapá”, gravada em 1942 por Dorival Caymmi traz a preocupação do “quem realiza” e “como se realizava” a comida. Desta forma, são fundamentais tanto os ingredientes, como também quem os prepara, que neste caso são as mulheres negras. Em 1926, em um manifesto regionalista por Gilberto Freyre, 1955, é possível já observar o mesmo discurso, quando afirma:

“O preparado do doce, do bolo, do quitute de tabuleiro, feito por mãos negras e pardas com uma perícia que iguala, e às vezes excede, a das sinhás brancas. Pois há comidas que não são as mesmas compradas nos tabuleiros que feitas em casa. Arroz doce, por exemplo, é quase sempre mais gostoso feito por mão de negra de tabuleiro que em casa.” (p.1)

Entretanto, as atividades culinárias das chamadas quituteiras não eram recentes, sendo encontrada evidências de seu trabalho ainda no século XIX. Em 1850, na Bahia, por falta de local específico com a finalidade de vender seus quitutes, faziam das ruas de Salvador seu próprio comércio. Estima-se que das aproximadamente mil licenças expedidas no início do século XIX, oitenta e nove por cento eram para as mulheres, sendo metade das licenças para negros escravos e libertos. Sendo assim, importante a ressalva de que: “as mulheres africanas dominavam a venda de alimentos” (SOUZA T. L. M, 2018, p. 7).

Desses quitutes realizados pelas vendedoras ambulantes de Salvador, destacam-se: “caruru, vatapá, açaçá, acarajé, ubobó, cozidos com azeite de dendê e temperos comuns na África como a pimenta” (SOUZA T. L. M, 2018, p. 8). Os tabuleiros das baianas, eram então feitos em Salvador, principalmente por mulheres negras e constantemente apreciados e marcados por sabor e formas de preparo difíceis de reproduzir.

### 5.3 Sexualidade e alimentação: das cadeiras aos tabuleiros da baiana

*“No tabuleiro da Baiana tem  
Vatapá, Carurú, Mungunza  
Tem Ungu pra io io  
Se eu pedir você me dá o seu coração  
Seu amor de ia ia*

*No coração da Baiana também tem Sedução  
Cangerê, ilusão, candomblé Pra você  
Juro por Deus, pelo senhor do bonfim  
Quero você baianinha inteirinha pra mim(...)*”

*(Canção: no tabuleiro da baiana. Carmem Miranda, 1936. Música nº 15, do anexo)*

A baiana é uma palavra utilizada para descrever as “mulatas ou crioulas baianas com predominância no século XX”. Para Alessandro Kerber por Carmo S. S (2020, p. 285) a imagem dessas mulheres representava um símbolo da identidade nacional, considerada um “tipo popular do pós-abolição”, e contrastava com a postura do malandro, que também formava a imagem no mesmo período, entretanto a baiana tinha a característica de conciliar o “convívio harmônico com as elites e o gosto pelo trabalho”. Sendo marcante pelo uso dos “balangandãs”, indicada como uma jóia usada por mulheres negras em séculos anteriores, a baiana apenas tornou-se símbolo da identidade nacional no governo de Getúlio Vargas, sendo considerada antes disso como “entrave à civilização” (Carmo S. S, 2020, p.285-286).

Retratar a baiana em canções nacionais se tornou uma tradição popular dos cancioneiros a partir da década de 1930:

“A poética dessas canções superestimam a Bahia como uma idealizada “terra da felicidade”, assim como apontam para a cor e o corpo da “baiana sestrosa”, como ícones exóticos e apetitosos com características comuns, em “uma enumeração de ritos, roupas ou pratos típicos, quase sempre em associação com uma morena ou moreno que se deixou pra trás, e o máximo de rimas com ioiô e iaiá – expressões que já não se usavam na Bahia desde o tempo do imperador. [...] As canções ‘bairanas’ tinham um indiscutível sotaque turístico — só alguém de fora veria a Bahia com aqueles olhos”. Outro exemplo da representação sedutora da baiana capaz de “deixar a mocidade com água na boca” é o samba de Geraldo Pereira, “Falsa baiana” (1944). (Haudenschild, 2014, p. 80)

Quando mencionados termos como baiana, mães-pretas e mães-de-santo, é preciso esclarecer que estes papéis sociais das mulheres negras baianas, que obtiveram esses novos nomes a partir da Era de Vargas no poder do estado brasileiro através do enaltecimento da “baianidade” como símbolo nacional, antes da revolução de 1930 eram chamadas respectivamente de: quitandeiras, amas-de-leite e feiticeiras, como explica Carmo (2020):

“Denominações como ganhadeira, caixeteira, vendeira, quitandeira, negra de ganho, crioula cederam lugar para o termo baiana – que designa a mulher negra com traje de crioula ornada com jóias que exerce atividades de venda de alimentos nas ruas. Escasseiam-se na imprensa baiana artigos que apresentavam essas mulheres como um entrave à civilização e as atividades de ganho da mulher negra passam a ser apreciados assim como sua indumentária.” (p. 386).

Apesar de Salvador, claramente ser representado como capital desse símbolo nacional, na cidade do Rio de Janeiro, principalmente na região central, a baiana podia ser observada com esta mesma posição social e cultural, o que compete afirmar que a expressão “baianidade” era um “movimento nacional”, ou seja: “observável em jornais e revistas de circulação nacional” (CARMO, 2020, p.392). A partir do “samba urbano carioca”, que foi fundamentado pela “comunidade de negros e mulatos baianos”, que viviam no Rio, com a formação de “terreiros semanais das velhas baianas” conhecidas como “casas das Tias Ciatas” e da repercussão nacional que esse estilo musical e suas canções populares alcançavam com a amplitude das rádios a Bahia surge como uma “*cellula mater* do Brasil” da qual a mestiçagem assume uma função fundamental culturalmente. (HAUDENSCHILD, 2014, p. 81)

“Essa afirmação aponta para o contexto sociológico dos anos 30 de exaltação à miscigenação — corpórea e cultural — de Gilberto Freyre e Arthur Ramos, pois o discurso sobre a mistura positiva das raças indígenas, negras e brancas no Brasil, tornar-se-ia, desde então, o elemento catalizador de nossa modernização tropical: a miscigenação como solução da integração nacional”(Haudenschild, 2014, p. 81).

Surge no cenário musical carioca, uma representante do samba e potência da “baianidade”, que ultrapassava as margens nacionais e elevava a imagem da baiana para territórios internacionais

em plena década de 1930. Carmen Miranda, nascida em Portugal e criada desde meses de vida no Rio de Janeiro, teve como inspiração as baianas quituteiras do centro da cidade, que habitualmente ficavam famosos por seus pontos de venda de pratos típicos baianos, como o acarajé. Se apropriava de parte da vestimenta “típica” dessas baianas, como turbante e saia, mas tinha em sua performance artística a licença poética do exagero nas cores e sensualidade. Para além desses fatores que aproximava a Carmen da “baianidade” existia a principal questão, Carmen era uma das intérpretes de composições de dois compositores baianos e de suas canções de saudade e enaltecimento da cultura baiana: Ary Barroso e Dorival Caymmi (CORRÊA, G. B, 2009, pp. 49-50).

A expressão “baianidade” pode ser analisada de maneira prática e atual como um “mito constitutivo” sendo recriada por participação externa a própria Bahia sobre a cultura baiana, assim como também pode ser observada como processo histórico de séculos de construção de uma identidade a partir do “sincretismo religioso” e “mestiçagem afro-luso-tupi”, como abordado por Antônio Risério (MARIANO & LACERDA, 2010, p. 1). Uma das questões sobre ser uma cultura de criação externa à localidade baiana, é o berço do samba do Rio de Janeiro, originado de um lugar chamado por “Pequena África”, onde localizavam-se as casas das tias baianas e aconteciam os encontros de sambistas, fartura de comidas e a presença de terreiros, vivenciados em seus quintais ainda em 1917 (NETO F. A. N, 2013, p. 103).

*“Nuno Roland - Nas cadeiras da baiana tem...  
Carmen Miranda - Tem candomblé, tem feitiço  
Canjerê com azeite de dendê  
Baiana que faz cocada, a cassa e tudo enfim  
NR - Baiana que tanto gosto e que não gosta de mim (...)  
(Canção: Nas cadeiras da baiana.  
Carmen Miranda e Nuno Roland. 1938. Música nº 20, do anexo).*

Segundo Marilda Santana por Neto (2013, p. 107): “o duplo sentido como recurso estético na linguagem musical é passível de verificação no cancionário popular brasileiro nas composições que tomam a baiana como tema central ou sobre ela é feita alguma menção secundária”. Este sentido invariavelmente ambíguo atrelado à imagem da baiana trata-se da indicação do corpo e sensualidade como se pudesse ser impossível ter nas canções esses dois aspectos de maneira desintegrada. Sendo assim, torna-se inevitável observar o corpo da mulher negra como alvo das canções populares, como por exemplo as “cadeiras” das baianas, indicando-a como um objeto de desejo.

Compreendendo esse campo do “corpo e sensualidade” é notável outra associação ao corpo das baianas, o duplo sentido do “corpo e comida”, como explica Neto (2013):

“No decorrer dos anos 30, outros compositores como Ary Barroso, escreveram composições musicais que articulam e/ou associam o corpo da baiana à comida, mas não a qualquer comida, apenas às do âmbito da culinária das matrizes africanas, aqui denominadas como comidas de azeite, comida baiana, dentre outras formulações possíveis. Numa evidente referência às mulheres negras (...)” (p. 115).

Entretanto, a baiana frequentemente mencionada em canções que referenciam o corpo da mulher negra, principalmente na primeira metade do século XX, ultrapassa o sentido de representar uma identidade nacional através da cultura baiana. Segundo Neto (2013, p. 114) a mulher negra como objeto de desejo é uma análise que requer um aprofundamento histórico e que pretende-se buscar a ideia desse desejo, incutido nas raízes violentas do período colonial. Para exemplificar, apresenta a preferência sexual dos senhores de engenho, que escolhiam as mulheres negras, “escravas domésticas”, para satisfazer sexualmente, enquanto as senhoras de engenho tinham o dever de procriação e perpetuação da família.

Além disso, historicamente, estas figuras femininas mestiças, de origem social no caldo da escravatura ou do pós-abolição, desempenhavam, por razões econômicas, profissões que tinham a ver com o provimento da alimentação: amas-de-leite, cozinheiras, fazedoras de comida para vender em tabuleiros, vendedoras de fruta e carregadoras de alimentos. Estas mulheres tinham uma visibilidade no espaço exterior e público, uma mobilidade e uma intervenção que as faziam se sobressair e, sobretudo, eram associadas à ideia do alimento disponível. Neste sentido, a sensualidade e o erotismo decorrem da exposição e da mobilidade destas mulheres em um espaço público essencialmente masculino, e da sua associação com a ideia de abundância e felicidade proporcionadas pelas delícias, “coisas boas” que ela transportava.

#### 5.4 As chiquitas: mulheres “existencialistas” por trás das frutas tropicais

*“Chiquita Bacana  
Lá da Martinica  
Se veste com uma casca De banana nanica  
Não usa vestido  
Não usa calção Inverno  
Pra ela é pleno verão  
Existencialista Com toda razão  
Só faz o que manda  
O seu coração (...)”*

(Canção: *Chiquita Bacana*. Roberto Inglez – gravação em 1950. **Música nº 46, do anexo**)

Com o objetivo de compreender a associação do movimento existencialista com a liberdade feminina apresentada de forma conjugada na marchinha carnavalesca “Chiquita Bacana”, é necessário entender brevemente sobre esse movimento. O Existencialismo pode ser entendido,

segundo Ariane Ewald, como “a inquietação da ação e consciência do problema na escolha na existência humana”. Teve seu tema em auge na década de 1940, precedido da abordagem de J. P. Sartre, filósofo inclusive responsável por “popularizar o termo existencialismo” (SOUZA, R. R, 2015, p. 13).

Este pensamento filosófico teve grandes nomes, como: Jean-Paul Sartre, considerado patrono desse pensamento, e Simone de Beauvoir, que não por acaso eram reconhecidos como filósofos “fora dos padrões daquele tempo” (I. F. Félix, 2007, p. 6). Para além de promover discussões políticas, religiosas e indicar críticas culturais, facilmente o existencialismo impactou os costumes, e por fomentar “estranheza e alguma indignação” gerou um “modismo”, como colocado por Souza (2015, p. 15), um “comportamento social” com “ atitudes libertárias”, “rebelde” e “desesperançada” (L. D S. Moutinho, 1995, p. 12 por Souza 2015, p. 15).

“Cada uma das notas, colunas, matérias e notícias acerca do existencialismo é um pequeno traço criador de mundo: como prática, cada um desses indícios criava a realidade do Rio de Janeiro entre 1945-1955.” (SOUZA; 2015, p. 44).

A marchinha de carnaval *Chiquita Bacana* foi cantada e acolhida em 1949 no Rio de Janeiro, na voz da Cantora Emilinha Borba, evidenciada como uma maneira popular, “não científica”, de citar o existencialismo e o que esse pensamento representava socialmente; um movimento que contava com a “conduta boémia e irreverente dos existencialistas” cujo objetivo era subverter os comportamentos sociais impostos (PAULO. H, 2020, p. 20).

Uma publicação no Jornal “A Manhã”, em três de março de 1949, declarou um carnaval marcado por novos costumes ao comentar nas notícias: “Foi um carnaval existencialista o de 49”, que segundo Souza (2015, p.158) acreditava-se nesse sentido devido ao uso de “pouca roupa”, explícito logo a seguir, com mais um comentário: “os foliões preferiam os trajes carnavalescos com pouca roupa”, assim como a presença de fotos de mulheres vestidas de “biquínis” e vestidos no “meio da coxa”. O que denota que o impacto social das roupas dos “foliões” possuem gênero definido, o feminino.

Sendo representada por apenas uma “casca de banana nanica”, a dona do cenário carnavalesco de 1949, *Chiquita Bacana*, remonta a personagem Chiquita Banana de um comercial televisivo da United Fruit Company na década de 1940, uma empresa americana que dominava o mercado de frutas na América Latina. A marchinha vislumbra esta suposta associação.



Chiquita Banana The original Commercial (2007, 24 de janeiro).

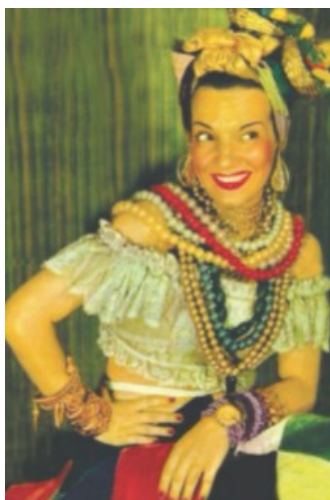
Segundo Bologna (2013, p. 6) o “controle dos EUA na América Latina” era visado a partir de dois “participantes”: a United Fruit Company e Hollywood a partir do sucesso da propaganda midiática da Chiquita Banana, que segundo ela, representaria “a forma estereotipada do papel da mulher latino-americana como exótica e pessoa ingênua”.

Entretanto, revisitar a relação da imagem feminina nesta década de 1940 e a relação da aproximação com o consumo de frutas tropicais, não tem seu limite apenas nas “Chiquitas” em canções e comerciais. A imagem de Carmen Miranda e seu chapéu composto de frutas exóticas ficou reconhecida em diversos países e investida massivamente por Hollywood:

“Os diretores de Hollywood promoveram a América latina como a amistosa e exótica “garota da porta ao lado” através de a mulher sambista, animada com chapéu tutti-frutti; senhorita Carmen Miranda.” (BOLOGNA. M. G, 2013, p. 10)

Foi a partir da estratégia de marketing, que se deu uma forma de implementar a “política de boa vizinhança” norte-americana em relação à América Latina. Surgem, no mesmo período, Carmen Miranda com sua vestimenta tutti-frutti e a Miss chiquita, já inspirada na cantora e atriz, que marcava sua trajetória nos EUA. Considerados “consumidores por meio de sua exótica mulher banana da América Latina”, pouco a pouco, o público aderiu à imagem internacionalmente reconhecida da mulher latino-americana e garantia a sua venda de frutas tropicais (BOLOGNA , 2013, p. 15).

“o curioso é que a tal moçoila martiniquense era um tanto quanto libertina: se vestia com uma casaca de banana nanica – trajes mínimos! Suficiente pra que ela fosse existencialista, termo que não apenas faz referência ao seu modo de se vestir, mas também o fato de que ela faz o que bem entende, levando ao paroxismo certa ideia de liberdade, que apesar de distinta daquela defendida por Sartre, acabou sendo confundida com seu existencialismo.”  
(R. R. SOUZA, 2015, p. 138).



Imagens de VLK, Revista (2018).

Apesar da semelhante associação entre a imagem da mulher latino-americana e as frutas tropicais nestes três cenários e, para além, toda a contribuição que a cantora Carmem Miranda deu a este crescente estereótipo construído ao longo da década de 1940, é importante ressaltar que o existencialismo como ferramenta filosófica da liberdade feminina se desdobrou mais como maneira de denunciar, que o uso da moda existencialista também pode pertencer à mulher, como revela a canção “Chiquita Bacana”.

Segundo Souza (2015, p. 165) o “existencialismo filosófico ou caricatural” tinha “contornos mais específicos quando relacionada ao gênero”, considerada uma ousadia pelas mulheres que seguiam este pensamento. Inclusivamente, “Buitoni, 2009, p. 24 por Azerêdo & Fonseca (2019, p. 2216) afirmava que na década de 1930, uma década anterior, o jornalismo informativo não contava em “conectar as mulheres ao mundo”, existiam matérias exclusivas para mulheres que correspondiam ao que socialmente era recomendado para o sexo feminino, como: moda, beleza, culinária, maternidade e comportamento. Talvez por isso a Chiquita existencialista, com sua presença no fechamento da década de 1949 em pleno Rio de Janeiro no Carnaval promovendo tamanha surpresa no meio social carioca.



## **Capítulo 6. Prevalência dos alimentos mais mencionados nas canções.**

“O costume alimentar pode revelar de uma civilização desde a sua eficiência produtiva e reprodutiva, na obtenção, conservação e transporte dos gêneros de primeira necessidade e os de luxo, até a natureza de suas representações políticas, religiosas e estéticas. Os critérios morais, a organização da vida cotidiana, o sistema de parentesco, os tabus religiosos, entre outros aspectos, podem estar relacionados com os costumes alimentares”. (Carneiro H. S, 2005, p. 72).

Ao mencionar a “organização cotidiana” inserida e modificada pelo costume alimentar, é possível notar a importância da discussão das inter-relações promovidas pelo alimento. Ainda segundo H.S Carneiro (2005, p. 72) o fato de darmos “sentido aos atos da partilha” transforma a comensalidade em um sistema integrante de “regras da identidade e da hierarquia social”, assim como realização de “redes de relações”, que assumem a função de “impor limites e fronteiras, sociais, políticas, religiosas etc”.

### **6.1 Alimentos de costume e sua poética à mesa: Cesta básica brasileira de 1938.**

Em 1938 foi regulamentado o decreto 399, em pleno período do Estado Novo. Este decreto tornava um direito a todo trabalhador o acesso à alimentação, assim como outros itens, como: “habitação, vestuário, higiene e transporte” (Decreto 399 de 30 de abril de 1938, art.2). A cesta básica nacional, segundo este decreto, deveria cumprir o objetivo de satisfazer nutricionalmente um “trabalhador em idade adulta, contendo quantidades balanceadas de calorias, proteínas, ferro cálcio e fósforo” e através disso, determinava-se a composição desta cesta nacional contendo treze itens: “carne, leite, feijão, arroz, farinha, batata, legumes (tomate), pão francês, café em pó, frutas (banana), açúcar, óleo e manteiga.” (PASSOS, BERNARDI & MENDES, 2014, p. 1624).

Formulada a partir do resultados dos inquéritos alimentares realizados ao longo da década de 1930, a cesta básica teve como base grandes nomes do estudo da alimentação, como: “Josué de Castro em 1932, e novamente em 1934; Ruy Coutinho em 1937, e Dante N. Costa em 1938”. Essa compilação de dados sobre a alimentação brasileira e a decisão desses itens como os mais habituais e necessários nas refeições diárias do brasileiro, teve tamanha importância, que até os dias atuais, estes alimentos são mencionados na composição da cesta básica nacional, como afirma Passos; Bernardi & Mendes (2014):

“Dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009 (POF) demonstrou que os itens da Cesta Básica Nacional têm grande relevância na alimentação rotineira da população brasileira. A partir dessa pesquisa, é possível obter os dados referentes à quantidade (em quilogramas) de alimentos adquiridos por pessoa durante o período de um ano. Com esses dados, pode-se perceber que os alimentos da Cesta Básica são os adquiridos em maior quantidade dentro de seus respectivos grupos, sendo conseqüentemente os mais consumidos pela população ainda na atualidade (p. 1624).

Ressalta-se que a alimentação brasileira não pode ser resumida aos itens da cesta básica nacional, por diversas razões, “sendo por condição social ou cultural” a refeição brasileira diária mais comum, ou “ração essencial mínima”, como chamada pelo Estado Novo, pode sofrer variações pra além dos treze itens escolhidos. Entretanto é inegável que esses itens formam, desde o decreto “a base alimentar da população brasileira” (PASSOS, BERNARDI & MENDES, 2014, p. 1624).

Ao analisar as canções durante o período Vargas (1930-1954) e a frequência dos que alimentos surgem nas letras das músicas, percebe-se que se destacam os alimentos específicos que compõem a Cesta Básica. Assim, a realidade brasileira vivida e contada por essas canções se revela: os alimentos mais mencionados são também os mais presentes na mesa e no cotidiano alimentar, e a sua falta cria a instabilidade alimentar de que falam as músicas.



Figura: alimentos mais citados na análise das canções anexadas por escala de evidência.

Ao abordar a relevância desses alimentos nas canções brasileiras durante todos os mandatos de Getúlio Vargas, é necessário levantar algumas questões. Alguns estudos sobre alimentação objetivam responder, como afirma Carneiro H. (2017, p. 2) quando menciona, que: “o que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come, como se come e com quem se come”.

Tentar responder “o que se come” no período Varguista de acordo com apresentação das menções dos alimentos nas canções deste intervalo histórico, é perceber que a alimentação corresponde à proposta definida pelo Estado com a implantação da cesta básica nacional e seus

treze itens fundamentais. Os alimentos de maior repetição nas composições musicais foram: pão, leite, feijão, farinha, batata, café, manteiga e banana, sendo o feijão, o que tem o maior destaque e, portanto, o de maior aparecimento nas canções. Alguns desses alimentos não estão evidenciados, mas ainda sim correspondem aos itens definidos da cesta básica nacional, sendo estes: o tomate e a carne (traduzido como “bife”).

Para F.A.G Vasconcelos, MP. Vasconcelos & L.H.G Vasconcelos (2015, p.733), assumir o consumo de feijão como alimento básico da mesa brasileira é “expressar tanto a existência de um padrão alimentar monótono, como denotar as raízes histórico-culturais dos hábitos alimentares da população”. Segundo Castro (1980) por Vasconcelos et al (2015, p.735), a partir da realização do estudo da alimentação definido por áreas no Brasil, o “feijão aparecia como um dos quatro alimentos componentes da dieta básica da população”, constando na rotina alimentar da área amazônica, zona açucareira ou da mata nordestina, sertão nordestino e centro-oeste.

Ainda segundo Castro (1980), com exceção do “extremo sul do país”, a população brasileira na década de 1930 consumia o feijão de maneira completamente habitual (VASCONCELOS et al, 2015, p. 735) o que justifica a grande frequência desse alimento nas canções durante o período Vargasista. Inclusivamente, o feijão permaneceu como alimento de identidade nacional e fixamente presente à mesa brasileira, como expressa Vasconcelos et al (2015), ao apresentá-lo em permanente evidência nas canções do período de ditadura militar brasileira em décadas posteriores (1968-1984).

“(...)O dinheiro que ganho só dá pra viver  
No meu barracão  
Sentado no chão  
Comendo de mão **farinha e feijão**  
(...)”

(Canção: *O dinheiro que Ganho*. Compositor: Assis Valente- 1951. **Música nº 50, do anexo**)

Apesar da majestosa presença do feijão nas canções, a sua menção raramente aparece de maneira isolada, sendo comum a apresentação do feijão junto a outros alimentos. A farinha na música “O dinheiro que ganho” de Assis Valente, não apenas acompanha o feijão como permite o contexto dessa refeição: “sentada no chão” e “comendo de mão”. Esse encontro dos alimentos também pode ser percebido na canção “Trabalho” de 1945, interpretada por Ataulfo Alves, quando apresenta na canção a problemática de não ser chamado mais por seu próprio nome, que, por ser o provedor da alimentação da família, passa a ser notado pelos alimentos indispensáveis para casa:

*“Me põe tanto sobrenome, Pão, feijão, café  
Que meu verdadeiro nome  
Eu já não sei como é”*

*(Canção: Trabalho. Intérprete: Ataulfo Alves – 1945. Música nº 38, do anexo)*

Ao examinar “o que se come” através da apresentação dos dados de alimentos mais mencionados, a partir da nuvem de palavras demonstrada, nos resta o questionamento de “quem come” e em que condições, ou “como se come”:

“Para o autor, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social”(p.36). Na comunicação social ou comunicação na vida cotidiana, portanto, a palavra é a ponte da interação verbal entre quem fala e quem escuta (locutor e interlocutor)”. (F.A.G VASCONCELOS; M.P VASCONCELOS & I.H.G VASCONCELOS, 2015 p. 724).

Neste sentido, para sabermos “quem come” precisamos primeiro reiterar de que os alimentos nas músicas são palavras faladas, escutadas e reproduzidas, adquirindo assim certa representatividade diante da realidade de uma população. Segundo Poulain & Proença (2003, p.253), ao comentar sobre o “espaço alimentar da diferenciação social”, compreende-se que: “no interior de uma mesma sociedade, a alimentação desenha os contornos dos grupos sociais” e completa, notando que é um movimento inconsciente do espaço social alimentar, ou seja, é empírico, apresentando uma série de categorias nos meios sociais para explicar o “ato de comer”.

“Antigamente era a macarronada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Vocês que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. Quem não nos desprezou foi o fubá. Mas as crianças não gostam de fubá.”  
(C. M de JESUS, 2020, p. 55)

Na obra de C. M. Jesus, reflete sobre a flutuante alimentação que tem com seus filhos, devido a falta de oportunidade e acesso justificada imensas vezes por ela, enquanto descreve diariamente sua vida periférica na cidade de São Paulo na década de 1950. A alusão à própria moradia sendo um “quarto de despejo” advém da percepção de enxergar a cidade como uma casa, onde a periferia seria o quarto de despejar “o que está fora de uso”, e a região central uma “sala de visitas” vislumbrante com seus “lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim” (C. M de JESUS, 2020, p. 47). Neste excerto, C. M de Jesus trata os alimentos como personagens, sujeitos com vontade, caprichosos, livres de entrar na mesa e de sair quando sobem de classe. Os alimentos “esnobam” quem precisa deles.

A condição social é um determinante da condição alimentar e, entre as “categorias” do espaço social alimentar, possivelmente este se desenvolve como o segmento mais limitante dentro da alimentação. Segundo Gomes A. L. C (2003, p. 16), é possível observar que a alimentação é estratificada socialmente, pois um dos aspectos que desenha esses estratos sociais é o aumento ou diminuição da variedade de alimentos que compõe o hábito alimentar do brasileiro. Essa variedade ou monotonia vai ser proporcional a variação socioeconômica da população.

Desta forma, nas camadas populares mais vulneráveis se vivencia a repetição dos alimentos, dos quais inclusive, não por acaso, estes são inseridos na cesta básica nacional em 1938, permanecendo até a atualidade. O fato desses alimentos serem cantados tantas vezes, assim como o fato de permanecerem tão fixamente no prato da população que os cantavam, evidencia uma possível denúncia da realidade através da música brasileira, que atua como uma caixa de ressonância ou um espelho das preocupações nacionais.

## **6.2 Regionalização do alimento básico e suas representações.**

Um dos aspectos relevantes percebido no decreto que regulamenta a cesta básica nacional de 1938, na composição da cesta, é garantir o direito de regionalmente recorrer a variações de hábitos alimentares e disponibilidade desses alimentos ao longo do território brasileiro:

“Poderão ser substituídos pelos equivalentes de cada grupo, também mencionados nos quadros a que alude o parágrafo anterior, os alimentos, quando as condições da região, zona ou sub-zona o aconselharem, respeitados os valores nutritivos determinados nos mesmos quadros”. (Decreto nº399 de 30 de abril de 1938).

Segundo Milton Santos (2000): “a regionalidade é um conceito que extrapola o espaço geográfico e revela o lócus entre teias de relações sociais, econômicas e culturais” e afirma que as “fronteiras não são rígidas”, pois a regionalidade é compreendida de acordo com o seu território. Para Santos (2000) atravessar o conceito espacial é necessário quando se fala sobre território, uma vez que este “é o chão e mais a população” vista como “uma identidade”, um “sentimento de pertencer àquilo que nos pertence” (MINISTÉRIO DA SAÚDE -MS- BR, 2015, p. 440).

Outros dois conceitos necessários de serem explorados neste estudo a fim de facilitar a compreensão acerca da regionalidade, são “o alimento” e “a comida”. Para Da Mata (1993) por MS- BR (2015, p. 440): “a comida é vida e identidade; e o alimento, a necessidade do corpo”, constatando que:” toda substância nutritiva é um alimento, mas nem todo alimento é comida” por Da Matta, ou através da ideia de que “comida é a transformação do mantimento através da culinária” por Woortmann é possível afirmar a comida enquanto carregadora da identidade e “representações sociais e culturais” e o alimento, carrega um significado vital, básico e bruto – sem muitas transformações (LIMA, NETO & FARIAS, 2015, p. 511).

Ao analisar no presente estudo as canções e suas menções alimentares, verifica-se não apenas os alimentos mais frequentemente cantados, como abordado pelo sub-capítulo anterior, como também é notável a composição de pratos mencionados. Desta forma, para além dos alimentos, foram analisadas as comidas evidenciadas por suas repetições nas músicas, como observado na nuvem de palavras abaixo:



Figura: comidas mais citadas na análise nas canções anexadas por escala de evidência.

O resultado encontrado foi a predominância de comidas do nordeste brasileiro nas menções de canções populares do período Varguista, como: vatapá, carurú, acarajé e mungunzá – A comida nordestina é baseada em alimentos, como os “feijões, farinha, arroz”, “carnes (e suas vísceras), gorduras” e “peixes”. Entretanto, essas comidas tão evidentes são marcadas territorialmente através da composição desses pratos, pois são reconhecidos por “temperos que não são “comidas”, mas subsídios culinários, inscrições regionais da dieta original do cotidiano.”(MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015, p. 441).

É interessante perceber que a comida , quando reconhecida por ser de uma região, está associada territorialmente, mesmo que esta seja preparada em outros locais do país. Segundo MS-BR (2015, p. 445) “o indivíduo necessita de símbolos para entender sua realidade social, sua comida, seu sustento material (...). A comida o identifica enquanto personagem de seu território.” Neste sentido, o brasileiro pode se identificar com diversas comidas que são capazes de serem preparadas, ao mesmo tempo, em diversos pontos do país e de diferentes origens. O tempo, o espaço e os contratempos históricos é que são responsáveis por delinear as transformações das práticas alimentares.

“Você já foi à Bahia, nega?  
 Não?  
 Então vá! Lá tem vatapá  
 Então vá!  
 Lá tem caruru Então vá!  
 Lá tem munguzá Então vá!  
 (...)

*A Bahia tem um jeito Que nenhuma terra tem”*

*(Canção: você já foi a Bahia? Dorival Caymmi – 1941. Música nº 30, do anexo)*

Nota-se este pertencimento agregado a comida, quando apresentada a mobilidade populacional de alguns momentos históricos brasileiros: tanto de áreas rurais para urbanas, isto é o êxodo rural como entre regiões brasileiras, ou seja, do Nordeste para o Sudeste. Em todo caso, com a finalidade de buscar melhores condições de sobrevivência, a comida atravessa o Brasil e se instala nas capitais Rio de Janeiro e São Paulo, sendo cantadas, saboreadas e incluídas no hábito alimentar, como bem representado em composições de Adoniran Barbosa e Caymmi.

## Considerações Finais



“Desde que o ser humano se dedicou ao cultivo da terra, os pássaros foram grandes inimigos das sementeiras e das colheitas. Seus ataques poderiam levar uma família à morte pela fome, durante o inverno. Para livrar-se desta catástrofe, os lavradores começaram a idealizar, confeccionar e pôr em prática espantalhos, homens ou crianças vigiando os campos e espantando os pássaros, ou engenhocas de formas diversas, através dos tempos”. (De LIMA M. R. T, 2002, p. 53).

Os espantalhos são protetores dos campos e representam a figura humana em um boneco de palha, como o próprio nome menciona, agindo de forma a espantar aves que se alimentam de suas plantações. Junto às aves, o “Espantalho” retratado na obra de Portinari, realizada em 1940, também espanta a fome. Este boneco combate a fome garantindo a colheita, fixado no meio do campo e exprimindo, com seus braços abertos, a redenção de um povo que aguarda até hoje recursos definitivos para esta mazela.

Paralisado diante do fatalismo dos campos de fome, o “Espantalho” de Portinari apresenta a desesperança como sentimento dominante de sua pintura. Na obra, observa-se a composição de um cenário de impotente aflição humana: ossos de uma “cabeça de gado” representando um ambiente com difíceis condições de sobrevivência, uma mulher segurando uma “lata d’água” na cabeça, os pássaros como real ameaça de um campo notavelmente escasso de alimentos e, por fim, a provocação de um silêncio ininterrupto.

O espantalho não tem voz e recebe como função principal proteger com sua presença estática o alimento disponível ao seu redor. Pelo contrário, as canções populares brasileiras são a voz que falta aos cidadãos: espantalhos de um Brasil de fome. A poética das músicas brasileiras presente nas



suas letras ocupa um espaço de representação social e também um espaço de consciencialização do povo, pois possibilita “dar voz” a quem não tem.

É inegável que a fome, além de suas diferentes menções no *corpus* literário deste trabalho, tenha sido a mais evidente e inquestionável referência alimentar. A insegurança alimentar brasileira era denunciada constantemente nas canções, a ponto de a presença do alimento existir diversas vezes, como “a comida que já esteve à mesa”, sendo o elemento que relembra tempos remotos de segurança alimentar, ou, o que é mais relevante, aparecer como “a comida que vai estar na mesa”; ou que “se deseja que esteja na mesa”. Seja memória, seja desejo de um futuro melhor, esta postura denuncia um presente de escassez. Desta forma, torna-se notável o alimento indisponível e inacessível, apesar de todas as políticas de alimentação efetuadas durante todas as fases do governo Vargas, devido à falta de combate à raiz inicial deste problema: a desigualdade social.

Retirantes nordestinos, mulheres e desempregados em geral, podem ser analisados a partir do recorte temático das canções, como grupos de vulnerabilidade social desse período histórico. Ter um emprego significava ter acesso as Políticas Públicas de Alimentação, compiladas durante os mandatos Vargas, pois a valorização do trabalhador, especialmente o operário, era atendida como principal demanda dos seus governos. Entretanto, mesmo não constando como preocupação elementar do Estado, esses grupos vulneráveis não estavam esquecidos. Os estudos sobre alimentação, que inclusivamente foram a base para a fomentação dessas primeiras políticas de alimentação constatavam, a partir de inquéritos alimentares e obras completas, a importância do combate à fome, partindo das classes sociais economicamente instáveis que beiram a pobreza.

Pode-se confirmar, dado o desenvolvimento do tema, que os alimentos referenciados no *corpus* literário das canções acolhidas por este trabalho refletem a cultura alimentar brasileira. Uma das principais descobertas, ao longo do tratamento das músicas selecionadas, foi o aparecimento dos mesmos alimentos encontrados na composição da Cesta Básica Nacional, umas das primeiras Políticas de Alimentação e Nutrição pelo Estado brasileiro. De forma prática, pode-se dizer, que o conjunto do *corpus* musical brasileiro desse período histórico estudado representou inconscientemente os alimentos primordiais do seu hábito alimentar.

Junto ao percurso deste estudo, havia o questionamento constante de qual seria a explicação para tantas menções alimentares na cultura musical brasileira. Esta pergunta central não pretende ser completamente respondida neste trabalho, pois é necessário um estudo aprofundado sobre as manifestações culturais-musicais brasileiras em diferentes períodos históricos e assim, muito provavelmente constatar a relevância destas referências alimentares como potente expressividade cultural e política.

Sabendo do vasto *corpus* que este trabalho suscitou, foi previsível a seleção de algumas músicas para melhor análise literária do anexo. Utilizou-se o critério de escolha das músicas mais expressivas que prevaleceram de acordo com os temas abordados. Assim, foram inseridas na

dissertação de forma direta, trechos de vinte e uma canções, de um total de sessenta e três canções, que correspondem ao levantamento exaustivo das referências alimentares na Música Popular Brasileira para o período indicado. Este foi o *corpus* utilizado para análise quantitativa.

No presente estudo, confirma-se a partir das referências alimentares mencionadas nas canções populares ouvidas entre 1930-1954 durante a regência de Getúlio Vargas, que a cultura musical brasileira presente nas canções populares constituía era uma “porta-voz” e uma caixa de ressonância do sentir do povo em relação a alimentação e aos eventos provocados pela insegurança alimentar neste período.

Através do megafone brasileiro que era a Rádio, no chamado eixo Rio-São Paulo, propagaram-se por todo espaço nacional notícias das intervenções do Estado que criaram um ambiente propício para a tomada de consciência dos brasileiros. A par desta consciência, que ampliaram a produção musical brasileira refletia esta realidade e reagia a ela, tornando a cultura alimentar brasileira, seu contexto, seus contornos e suas dificuldades um assunto bem marcado da comunicação artística, sob a forma de denúncia, da insegurança alimentar vivenciada pelo povo brasileiro.

## Referências

- Angelim, R. C. D. M, Pereira, V. M. A. O, Abrão, F. M. D. S, & Santos, T. C. F. (2016). Análise histórica das doenças infectocontagiosas e parasitárias na Era Vargas. *Hist. enferm., Rev. eletrônica*.
- Antunes, R. (2006). De Vargas a Lula: caminhos e descaminhos da legislação trabalhista no Brasil. *Revista Pegada, São Paulo, 7(2), 83-88*.
- Aranha, A.V. (2010). Fome Zero: a construção de uma estratégia de combate à fome no Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Fome Zero. Uma História Brasileira, Brasília, 1, 74-95.
- Araújo, A. M. S. (2017). À mesa com Tatarana: A alimentação com marca da memória em Grande Sertão: Veredas. *Revista criação e crítica (18), 170- 183*.
- Assis, T. (2020). “Retirantes” de Candido Portinari (Pintura). Reportagem disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/arte-ao-redor/retirantes-portinari-concurso-masp/> com acesso em 30 de setembro de 2021.
- Assunção. V. K (2008). Comida de mãe: notas sobre alimentação, família e gênero. *Caderno Espaço Feminino, 19(1)*.
- Azerêdo, J. S & Fonseca, L. P. Representação da mulher nos anúncios das revistas Chanaan e Vida Capichaba na década de 1930. 9º CONGIC.
- Batista, A. M. (2019). Salário mínimo nacional, alimentação básica e segurança alimentar: um estudo para o Brasil. Repositório da Universidade Estadual do Oeste do Paraná ( UNIOESTE) – BR.
- Belik, W, Silva, J. G & Takagi, M. (2018). Editora Fundação Perseu Abramo In Andrade M.C (Ed. 1ª). *Josué de Castro e o Brasil*. São Paulo (SP) - Brasil.
- Bezerra, J. A. B. (2012). Educação alimentar e a constituição de trabalhadores fortes, robustos e produtivos: análise da produção científica em nutrição no Brasil, 1934-1941. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos, 19, 157-179*.

Bezerra, T. A., Olinda, R. A. D., & Pedraza, D. F. (2017). Insegurança alimentar no Brasil segundo diferentes cenários sociodemográficos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22, 637-651.

Bologna, M. G. (2013). Banana [mis] representations: a gendered history of the United Fruit Company and las mujeres bananeras. (Doctoral dissertation) Bowling Green State University.

Bozi, A. L. T. (2009). Fome: um dispositivo de controle na sociedade contemporânea. *Revista Latinoamericana de Derechos Humanos*, 20(1), 137-146.

Bragança, Y. V. (2018). “A senhora do lar proletário”: discursos e políticas em relação às mulheres no Estado Novo (1937-1945). *Revista Cantareira*, (29).

BRASIL (2013). *Direito Humano a Alimentação Adequada e o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional*. CONSEA, Brasília, ABRAND. Disponível em [DHAA\\_SAN.pdf \(mds.gov.br\)](#) com acesso em 10 de outubro de 2021.

Cabral, S. (2016). *MPB na era do rádio*. (Ed.) Editora Lazuli. São Paulo – BR.

Calabre, L (2002). *A era do rádio*. (Ed.) Editora Schwarcz-Companhia das Letras. São Paulo – BR.

Candaten, L., & Veloso, M. T. ( 2014). A miséria a fragilidade humanas sob o olhar da arte: uma leitura em obras de Carter e Portinari. *Revista Lingua & Literatura*, 16 (27), 110-120.

Carmo, S. S. (2020). A baiana vai a Hollywood:: a consagração da baiana e dos balangandãs como símbolos da identidade nacional na Era Vargas. *Faces de Clio*, 6(12), 381-409.

Carneiro, H. S (2017). *Comida e Sociedade: uma história da alimentação*. ( Ed. 7ª). Editora Elsevier. Rio de Janeiro – BR.

Carneiro, H. S. (2005). *Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação*. *História: questões & debates*, 42(1).

Castro, J, (1939). O problema da alimentação no Brasil ( seu estudo fisiológico). *Editora Nacional*. 5ª ed – Vol 29. *Brasiliense*.

Castro, J. (1975). *Geografia da fome*. (Ed 2ª) Brasília Editora. Porto. Portugal.

Castro, J. ( 1984). Geografia da fome (o dilema brasileiro pão ou aço). *Ed. 10ª. Revista Antares . Rio de Janeiro – RJ ( Brasil).*

Chiquita Banana, The original Commercial. (2007, 24 de janeiro) Vídeo disponível em: [Chiquita Banana The Original Commercial - YouTube](#)

Coelho, T. D. S (2010) O “Retirantes” de Portinari e as práticas políticas de combate a seca durante o primeiro governo Vargas. *Tempos Acadêmicos (5).*

Coelho, T. D. S. (2012). Migração nordestina no Brasil Varguista: diferentes olhares sobre a história dos retirantes. Programa de pós-graduação em história – PUCRS ( BR).

Comissões do Salário Mínimo, Lei 185. Artigo 1 (14 de janeiro de 1936). Rio de Janeiro. Disponível em: [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](#) com acesso em 13 março de 2021.

Correa, G. B. (2009). Baianas e drags: tramas visuais em Carmen Miranda. *Revista Concinnitas, 2(15), 42-59.*

Costa, A. A & De Andrade C. M. Sertão, memória e narrativa: visitando o nordeste de Jorge Amado. *Revista Humanidades, Fortaleza., 29, 2: 359-373.*

Custódio, M. B., Furquim, N. R, dos Santos, G. M. M., & Cyrillo, D. C. (2011). Segurança Alimentar e Nutricional e a construção de sua política: uma visão histórica. *Segurança Alimentar e Nutricional, 18(1), 1-10.*

D’Araújo M. C. S (2017). Getúlio Vargas: Centro de Documentação e Informação. (ed:2ª) Câmara. Brasília ( DF) – Brasil.

De Lima, M. D. R. T. (2002). História e estórias do espantalho. *Comissão Mineira de Folclore: Belo Horizonte, Brazil, 53-69.*

De Moraes, J. G. V. (1999). Rádio e música popular nos anos 30. *Revista de História, (140), 75-93.*

De Oliveira, N. R., & Vela, H. A. (2008). Escolhas alimentares, decisões culturais: a mulher define o que vai pra mesa. *Florianópolis, fazendo gênero.*

De Souza Lima, R, Neto, J. A. F, & Farias, R. D. C. P. (2015). Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade. *DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde*, 10(3), 507-522.

De Souza, S. L. (2017). A canção “vozes da seca” de Luiz Gonzaga: vozes de protesto sob uma perspectiva da análise do discurso. *Revista do GELNE*, 19 . 1: 79:88.

Dias, P. B. (2008). A linguagem dos alimentos nos textos bíblicos sentidos para a fome e para a abundância. *Humanitas*, 60, 157-175.

Dos Santos. C. R. A. (2005). A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. *História: questões & debates*, 42 (1).

Félix, I. F. (2007). No enredo da memória: reflexões sobre o texto carnavalesco. Repositório da Universidade Federal da Bahia (UFBA) BH- BR.

Freitas, M. D. C. S . D (2003). *Agonia da fome*. Editora Fiocruz.

Freyre, G.(1955). Manifesto regionalista de 1926. Ministério da Educação e Cultura. *Serviço de Documentação (Vol. 80)*. Disponível em: com acesso em 20 de julho.

Galvão, W. N. (2004). Metamorfoses do sertão. *Estudos Avançados*, 2004, 18:375-394.

Gomes, A. L. C. (2003). Indicador da qualidade da alimentação de mulheres nos diferentes estratos sociais. Repositório da Universidade de São Paulo (USP - BR).

Haudenschild, A. R. L.(2014). " O denigo que a nega tem": representações de gênero e raça na obra de Dorival Caymmi. *ArtCultura*, 16 (28).

Honorato, D. S. (2014). Rumo à modernização: representações do discurso nacionalista em artigos sanitários disseminados no jornal Minas Gerais (décadas de 1930 e 40). Repositório da Universidade Federal de Uberlândia ( UFU) – BR.

Januário, A. C. D. S. (2018). *Mãos negras: saberes e sabores afro-brasileiros*. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET – RJ) – BR.

Jesus, C. M. (2020). *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. VS Editor, D. L.

Junior, J. B. R., Nogueira, R., M. O. A. (2002). Editora Fiocruz In Finkelman, J. *Caminhos da saúde pública no Brasil*. Rio de Janeiro – BR.

Kauss, V. L. T & Santos, C. D. (2017). A identidade feminina a partir de letras da música popular brasileira. *Linguagem em (Re)vista*, vol. 12, n. 24: 32-53. Niterói, jul./dez.

Kropf, S. P. (2009). Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação, 1909-1962. Editora Fiocruz. *História e Saúde*. ISBN 978-85-7541-315-9.

Kropf, S. P. (2016). Endemias rurais, saúde e desenvolvimento: Emmanuel Dias e a construção de uma rede de aliados contra a doença de Chagas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21, 3621-3629.

Lacerda, A. G & Mariano, F. P. (2010). A velha mulata: da utopia a construção da baianidade. Economia e vida: convergência e divergências. Repositório da Universidade Católica de Salvador (UCSAL – BA) – BR.

Lencione, S. (2017). A Megarregião Rio de Janeiro-São Paulo: metropolização do espaço e integração global. *Projeto Observatório das Metrôpolis*. Disponível em: [A Megarregião Rio de Janeiro-São Paulo: metropolização do espaço e integração global - Observatório das Metrôpoles \(observatoriodasmetrosoles.net.br\)](http://observatoriodasmetrosoles.net.br) com acesso 14 de outubro de 2021.

Lima, C. D. S. (2019). A literatura famélica em O quinze de Raquel de Queiroz. *Master's Thesis Brasil*.

Lima, E. D. S. (2009). Quantidade, qualidade, harmonia e adequação: princípios-guia da sociedade sem fome em Josué de Castro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 16, 171-194.

Lopes, B. A & Dubiel, E. C. Q (2021). A autora improvável: escrita, fome e política na perspectiva de Carolina de Jesus. *Literatura e Autoritarismo*, (37).

Maluf, R.S (2006). Segurança alimentar e fome no Brasil–10 anos da Cúpula Mundial de Alimentação. *Ceresan, Relatórios Técnicos*, (2).

Ministério da Saúde do Brasil (2014). *A história da saúde pública no Brasil*. Sistema Universidade Aberta do SUS, Fundação Oswaldo Cruz & Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Disponível em: [SUS - As Redes de Atenção e a Atenção Básica \(ufpel.edu.br\)](http://ufpel.edu.br) acesso em 11 de maio de 2021.

Ministério da Saúde do Brasil (2015). *Alimentos Regionais Brasileiros*. 2ª edição, Brasília -DF. Disponível em: [Alimentos regionais brasileiros \(saude.gov.br\)](http://saude.gov.br) com acesso em 12 de setembro de 2021.

Moraes, D. (2019). O discurso eugenista como instrumento político na transição das Repúblicas. *Albuquerque: Revista de história, 11(22), 10-42*.

Murari, L. (2003). Pelo rumo do ermo: caipiras, sertanejos e retirantes em marcha pelo Brasil. *Revista do programa de estudos pós-graduados em história, 27*.

Moutinho, M (2009). Canções do Rio: a cidade em letra e música. Rio de Janeiro. Casa da Palavra.

Napolitano, M (2010). A música brasileira na década de 1950. *Revista USP, (87), 56-73*.

Neto, F. A. N. (2013). Usos do duplo sentido na música popular do Brasil: algumas notas sobre o corpo das baianas. Pontos de Interrogação. *Revista de Crítica Cultural, 3(2), 101-122*.

Neves, F. D. C. (2001). Getúlio e a seca: políticas emergenciais na Era Vargas. *Revista Brasileira de História, 21, 107-129*.

Ostos, N. S. C. (2009). Terra adorada, mãe gentil: representações do feminino e da natureza no Brasil da Era Vargas, 1930-1945. Repositório Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – BR.

Passos, K. E. D. Bernardi, J. R. & Mendes, K. G. (2014). Análise da composição nutricional da Cesta Básica brasileira. *Ciência & Saúde Coletiva, 19, 1623-1630*.

Paulo, H. (2020). História de exílios e exilados: abordagens da memória. Migrações e Exílios no *Mundo Contemporâneo, 17*.



Pereira T. C. (2019). O governo “revolucionário” e as políticas públicas para o enfrentamento da seca de 1932: rupturas ou continuidades? . Repositório da Universidade Nacional de Brasília (UNB) - BR.

Pinheiro, A.R.O & Carvalho, M.F.C.C (2010). Transformando o problema da fome em questão alimentar e nutricional: uma crônica desigualdade social. *Ciência & Saúde Coletiva*,15, 121-130.

Pinho, A. V. S. (2021). Entre ambiguidades, legislação e negociações: a Era Vargas e a regulamentação do trabalho feminino (1930-45). Repositório da Universidade Nacional de Brasília (UNB)- BR.

Portinari, C. (1940). Obra “Espantelho” (Pintura em Acervo). Projeto Portinari disponível em: [Portal Portinari – Espantelho](#) com acesso em 19 de outubro de 2021.

Poulain, J. P. & Proença, R. P. D. C. (2003). O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. *Revista de Nutrição*, 16, 245-256.

Queiroz, R (1983). *O quinze*. Lisboa – PT.

Regulamento de execução da Comissão do Salário Mínimo. Decreto nº 399 de 30 de abril 1938. Disponível em [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](#) com acesso em 20 de setembro de 2021.

Restaurante popular à moda antiga (2020). Fotografia de “BR RJANRIO EH.0.FOT, EVE.09068” disponível em: [Restaurante popular à moda antiga](#), com acesso em: 20 de julho de 2021.

Rocha, S. (2018). A educação como projeto de melhoramento racial: uma análise do art. 138 da Constituição de 1934 (Education as a racial enhancement project: an analysis of art. 138 of the 1934 Brazilian Constitution). *Revista Eletrônica de Educação*,12(1), 61-73.

Santana, A. B. C & Sarti, F. M. (2020). Avaliação dos indicadores de aquisição, disponibilidade e adequação nutricional da cesta básica de alimentos brasileira. *Ciência & Saúde Coletiva*,25, 4001-4012.

Saval, P. E & Wilke, F. R. (2021). O salário que de tão mínimo, não alimentava nem o trabalhador: o cenário alimentar brasileiro no primeiro governo Vargas(1934-1943). *Sillogés*, 4(1), 159-187.

Segurança Alimentar e Nutricional. Lei nº 11.346 de 15 de setembro de 2006. CONSEA - Brasília (DF) - Brasil. Disponível em: [lei-de-seguranca-alimentar-e-nutricional \(planalto.gov.br\)](http://leis.planalto.gov.br/leis/l11346) com acesso em 20 março de 2021.

Silva, A. C. (1995). De Vargas a Itamar: políticas e programas de alimentação e nutrição. *Estudos Avançados* 9 (23) 87-107.

Silva, D. T. (2018). Eugenia, saúde e trabalho durante a Era Vargas. (*PPGHIS/UnB*) N.º. 33, Brasília, Ago – Dez. ISSN 2316-1191.

Souza, R. R. D. (2015). O assassino existencialista e outras narrativas: o existencialismo de Sartre em cena no Rio de Janeiro (1945-1955). Repositório da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) – BR.

Souza, T. L. M. (2018). Inevitável desafrikanização? O ocaso das negras quituteiras na Salvador da década de 1930. Repositório Universidade Federal da Bahia (UFBA) – BR.

Vasconcelos, F. A. G. (2005). Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula. *Revista Nutrição de Campinas*, 18(4):439-457, jul./ago.

Vasconcelos, F. A. G. (2001). Fome, eugenia e constituição do campo da nutrição em Pernambuco: uma análise de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Nelson Chaves. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 8, 315-339.

Vasconcelos, S. O. (2014). A inserção sociolaboral da mulher com deficiência física no mercado de trabalho de campina grande: um estudo de caso. Repositório da Universidade Federal da Paraíba (UFBPB) – BR.

VLK, Revista (2018). Carmen Miranda a pequena notável que conquistou o mundo ( Imagem). Disponível em: [Carmen Miranda: A PEQUENA NOTÁVEL QUE CONQUISTOU O MUNDO - Revista VLK](#)

## ANEXO (CATÁLOGO DAS MÚSICAS)

**Insegurança Alimentar em canções brasileiras no eixo Rio-São Paulo durante o governo Vargas (1930-1954).**

**Lara Longobardi Aguiar Ramos**

Dissertação de Mestrado em Alimentação – Fontes, Cultura e Sociedade

Orientadora: Doutora Paula Barata Dias

Co-orientadora: Doutora Maria Beatriz Trindade de Castro

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**<sup>1</sup>MAXIXE CAFÉ COM LEITE**

Nosso mestre Cuca movimentou  
O Brasil inteiro  
Pois cada um Estado pra cá mandou  
O seu cozinheiro  
Mexeu-se a panela, fez-se a comida  
Com perfeição  
Assim foi a bóia bem escolhida  
Com perfeição  
Café paulista  
Leite mineiro (bis)  
Nacionalista  
Bem brasileiro  
É preto com branco café com leite  
Cor democrata  
É preto com branco meu bem aceite  
Cor da mulata  
O leite é bem grosso, o café é forte  
Agüenta a mão  
As novas comidas têm que dar sorte  
Na situação.  
(Alencar, 1980: 169-70)

---

<sup>1</sup> Compositor/ Intérprete: Freire Junior

Ano da gravação: 1926

Letra da canção disponível no artigo: “O que o rei não viu”: música popular e nacionalidade no Rio de Janeiro da Primeira República”.

Fonte das informações: REIS ( 2003)

**<sup>2</sup>BAHIA**

Bahia, terra do coco babaçu  
Bahia, que tem muqueca e umbú  
Baiana tem mandinga  
Baiana tem feitiço

Eu sou da Bahia  
E mereço um sacrifício  
Quem da Bahia tiver saudade  
Pega o pandeiro e cai no choro  
Roda o tundá, bota a chinela  
Cai num desafio  
Integrando o coro

Terra do jongo e do batuque  
A batucar nas noites de Reis  
Eu, pra Bahia, hei de voltar  
Juro por Deus  
E não tem talvez

---

<sup>2</sup> Compositor: Ary Barroso

Intérprete: Silvio Caldas

Ano da gravação: 1931

Gravadora: Odeon

Letra da canção disponível em [Bahia - Ary Barroso - VAGALUME](#) com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB.

**<sup>3</sup>AQUARELA DO BRASIL**

Brasil  
Meu Brasil brasileiro  
Meu mulato inzoneiro  
Vou cantar-te nos meus versos  
Ô Brasil, samba que dá  
Bamboleio que faz gingar  
Ô Brasil, do meu amor  
Terra de Nosso Senhor  
Brasil, Brasil  
Pra mim, pra mim

Ah, abre a cortina do passado  
Tira a Mãe Preta, do cerrado  
Bota o Rei Congo, no congado  
Brasil, Brasil  
Pra mim, pra mim

Deixa, cantar de novo o trovador  
A merencória luz da lua  
Toda canção do meu amor  
Quero ver essa dona, caminhando  
Pelos salões arrastando  
O seu vestido rendado  
Brasil, Brasil  
Pra mim, pra mim

Brasil  
Terra boa e gostosa  
Da morena sestrosa  
De olhar indiscreto  
Oh Brasil, samba que dá  
Bamboleio, que faz gingar  
Oh Brasil, do meu amor  
Terra de Nosso Senhor  
Brasil, Brasil  
Pra mim, pra mim

Oh, esse coqueiro que dá coco  
Onde eu amarro a minha rede  
Nas noites claras de luar  
Brasil, Brasil  
Pra mim, pra mim

( Continuação – Aquarela do Brasil)

---

<sup>3</sup> Compositor: Ary Barroso

Intérprete: Francisco Alves

Ano da gravação: 1931

Gravadora: Victor

Letra da canção disponível em [Aquarela Do Brasil - Ary Barroso - VAGALUME](#) com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB.

Ah, ouve essas fontes murmurantes  
Onde eu mato a minha sede  
E onde a lua vem brincar  
Ah, este Brasil lindo e trigueiro  
É o meu Brasil, brasileiro  
Terra de samba e pandeiro  
Brasil, Brasil  
Pra mim, pra mim

**<sup>4</sup>SAMBA DA BOA VONTADE**

Viver alegre hoje é preciso  
Conserva sempre o teu sorriso  
Mesmo que a vida esteja feia  
E que vivas na pirimba  
Passando a pirão de areia

Gastei o teu dinheiro  
Mas não tive compaixão  
Porque tenho a certeza  
Que ele volta à tua mão  
Se ele acaso não voltar  
Eu te pago com sorriso  
E o recibo hás de passar  
(Nesta questão solução sei dar)

Neste Brasil tão grande  
Não se deve ser mesquinho  
Quem ganha na avareza  
Sempre perde no carinho  
Não admito minharia  
Pois qualquer economia  
Sempre acaba em porcaria  
(Minha barriga não está vazia)

Comparo o meu Brasil  
A uma criança perdulária  
Que anda sem vintém  
Mas tem a mãe que é milionária  
E que jurou batendo o pé  
Que iremos à Europa  
Num aterro de café  
(Nisto eu sempre tive fé)

---

<sup>4</sup>Compositor: Noel Rosa e João de Barro

Ano da gravação: 1931

Gravadora: Parlaphon

Letra da canção disponível em [SAMBA DA BOA VONTADE - Noel Rosa - LETRAS.COM](http://SAMBA DA BOA VONTADE - Noel Rosa - LETRAS.COM)  
com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB.



**<sup>5</sup>MINHA VIDA SE CONSOME**

A noite vai chegando  
Minha vida se consome  
Tanta gente se alimentando  
E só eu passando fome  
Dá rugido, dá estalo  
Meu estômago faminto  
Vou ver se posso tapeá-lo  
Apertando mais o cinto

Que ironia do destino  
Tem sido minha vida  
Me chamam de vagalino  
Porque já perdi a linha  
O batente eu procuro  
Sou capaz de dar duro  
Mas ninguém me dá trabalho  
E dizem que nada valho

Passo a pastéis de brisa  
E não tenho mais camisa  
Só tenho a filosofia  
Que me dá consolação  
Com a barriga assim vazia  
Sei que morrerei  
No necrotério acabarei  
Mas não será de indigestão

---

<sup>5</sup> Compositor: Adoniran Barbosa

Intérprete: Adoniran Barbosa

Ano da gravação : 1932

Letra da canção disponível em [MINHA VIDA SE CONSOME - Adoniran Barbosa - LETRAS.COM](http://MINHAVIDASECONSUME-AdoniranBarbosa-LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: PRADO ( 2018)

**‘ESCOLA DE MALANDRO**

A escola do malandro  
É fingir que sabe amar  
Sem elas perceberem  
Para não estrilar...  
Fingindo é que se leva vantagem  
Isso, sim, que é malandragem  
(Quá, quá, quá, quá...)  
[-Isso é conversa pra doutor?]

Oi, enquanto existir o samba  
Não quero mais trabalhar  
A comida vem do céu,  
Jesus Cristo manda dar!  
Tomo vinho, tomo leite,  
Tomo a grana da mulher,  
Tomo bonde e automóvel,  
Só não tomo Itararé<sup>1</sup>  
(Mas...)

Oi, a nega me deu dinheiro  
Pra comprar sapato branco,  
A venda estava perto,  
Comprei um par de tamanco.  
Pois aconteceu comigo  
Perfeitamente o contrário:  
Ganhei foi muita pancada  
E um diploma de otário.  
(Mas...)

---

<sup>1</sup> Compositor: Noel Rosa, Ismael Silva e Orlando Luis.

Ano da gravação : 1933

Gravadora: Odeon.

Letra da canção disponível em [ESCOLA DE MALANDRO - Ismael Silva - LETRAS.COM](http://ESCOLA DE MALANDRO - Ismael Silva - LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

## **7FILOSOFIA**

O mundo me condena, e ninguém tem pena  
Falando sempre mal do meu nome  
Deixando de saber se eu vou morrer de sede  
Ou se vou morrer de fome

Mas a filosofia hoje me auxilia  
A viver indiferente assim  
Nesta prontidão sem fim  
Vou fingindo que sou rico  
Pra ninguém zombar de mim

Não me incomodo que você me diga  
Que a sociedade é minha inimiga  
Pois cantando neste mundo  
Vivo escravo do meu samba, muito embora vagabundo  
Quanto a você da aristocracia  
Que tem dinheiro, mas não compra alegria  
Há de viver eternamente sendo escrava dessa gente  
Que cultiva hipocrisia

---

7Compositor: Noel Rosa E Andre Filho

Interprete: Mario Reis

Ano da gravação : 1933

Gravadora: Columbia

Letra da canção disponível em [FILOSOFIA - Noel Rosa - LETRAS.COM](http://FILOSOFIA - Noel Rosa - LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

## <sup>8</sup>INFELIZMENTE

Eu tenho inveja dos mocinhos da Avenida  
de ombros largos e elegância nos quadris  
Roupa lavada, casa, luz e até comida  
Tudo de graça, ó que gente tão feliz!

Infelizmente eu trabalho muito!  
Conheço um "cabra" que tem sorte até comendo  
Frequenta um "china" bem ali na rua Sete  
Um dia desses, vejam só, caso estupendo  
Achou um relógio na barriga de um croquete  
Infelizmente eu almoço em casa

Eu quando vejo um baile de alta-sociedade  
Lindas casacas, toaletes formidáveis  
de terno-saco dou uma volta na cidade  
Tomo uma média, vão-se os níqueis miseráveis  
Infelizmente sou da classe-média

Se me apresentam uma menina espevitada  
que bebe e fuma e dança o fox-trot blue  
finjo que entendo e afinal não entendo nada  
Envergonhado, cabisbaixo, jururu!  
Infelizmente já passei da idade!

---

<sup>8</sup>Compositor: Lamartine Babo

Interprete: Lamartine Babo

Ano da gravação : 1933

Gravadora: Victor

Letra da canção disponível em [INFELIZMENTE - Lamartine Babo - LETRAS.COM](http://INFELIZMENTE - Lamartine Babo - LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**'SEU JACINTO**

O que eu sinto e não consinto  
É seu cinto se afrouxar  
Seu Jacinto aperta o cinto  
Bota as calças no lugar

O seu Jacinto tinha que comprar feijão  
Mas não tinha um só tostão  
E o caixeiro estava duro  
Ele não gosta de pagar feijão à vista  
Porque sendo futurista  
Paga sempre pro futuro

O seu Jacinto que é cheio de chiqué  
Eu não sei dizer por quê  
Dorme de cartola e fraque  
Anda dizendo que o seu sonho dourado  
É morrer esmigalhado  
Por um carro Cadillac

O seu Jacinto já arranca a sobrancelha  
E só bebe mel de abelha  
Para ser um doce amor  
A tia dele que até hoje é melindrosa  
Quer ser leve e vaporosa  
E tomar banho de vapor

Quando tem baile lá na casa da Teresa  
Ela faz pano de mesa  
Com o lençol que cobre a cama  
Bota nos copos água usada na banheira  
Depois diz à turma inteira  
Que é cerveja lá da Brahma

---

9 Compositor: Noel Rosa e Isamel Silva.

Ano da gravação : 1933

Gravadora: Odeon

Letra da canção disponível em [Seu Jacinto - Noel Rosa - LETRAS.MUS.BR](http://SeuJacinto-NoelRosa-LETRAS.MUS.BR)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>10</sup>HISTÓRIA DO BRASIL**

Quem foi que inventou o Brasil?  
Foi seu Cabral!  
Foi seu Cabral!

No dia vinte e um de abril  
Dois meses depois do carnaval  
Depois  
Ceci amou Peri  
Peri beijou Ceci  
Ao som...  
Ao som do Guarani!  
Do Guarani ao guaraná  
Surgiu a feijoada  
E mais tarde o Paraty  
Depois  
Ceci virou Iaiá  
Peri virou Ioiô  
De lá...  
Pra cá tudo mudou!  
Passou-se o tempo da vovó  
Quem manda é a Severa  
E o cavalo Mossoró

---

<sup>10</sup>Compositor: Lamartine Babo

Ano da gravação : 1934

Gravadora: Victor

Letra da canção disponível em [História do Brasil \(marcha/carnaval\) - Lamartine Babo - LETRAS.MUS.BR](http://Historia.do.Brasil(marcha/carnaval)-LamartineBabo-LETRAS.MUS.BR)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

## **<sup>11</sup>BOA VIAGEM**

Se não mandei você embora, enfim, foi porque me faltou a  
coragem

Mas se você vai dar o fora, então, passe bem, boa viagem!  
Se não mandei você embora, enfim, foi porque me faltou a  
coragem

Mas se você vai dar o fora, então, passe bem, boa viagem!

O amor é como a chama, tem princípio, meio e fim  
Se você já não me ama, para que fingir assim?  
Não mandei você embora porque sou benevolente  
Para que você agora quer sair ocultamente

Se não mandei você embora, enfim, foi porque me faltou a  
coragem  
Mas se você vai dar o fora, então, passe bem, boa viagem!

Seu desejo não me assombra, ofereço o meu auxílio  
Passa bem, vá pela sombra, acabou-se o nosso idílio  
Seu amor e o seu nome, eu também vou esquecer  
Desta vez juntou-se a fome com a vontade de comer.

---

<sup>11</sup> Compositor: Noel Rosa

Intérprete: Aurora Miranda e Francisco Alves.

Ano da gravação : 1934

Gravadora: Odeon.

Letra da canção disponível em [Boa Viagem - Noel Rosa - VAGALUME](#)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: Rádio Cultural Brasil.

**<sup>12</sup>FEITIÇO DA VILA**

Quem nasce lá na Vila  
Nem sequer vacila  
Ao abraçar o samba  
Que faz dançar os galhos  
Do arvoredo e faz a lua  
Nascer mais cedo  
Lá, em Vila Isabel  
Quem é bacharel  
Não tem medo de bamba  
São Paulo dá café  
Minas dá leite  
E a Vila Isabel dá samba  
A vila tem um feitiço sem farofa  
Sem vela e sem vintém  
Que nos faz bem  
Tendo nome de princesa  
Transformou o samba  
Num feitiço decente  
Que prende a gente  
O sol da Vila é triste  
Samba não assiste  
Porque a gente implora  
Sol, pelo amor de Deus  
não vem agora  
que as morenas  
vão logo embora  
Eu sei por onde passo  
Sei tudo o que faço  
Paixão não me aniquila  
Mas, tenho que dizer  
Modéstia à parte  
Meus senhores  
Eu sou da Vila

---

<sup>12</sup> Compositor: Noel Rosa

Ano da gravação : 1934

Letra da canção disponível em [FEITIÇO DA VILA - Noel Rosa - LETRAS.COM](http://FEITIÇO DA VILA - Noel Rosa - LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: BBC ( 2019)



### <sup>13</sup>JOÃO NINGUÉM

João Ninguém  
Que não é velho nem moço  
Come bastante no almoço  
Pra se esquecer do jantar...  
Num vão de escada

Fez a sua moradia  
Sem pensar na gritaria  
Que vem do primeiro andar  
João Ninguém  
Não trabalha e é dos tais  
Mas joga sem ter vintém  
E fuma Liberty Ovais

Esse João nunca se expôs ao perigo  
Nunca teve um inimigo  
Nunca teve opinião  
João Ninguém  
Não tem ideal na vida  
Além de casa e comida  
Tem seus amores também

E muita gente que ostenta luxo e vaidade  
Não goza a felicidade  
Que goza João Ninguém!  
João Ninguém não trabalha um só minuto  
E vive sem ter vintém  
E anda a fumar charuto  
Esse João nunca se expôs ao perigo  
Nunca teve um inimigo  
Nunca teve opinião

---

<sup>13</sup>Compositor: Noel Rosa

Ano da gravação : 1935

Gravadora: Odeon.

Letra da canção disponível em [JOÃO NINGUÉM - Noel Rosa - LETRAS.COM](http://JOÃO_NINGUÉM_-_Noel_Rosa_-_LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>14</sup>CONVERSA DE BOTEQUIM**

Seu garçom, faça o favor de me trazer depressa  
Uma boa média que não seja requentada  
Um pão bem quente com manteiga à beça  
Um guardanapo e um copo d'água bem gelada

Feche a porta da direita com muito cuidado  
Que não estou disposto a ficar exposto ao sol  
Vá perguntar ao seu freguês do lado  
Qual foi o resultado do futebol

Se você ficar limpando a mesa  
Não me levanto nem pago a despesa  
Vá pedir ao seu patrão  
Uma caneta, um tinteiro  
Um envelope e um cartão  
Não se esqueça de me dar palitos  
E um cigarro pra espantar mosquitos  
Vá dizer ao charuteiro  
Que me empreste umas revistas  
Um isqueiro e um cinzeiro  
(...)  
Telefone ao menos uma vez  
Para três quatro, quatro, três, três, três  
E ordene ao seu Osório  
Que me mande um guarda-chuva  
Aqui pro nosso escritório  
Seu garçom me empresta algum dinheiro  
Que eu deixei o meu com o bicheiro  
Vá dizer ao seu gerente  
Que pendure esta despesa  
No cabide ali em frente

---

<sup>14</sup>Compositor: Noel Rosa e Vadico

Ano da gravação : 1935

Letra da canção disponível em [CONVERSA DE BOTEQUIM - Noel Rosa - LETRAS.COM](http://CONVERSA DE BOTEQUIM - Noel Rosa - LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: BBC (2019)

**<sup>15</sup>NO TABULEIRO DA BAIANA**

No tabuleiro da Baiana tem  
Vatapá, Carurú, Mungunza tem Ungu pra io io  
Se eu pedir você me dá  
o seu coração, seu amor de ia ia

No coração da Baiana também tem  
Sedução, cangerê, ilusão, candomblé  
Pra você  
Juro por Deus, pelo senhor do bonfin  
quero você Baianinha inteirinha pra mim

E depois o que será de nós dois?  
Seu amor é tão Fulgás enganador  
Tudo já fiz, fui até no cangerê  
Pra ser feliz, meus trapinhos juntar com você  
E depois vai ser mais uma ilusão  
no amor que governa o coração

---

<sup>15</sup>Compositor: Dorival Caymmi

Intérprete: Carmen Miranda

Ano da gravação : 1936

Letra da canção disponível em [NO TABULEIRO DA BAIANA - Dorival Caymmi - LETRAS.COM](http://NO_TABULEIRO_DA_BAIANA_-_Dorival_Caymmi_-_LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>16</sup>BATUQUE NA COZINHA**

Batuque na cozinha  
 Sinhá não quer  
 Por causa do batuque  
 Eu queimei o pé  
 Não moro em casa de cômodo  
 Não é por ter medo não  
 Na cozinha muita gente sempre dá em alteração

Batuque na cozinha  
 Sinhá não quer  
 Por causa do batuque  
 Eu queimei o pé  
 Então não bula na cumbuca  
 Não me espante o rato  
 Se o branco tem ciúme  
 Que dirá o mulato

Eu fui na cozinha  
 Pra ver uma cebola  
 E o branco com ciúme  
 De uma tal crioula  
 Deixei a cebola, peguei a batata  
 E o branco com ciúme de uma tal mulata  
 Peguei o balaio pra medir a farinha  
 E o branco com ciúme de uma tal branquinha  
 Então não bula na cumbuca  
 Não me espante o rato  
 Se o branco tem ciúme  
 Que dirá o mulato

Mas o batuque na cozinha  
 Sinhá não quer  
 Por causa do batuque  
 Eu queimei o pé  
 Eu fui na cozinha pra tomar o café  
 E o malandro ta de olho na minha mulher  
 Mas, comigo eu apelei pra desarmonia  
 E fomos direto pra delegacia  
 ( Continuação – Batuque na cozinha)  
 Seu comissário foi dizendo com altivez

---

<sup>16</sup> Intérprete: Pixinguinha, Clementina de Jesus, Almeida Bahiano, Rubens Soares e Zeca .  
 Ano da gravação : 1937  
 Letra da canção disponível em [Batouque Na Cozinha - Pixinguinha - LETRAS.MUS.BR](http://Batouque.Na.Cozinha-Pixinguinha-LETRAS.MUS.BR)  
 Com acesso em 26 de Maio de 2021.  
 Fonte das informações: Instituto Moreira Salles

E da casa de cômodos da tal Inês  
Revistem os dois, botem no xadrez  
Malandro comigo não tem vez  
Batuque na cozinha

Mas seu comissário  
Eu estou com razão  
Eu não moro na casa de arrumação  
Eu fui apanhar o meu violão  
Que estava empenhado com Salomão  
Eu pago a fiança com satisfação

Mas não me bota no xadrez  
Com esse malandrão  
Que faltou com respeito a um cidadão  
Que é Paraíba do Norte, Maranhão  
Batuque na cozinha

<sup>17</sup>CANJIQUINHA QUENTE

Canjiquinha bem quente  
Amendoim torrãozinho  
(est.) Canjiquinha bem quente  
Ioiô me deu Iaiá  
Canjiquinha quente eu fui fazer  
e Ioiô eu deixei lá  
Foi Ioiô que um belo dia  
me roubou o coração  
E ficou lá na Bahia (bis)  
sem saber que era ladrão  
Vá dizer lá na Bahia  
Vá dizer minha Iaiá  
que eu só penso noite e dia (bis)  
em Ioiô que eu deixei lá  
Vou-me embora, vou-me embora  
p'rá Bahia outra vez  
Vou vender a canjiquinha (bis)  
Só volto no fim do mês  
Canjiquinha bem quente  
Amendoim torrãozinho

---

<sup>17</sup>Intérprete: Carmen Miranda

Ano da gravação : 1937

Gravadora: Odeon.

Letra da canção disponível em [CANJIQUINHA QUENTE - Carmen Miranda - LETRAS.COM](http://CANJIQUINHA.QUENTE-CarmenMiranda-LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: Instituto Cravo Albin

**<sup>18</sup>YES, NÓS TEMOS BANANA**

Yes, nós temos bananas  
Bananas pra dar e vender  
Banana menina tem vitamina  
Banana engorda e faz crescer

Vai para a França o café, pois é  
Para o Japão o algodão, pois não  
Pro mundo inteiro, homem ou mulher  
Bananas para quem quiser

Mate para o Paraguai, não vai  
Ouro do bolso da gente, não sai  
Somos da crise, se ela vier  
Bananas para quem quiser

---

<sup>18</sup>Intérprete: João de Barro.

Compositor: Braguinha e Almirante.

Ano da gravação : 1937

Letra da canção disponível em [YES, NÓS TEMOS BANANAS - Marchinhas de Carnaval - LETRAS.COM](http://LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: Coleção folha – Raízes da MPB

## <sup>19</sup>CAMISA LISTRADA

Vestiu uma camisa listrada e saiu por aí  
Em vez de tomar chá com torrada ele bebeu parati  
Levava um canivete no cinto e um pandeiro na mão  
E sorria quando o povo dizia: sossega leão, sossega leão  
Tirou o anel de doutor para não dar o que falar  
E saiu dizendo eu quero mamar

Mamãe eu quero mamar, mamãe eu quero mamar  
Levava um canivete no cinto e um pandeiro na mão  
E sorria quando o povo dizia: sossega leão, sossega leão  
Levou meu saco de água quente pra fazer chupeta  
Rompeu minha cortina de veludo pra fazer uma saia  
Abriu o guarda-roupa e arrancou minha combinação

E até do cabo de vassoura ele fez um estandarte  
Para seu cordão  
Agora a batucada já vai começando não deixo e não consinto  
O meu querido debochar de mim  
Porque ele pega as minhas coisas vai dar o que falar  
Se fantasia de Antonieta e vai dançar no Bola Preta  
Até o sol raiar

---

<sup>19</sup>Compositor: Assis Valente

Interprete: Carmen Miranda.

Ano da gravação : 1937

Letra da canção disponível em [CAMISA LISTRADA - Assis Valente - LETRAS.COM](http://CAMISA LISTRADA - Assis Valente - LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: Itaú cultural.



**<sup>20</sup>NAS CADEIRAS DA BAIANA**

(Estribilho)

Nuno Roland - Nas cadeiras da baiana tem...

Carmen Miranda - Tem candomblé, tem feitiço

Canjerê com azeite de dendê

Baiana que faz cocada,

a cassa e tudo enfim

NR - Baiana que tanto gosto e que não gosta de mim

NR - Baiana eu canto samba, canto valsa

e não dou rata

Vou lá na tua janela fazer uma serenata

(Estribilho)

CM - Que você canta eu sei, sua voz é muito boa

É! Mas p'rá cima de "moi" a sua voz não entoa!

---

<sup>20</sup> Interprete: Carmen Miranda e Nuno Roland.

Ano da gravação : 1938

Gravadora: Odeon.

Letra da canção disponível em [Nas Cadeiras da Bahiana - Carmen Miranda - LETRAS.MUS.BR](http://NasCadeirasdaBahiana-CarmenMiranda-LETRAS.MUS.BR)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: Institutio Cravo Albin.

**<sup>21</sup>SALADA MISTA**

Uma pitada de massa de tomate,  
All right, all right  
E três gotinhas de molho inglês:  
OK, OK,  
Algumas gramas de petit-pois  
François, François

E ficou pronto o pirão do chanceler  
Que papou de colher  
Que papou de colher  
Disse o francês:  
Oui, oui, oui  
Disse o inglês:  
Yes, yes,

Quem não gostou foi o tchecoslovaco  
Que deu o cavaco, que deu o cavaco  
Italiano entrou, então na salada  
E não sobrou nada  
E não sobrou nada

---

<sup>21</sup> Compositor: Ary Barroso.

Interprete: Carmen Miranda.

Ano da gravação : 1938

Gravadora: Odeon.

Letra da canção disponível em [Salada Mista - Ary Barroso - VAGALUME](#)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>22</sup>MELHOR FRUTA DA TERRA**

Iaiá, você tem razão,  
Seu coração não se engana,  
A melhor fruta da terra, iaiá,  
É a banana.

Iaiá, você tem razão,  
Seu coração não se engana,  
A melhor fruta da terra, iaiá,  
É a banana.

O tio san,  
Já não quer comprar café,  
Como é que é,  
Como é que é,  
Mas se o titio isso não resolver,  
Yes, nós temos bananas,  
Pra dar e vender...

---

22 Compositor: João de Barro ( Braguinha)

Interprete: Emilinha Borba

Ano da gravação : 1938

Letra da canção disponível em [A.MELHOR.FRUTA.DA.TERRA - Marchinhas de Carnaval - LETRAS.COM](http://A.MELHOR.FRUTA.DA.TERRA-Marchinhas.de.Carnaval-LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>23</sup>A PRETA DO ACARAJÉ**

Dez horas da noite  
Na rua deserta  
A preta mercando  
Parece um lamento  
Ê o abará  
Na sua gamela

Tem molho e cheiroso  
Pimenta da costa  
Tem acarajé  
Ô acarajé é cor  
Ô la lá io  
Vem benzer  
Tá quentinho

Todo mundo gosta de acarajé  
O trabalho que dá pra fazer que é  
Todo mundo gosta de acarajé  
Todo mundo gosta de abará  
Ninguém quer saber o trabalho que dá

Todo mundo gosta de acarajé  
O trabalho que dá pra fazer que é  
Todo mundo gosta de acarajé  
Todo mundo gosta de abará  
Ninguém quer saber o trabalho que dá

Todo mundo gosta de abará  
Todo mundo gosta de acarajé  
Dez horas da noite  
Na rua deserta  
Quanto mais distante  
Mais triste o lamento  
Ê o abará.

---

<sup>23</sup>Compositor: Dorival Caymmi

Interprete: Carmen Miranda

Ano da gravação : 1939

Gravadora: Odeon.

Letra da canção disponível em [LETRAS.COM](http://LETRAS.COM) - Dorival Caymmi -

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**24 PENSÃO DA DONA STELLA**

Coro - Dona Estela foi moça de salão  
Hoje tem uma boa pensão  
BJ - Muito boa!  
Coro - E o seu trovador não quer mais amor  
O que quer é tutu de feijão (est.)  
1. CM - Picadinho à baiana (tem)  
Camarão ensopado (tem)  
BJ - Que cheiro bom que tem a D. Estela  
quando abre a panela  
Bacalhau na sexta-feira (tem)  
CM - Tem linguiça e chuchu (também)  
BJ - Tem tudo na pensão da D. Estela  
(tem, tem, tem, tem, tem, tem)  
2. CM - E se quiser "galinha-morta" (tem)  
E peru com farofa (tem)  
BJ - O preço da pensão da D. Estela  
é cobrado por tabela  
CM - E maionese de lagosta (tem)  
Até frutas tem lá (também)  
BJ - Muito boas!  
Tem tudo na pensão da D. Estela  
(tem, tem, tem, tem, tem, tem)

---

24Compositor: Paulo Barbosa e Osvaldo Santiago

Interprete: Carmen Miranda

Ano da gravação : 1939

Letra da canção disponível em [A PENSÃO DA DONA STELLA - Carmen Miranda - LETRAS.COM](http://LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: Instituto Moreira Salles

**<sup>25</sup>SOUTH AMERICAN AWAY**

Ai, ai, ai, ai  
 É o canto do pregoneiro  
 Que com sua harmonia  
 Traz alegria  
 In South American Way  
 Ai, ai, ai, ai  
 E o que traz no seu tabuleiro  
 Vende pra ioiô  
 Vende pra iaiá  
 In South American Way  
 E vende vatapá  
 E vende caruru  
 E vende munguzá  
 E vende umbu  
 No tabuleiro tem de tudo que convém  
 Mas só lhe falta, ai, ai berenguendéns  
 Ai, ai, ai, ai  
 É o canto do pregoneiro  
 Que com sua harmonia  
 Traz alegria  
 In South American Way  
 Ai, ai, ai, ai  
 Ai, ai, ai, ai,  
 Ai ,ai, ai, ai  
 In South American Way  
 Ai, ai, ai, ai  
 Have you ever danced  
 In the tropics?  
 With that hazy lazy  
 Like, kind of crazy  
 Like South American Way  
 (...)

---

<sup>25</sup>Compositor: Jimmy Mc Hughe Al dubin.

Interprete: Carmen Miranda

Ano da gravação : 1939 – 1949

Gravadora: Odeon.

Letra da canção disponível em [South American Way - Carmen Miranda - LETRAS.MUS.BR](http://South American Way - Carmen Miranda - LETRAS.MUS.BR)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>26</sup>QUE NEM JILÓ**

Se a gente lembra só por lembrar  
O amor que a gente um dia perdeu  
Saudade inté que assim é bom  
Pro cabra se convencer  
Que é feliz sem saber  
Pois não sofreu

Porém se a gente vive a sonhar  
Com alguém que se deseja rever  
Saudade, entonce, aí é ruim  
Eu tiro isso por mim  
Que vivo doído a sofrer

Ai quem me dera voltar  
Pros braços do meu xodó  
Saudade assim faz roer  
E amarga qui nem jiló  
Mas ninguém pode dizer  
Que me viu triste a chorar  
Saudade, o meu remédio é cantar

---

<sup>26</sup>Compositor: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

Ano da gravação : 1940

Letra da canção disponível em [QUE NEM JILÓ - Luiz Gonzaga - LETRAS.COM](http://LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: Instituto Cravo Albin

**<sup>27</sup>RECENSEAMENTO**

Em 1940

Lá no morro ,começaram o recenseamento

E o agente recenseador

Esmiuçou a minha vida

Que foi um horror

E quando viu a minha mão sem aliança

Encarou para a criança

Que no chão dormia

E perguntou se meu moreno era decente

Se era do batente ou se era da folia

Obediente como a tudo que é da lei

Fiquei logo sossegada e falei então:

O meu moreno é brasileiro, é fuzileiro,

É o que sai com a bandeira do seu batalhão!

A nossa casa não tem nada de grandeza

Nós vivemos na fartura sem dever tostão

Tem um pandeiro, um cavaquinho, um tamborim

um reco-reco, uma cuíca e um violão

Fiquei pensando e comecei a descrever

Tudo, tudo de valor

Que meu Brasil me deu

Um céu azul, um Pão de Açúcar sem farelo

Um pano verde e amarelo

Tudo isso é meu!

Tem feriado que pra mim vale fortuna

A Retirada da Laguna vale um cabedal!

Tem Pernambuco, tem São Paulo, tem Bahia

---

<sup>27</sup>Compositor: Assis Valente

Intérprete: Carmen Miranda

Ano da gravação : 1940

Gravadora: Odeon.

Letra da canção disponível em [Recenseamento - Assis Valente - LETRAS.MUS.BR](http://Recenseamento - Assis Valente - LETRAS.MUS.BR)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB



**<sup>28</sup>BATATAS FRITAS**

Lá vem você,  
Com a mesma conversa,  
De todo o dia,  
Que está tudo caro,  
E você não pode,  
Fazer economia,  
Já não há manteiga,  
E o feijão está custando um dinheirão,  
Se a vida der um boléu,  
Você acaba na rua,  
Apanhando papel.

Você só come bife,  
Com batatas fritas ou petit pois,  
Mas é que o meu dinheiro,  
Não é verdura,  
Que plantando dá,  
E se você, menino,  
Não está satisfeito,  
E quer bancar o grã-fino,  
Vá dança um tango,  
Vá comer um frango,  
Lá pelo cassino.

---

<sup>28</sup>Compositor: Ciro de Souza e Garcez.

Intérprete: Aurora Miranda

Ano da gravação : 1940

Gravadora: Victor

Letra da canção disponível em [BATATAS FRITAS - Aurora Miranda - LETRAS.COM](http://BATATAS FRITAS - Aurora Miranda - LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>29</sup>DISSERAM QUE EU VOLTEI AMERICANIZADA**

E disseram que eu voltei americanizada  
Com o burro do dinheiro  
Que estou muito rica  
Que não suporto mais o breque do pandeiro  
E fico arrepiada ouvindo uma cuíca  
Disseram que com as mãos  
Estou preocupada  
E corre por aí  
Que eu sei certo zum-zum  
Que já não tenho molho, ritmo, nem nada  
E dos balangandans já nem existe mais nenhum  
Mas pra cima de mim, pra que tanto veneno?  
Eu posso lá ficar americanizada?  
Eu que nasci com o samba e vivo no sereno  
Topando a noite inteira a velha batucada  
Nas rodas de malandro minhas preferidas  
Eu digo mesmo eu te amo, e nunca I love you  
Enquanto houver Brasil  
Na hora da comidas  
Eu sou do camarão ensopadinho com chuchu

---

<sup>29</sup>Compositor: Vicente Paiva e Luiz Peixoto

Intérprete: Carmen Miranda

Ano da gravação : 1940

Gravadora: Odeon.

Letra da canção disponível em [DISSERAM QUE EU VOLTEI AMERICANIZADA - Carmen Miranda - LETRAS.COM](#)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>30</sup>VOCÊ JÁ FOI A BAHIA?**

Você já foi à Bahia, nega?  
Não?  
Então vá!  
Quem vai ao Bonfim, minha nega  
Nunca mais quer voltar  
Muita sorte teve  
Muita sorte tem  
Muita sorte terá  
Você já foi à Bahia, nega?  
Não?  
Então vá!  
Lá tem vatapá  
Então vá!  
Lá tem caruru  
Então vá!  
Lá tem munguzá  
Então vá!  
Se quiser sambar  
Então vá!  
Nas sacadas dos sobrados  
Da velha São Salvador  
Há lembranças de donzelas  
Do tempo do Imperador  
Tudo, tudo na Bahia  
Faz a gente querer bem  
A Bahia tem um jeito  
Que nenhuma terra tem  
Lá tem vatapá  
Então vá!  
Lá tem caruru  
Então vá!  
Lá tem munguzá  
Então vá  
(...) Nas sacadas dos sobrados  
Da velha São Salvador  
Há lembranças de donzelas  
Do tempo do Imperador  
Tudo, tudo na Bahia  
Faz a gente querer bem  
A Bahia tem um jeito  
Que nenhuma terra tem

---

<sup>30</sup> Compositor: Dorival Caymmi

Ano da composição: 1941

Letra da canção disponível em [VOCÊ JÁ FOI A BAHIA? - Dorival Caymmi - LETRAS.COM](http://VOCÊ_JÁ_FOI_A_BAHIA?_Dorival_Caymmi_-_LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: Itaú Cultural

Você já foi à Bahia, nega?

Não?

Então vá!

Quem vai ao Bonfim, minha nega

Nunca mais quer voltar

Muita sorte teve

Muita sorte tem

Muita sorte terá

Você já foi à Bahia, nega?

Não?

Então vá!

**<sup>31</sup>BRASIL PANDEIRO**

Chegou a hora dessa gente bronzeada  
Mostrar seu valor  
Eu fui à penha fui pedir à padroeira para  
Me ajudar  
Salve o Morro do Vintém, Pendura-Saia  
Que eu quero ver  
Eu quero ver o Tio Sam tocar pandeiro  
Para o mundo sambar  
O Tio Sam está querendo conhecer  
A nossa batucada  
Anda dizendo que o molho da baiana  
Melhorou seu prato  
Vai entrar no cuscuz, acarajé e abará  
Na Casa Branca já dançou a batucada  
De ioiô iaiá  
Brasil, esquentai vossos pandeiros iluminai os terreiros  
Que nós queremos sambar  
Há quem sambe diferente  
Noutras terras, outra gente  
Um batuque de matar  
Batucada, reuni vossos valores  
Pastorinhas e cantores  
Expressão que não tem par  
Oh! Meu Brasil  
Brasil, esquentai vossos pandeiros

---

<sup>31</sup> Compositor: Assis Valente

Interprete: Anjos do Inferno

Ano da composição: 1941

Letra da canção disponível em [Brasil Pandeiro - Assis Valente - LETRAS.MUS.BR](http://BRASIL.PANDEIRO-ASSIS-VALENTE-LETRAS.MUS.BR)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: Rádio UFRJ.

**<sup>32</sup>EMILIA**

Quero uma mulher  
Que saiba lavar e cozinhar  
E de manhã cedo  
Me acorde na hora de trabalhar  
Só existe uma  
E sem ela eu não vivo em paz  
Emília, Emília, Emília  
Não posso mais  
Ninguém sabe igual a ela  
Preparar o meu café  
Não desfazendo das outras  
Emília é mulher  
Papai do céu é quem sabe  
A falta que ela me faz  
Emília, Emília, Emília  
Não posso mais

---

<sup>32</sup>Compositor: Wilson Batista e Haroldo Lobo

Interprete: Vassourinha

Ano da composição: 1941

Letra da canção disponível em [Emília - Vassourinha - LETRAS.MUS.BR](http://Emília - Vassourinha - LETRAS.MUS.BR)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: Instituto Moreira Salles

**<sup>33</sup>ESSA NOITE EU TIVE UM SONHO**

Saltei em Berlim, entrei num botequim,  
Pedi café, pão e manteiga pra mim,  
O garçom respondeu: não pode ser não !  
Fiquei furioso e fui "hablar" ao patrão,  
Que me recebeu com duas pedras na mão,  
E me disse quatro frases em Alemão,  
Néris disse, sou doutor em samba,  
Venho de outra nação !  
Tive vontade de comer uns bifés,  
Ich nag dich, seu Fritz,  
Não se resolve assim não.

Venho do Brasil,  
Trago um presente pro senhor,  
Esta ganha e esta perde,  
Na voltinha que eu dou,  
Já tinha ganho todos os marcos para mim,  
Quando ouvi o ruído de um Zeppelin,  
Eu acordei, tinha caído no chão,  
Salsicha à noite, não faz boa digestão.

---

<sup>33</sup>Compositor: João Baptista de Carvalho

Interprete: Wilson Batista

Ano da composição: 1941

Gravadora: Odeon.

Letra da canção disponível em [ESTA NOITE EU TIVE UM SONHO - Wilson Batista - LETRAS.COM](http://ESTA_NOITE_EU_TIVE_UM_SONHO_-_Wilson_Batista_-_LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>34</sup>VOCE É MEU XODÓ**

Se não é verdade o que eu vou confessar  
Eu peço a deus pra me castigar  
Eu não quero ganhar um pão pra comer  
Se eu não passo noite e dia bis  
Com pensamento em voçe  
Eu já disse o que eu sinto  
Voçe é o meu xodó  
Voçe sabe que eu não minto  
Tenha pena,tenha dó  
Nao sei porque  
Voçe vive reclamando que eu sou ruim  
Ainda acabdo me aborrecendo  
Pra não duvidar de mim  
[ai,você não era assim]

---

<sup>34</sup>Compositor: Ataulfo Alves

Interprete: Cyro Monteiro e Wilson Batista

Ano da composição: 1941

Gravadora: Odeon.

Letra da canção disponível em [VOCE É MEU XODÓ - Ataulfo Alves - LETRAS.COM](http://VOCE É MEU XODÓ - Ataulfo Alves - LETRAS.COM)

Com acesso em 26 de Maio de 2021.

Fonte das informações: Instituto Cravo Albin.



<sup>35</sup>VATAPÁ

Quem quiser vatapá, ô  
Que procure fazer  
Primeiro o fubá  
Depois o dendê  
Procure uma nêga baiana, ô  
Que saiba mexer  
Que saiba mexer  
Que saiba mexer  
Procure uma nêga baiana, ô  
Que saiba mexer  
Que saiba mexer  
Que saiba mexer  
Bota castanha de caju  
Um bocadinho mais  
Pimenta malagueta  
Um bocadinho mais  
Bota castanha de caju  
Um bocadinho mais  
Pimenta malagueta  
Um bocadinho mais  
Amendoim, camarão, rala um coco  
Na hora de machucar  
Sal com gengibre e cebola, iaiá  
Na hora de temperar  
Não para de mexer, ô  
Que é pra não embolar  
Panela no fogo  
Não deixa queimar  
Com qualquer dez mil réis e uma nêga ô  
Se faz um vatapá  
Se faz um vatapá  
Que bom vatapá

---

<sup>35</sup>Compositor: Dorival Caymmi

Interprete: Anjos do inferno

Ano da gravação: 1942

Letra da canção disponível em [VATAPÁ - Dorival Caymmi - LETRAS.COM](http://VATAPÁ - Dorival Caymmi - LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: Instituto Cravo Albin.

<sup>36</sup>BOA COMPANHEIRA

Sou feliz  
Estou com a vida que pedi a Deus  
Tenho tudo  
Tudo, tudo o que sonhei na mão  
É uma boa companheira  
Essa morena faceira  
Que tempera o meu feijão  
  
Já não fico mais na esquina  
Já comprei um macacão  
Vou feliz pra oficina  
E às vezes faço serão  
Em troca de tudo isso  
Eu tenho em compensação  
Uma morena faceira  
Que tempera o meu feijão.

---

<sup>36</sup>Compositor: João Batista e Antonio Nassara

Interprete: Cyro Monteiro

Ano da gravação: 1942

Letra da canção disponível em [Boa Companheira - Wilson Batista - LETRAS.MUS.BR](http://Boa%20Companheira%20-%20Wilson%20Batista%20-%20LETRAS.MUS.BR)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

<sup>37</sup>SINUCA DE BICO

Fica no mole toma mais um gole  
E vai bater mais um papinho lá no botequim  
Vai aumentar a conta que já deve  
Depois vem com a mão leve a levantar pra mim.  
É de manhã, de noite, a toda hora  
Até parece que já moras dentro de um bilhar  
Mas, qualquer dia eu passo a mão no taco  
E com esse tacco eu te ataco até o taco cantar.

E não tem comida pra botar no fogo  
Teu dinheiro vai pro jogo sem sobrar vintém  
Tua sinuca nunca tem saída  
Quem sabe da tua vida é o dono do armazém  
Mas qualquer dia eu passo a mão no taco  
Porque só cantando o taco é que o dinheiro vem  
E canto o taco pá  
E canto o taco pá  
Lá laia lá laia

---

<sup>37</sup>Compositor: Pedro Caetano e Noberto Martins

Interprete: Emilinha Borba

Ano da gravação: 1944

Letra da canção disponível em [SINUCA DE BICO - Emilinha Borba - LETRAS.COM](http://SINUCA DE BICO - Emilinha Borba - LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>38</sup>TRABALHO**

Trabalho, trabalho, trabalho,  
Veja você, se eu não tenho que falar,  
Trabalho, trabalho, trabalho,  
Essa mulher, sempre a me reclamar.

Me põe tanto sobre-nome,  
Pão, pão, feijão, café,  
Que meu verdadeiro nome,  
Eu já não como é.

Arranjou um garotinho,  
Querido, muito querido,  
Mas pegou a mania, de me botar apelido,  
Qualquer dia me aborreço e já sei como se faz,  
Me deito e não me levanto e não trabalho mais.

---

<sup>38</sup>Compositor: Lupicineo Rodrigues e Felisberto Martins

Interprete: Ataulfo Alves

Ano da gravação: 1945

Gravadora: Continental

Letra da canção disponível em [Trabalho | Ataulfo Alves - LETRAS](#)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>39</sup>ASA BRANCA**

Quando olhei a terra ardendo  
Igual fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação?

Que braseiro, que fornalha  
Nem um pé de plantação  
Por falta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão  
Por farta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão  
Inté mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão

Entonce eu disse, adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração  
Entonce eu disse, adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração  
Hoje longe, muitas léguas  
Numa triste solidão

Espero a chuva cair de novo  
Pra mim voltar pro meu sertão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim voltar pro meu sertão  
Quando o verde dos teus olhos  
Se espalhar na plantação  
Eu te asseguro não chore não, viu  
Que eu voltarei, viu  
Meu coração

---

<sup>39</sup>Compositor e intérprete: Luiz Gonzaga

Ano da gravação: 1947

Gravadora: Victor

Letra da canção disponível em [ASA BRANCA - Luiz Gonzaga - LETRAS.COM](http://ASA-BRANCA-LUIZ-GONZAGA-LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>40</sup>FEIRA DE MAGAIO**

Fumo de rolo, arreio de cangalha  
Eu tenho pra vender, quem quer comprar  
Bolo de milho, broa e cocada  
Eu tenho pra vender, quem quer comprar  
Pé de moleque, alecrim, canela  
Moleque sai daqui me deixa trabalhar  
E Zé saiu correndo pra feira dos pássaros  
E foi passo-voando pra todo lugar

Tinha uma vendinha no canto da rua  
Onde o mangaieiro ia se animar  
Tomar uma bicada com lambu assado  
E olhar pra Maria do Juá  
Tinha uma vendinha no canto da rua  
Onde o mangaieiro ia se animar  
Tomar uma bicada com lambu assado  
E olhar pra Maria do Juá

Cabresto de cavalo e rabichola  
Eu tenho pra vender, quem quer comprar  
Farinha, rapadura e graviola  
Eu tenho pra vender, quem quer comprar  
Pavio de cadeeiro, panela de barro  
Menino vou me embora  
Tenho que voltar  
Xaxar o meu roçado  
Que nem boi de carro  
Alpargata de arrasto não quer me levar

Porque tem um Sanfoneiro no canto da rua  
Fazendo floreio pra gente dançar  
Tem Zefa de Porcina fazendo renda  
E o ronco do fole sem parar

---

<sup>40</sup> Compositor/intérprete: Sivuca e Glorinha Gadelha

Ano da gravação: 1947

Letra da canção disponível em [FEIRA DE MANGAIO - Clara Nunes - LETRAS.COM](http://FEIRA DE MANGAIO - Clara Nunes - LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: Itaú Cultural

**41CARNE SECA COM TUTÚ**

(ele)

Carne seca, minha flor,  
Tu tá gostando de mim,  
Carne seca, faz favor,  
De não me espiar assim !

(ela)

Tutu, vá deixando disso,  
Olha eu não sou de conversa,  
Eu já tenho compromisso,  
Pretinho, não me interessa !

(ele)

Eu já sei que isso é mentira,  
Não é fato, coração,  
Da cabeça tu não tira,  
Minha configuração.

(ele)

Eu já sei que isso é mentira,  
Não é fato, coração,  
Da cabeça tu não tira,  
Minha configuração.

(ela)

Seu moleque desabusado,  
Como tu eu nunca vi,  
Precisa ser descarado,  
Vê lá se eu ligo pra ti.

(ele)

Eu não quero mais brigar,  
Quero ficar bem contigo,  
Se tu não podes me amar,  
Me deixa ser teu amigo.

(ela)

Meu tutu, meu tutuzinho,  
Eu falei de brincadeira,  
Para ti meu amorzinho,  
Eu dou minha vida inteira.

**( Continuação – Carne seca com tutú)**

(ele)

Então vou logo correndo,  
Vou um padre procurar,

---

41 Compositor/intérprete: Ary Barroso e Jorge Veiga.

Ano da gravação: 1950

Gravadora: Continental

Letra da canção disponível em [CARNE SECA COM TUTU - Ary Barroso - LETRAS.COM](http://CARNE SECA COM TUTU - Ary Barroso - LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

Pra que ele nos benzendo,  
Faça a gente se casar !

(ele)

Eu não quero mais brigar,  
Quero ficar bem contigo,  
Se tu não podes me amar,  
Me deixa ser teu amigo.

(ela)

Meu tutu, meu tutuzinho,  
Eu falei de brincadeira,  
Para ti meu amorzinho,  
Eu dou minha vida inteira.

(ele)

Então vou logo correndo,  
Vou um padre procurar,  
Pra que ele nos benzendo,  
Faça a gente se casar.



<sup>42</sup>AQUARELA MINEIRA

Negras redondas de gordas  
Levando a comida dos negros suados  
Dos negros cansados de capinar  
Bate o monjolo a cadência do milho socado  
Moleque, olha o gado, inda está no curral  
Põe prá pastar!  
Roda o engenho de cana, de cana caiana  
É de manhãzinha  
A vida começa, na Fazenda da Barrinha  
Minas Gerais, ó meu Minas Gerais  
Se eu pudesse voltar a trinta anos atrás  
Tocava os meus bois  
Fumava escondido entre os cafezais  
Ó tempinho bom, que não volta mais.

Em Minas Gerais, tem ferro, tem ouro, tutu  
Tem gado Zebú  
Tem também, umas toadas  
Alma sonora das quebradas  
Encantos das noites de luar  
E a história do Brasil  
Tem muitas páginas heroicas, imortais  
Escritas com sangue mineiro  
Salve, o meu estado de Minas Gerais.

---

<sup>42</sup>Compositor/intérprete: Ary Barroso e Francisco Alves

Ano da gravação: 1950

Gravadora: Odeon

Letra da canção disponível em [AQUARELA MINEIRA - Ary Barroso - LETRAS.COM](http://AQUARELA.MINEIRA-Ary-Barroso-LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

<sup>43</sup>ÚLTIMO PAU DE ARARA

A vida aqui só é ruim  
Quando não chove no chão  
Mas se chover dá de tudo

Fartura tem de montão  
Tomara que chova logo  
Tomara meu deus tomara

Só deixo o meu cariri  
No último pau-de-arara  
Só deixo meu cariri  
No último pau-de-arara

Enquanto a minha vaquinha  
Tiver o couro e o osso  
E puder com o chocalho  
Pendurado no pescoço

Eu vou ficando por aqui  
Que Deus do céu me ajude  
Quem sai da terra natal  
Em outros cantos não para

Só deixo o meu cariri  
No último pau-de-arara  
Só deixo meu cariri  
No último pau-de-arara.

---

<sup>43</sup>Compositor/intérprete: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

Ano da gravação: 1950

Letra da canção disponível em [Último Pau de Arara - Luiz Gonzaga - VAGALUME](#)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**44BAIÃO DE DOIS**

Abdom que moda é essa  
Deixe a trempe e a cuié  
Home não vai na cozinha  
Que é lugá só de mulhé  
Vô juntá feijão de corda  
Numa panela de arroz  
Abdom vai já pra sala  
Que hoje têm baião de dois  
Ai, ai ai, ai baião que bom tu sois  
Se o baião é bom sozinho  
Que dirá baião de dois  
Ai, ai ai, ai baião que bom tu sois  
Se o baião é bom sozinho  
Que dirá baião de dois  
Ai ai, baião de dois, ai ai, baião de dois  
Abdom que moda é essa  
Deixe a trempe e a cuié  
Home não vai na cozinha  
Que é lugá só de mulhé  
Vô juntá feijão de corda  
Numa panela de arroz  
Abdom vai já pra sala  
Que hoje têm baião de dois  
Ai, ai ai, ai baião que bom tu sois  
Se o baião é bom sozinho  
Que dirá baião de dois  
Ai, ai ai, ai baião que bom tu sois  
Se o baião é bom sozinho  
Que dirá baião de dois  
Ai ai, baião de dois, ai ai, baião de dois

---

44Compositor: Luiz Gonzaga

Intérprete: Quatro ases e um coringa

Ano da gravação: 1950

Gravadora: Victor

Letra da canção disponível em [BAIÃO DE DOIS - Luiz Gonzaga - LETRAS.COM](http://BAIÃO DE DOIS - Luiz Gonzaga - LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

<sup>45</sup>PIRARUCÚ

Quem quer pirarucu, pode vir pode chegar  
Meu pesque e pague agora, tá bombando pra danar  
Temos curimba, tilápia, temos lambari e pacu  
Temos bagre e barbado, temos pintado e jaú  
Se um gosta de peixe frito, outros já preferem cru  
Todo mundo tá contente, o que tá dando de gente  
Querendo pirarucu  
Aceitamos encomenda, e entrega a domicílio  
Atendemos todo mundo, sempre no maior estilo  
É só você me ligar, a encomenda nunca atrasa  
Nós mandamos motoqueiro, pra quem rala o dia inteiro  
E quer pirarucu em casa  
Tem quem prefere pacu, muitas vezes mal passado  
Tem filhinho de papai, que é doido por um barbado  
Outro prefere pacu, com pimenta e molho preto  
Sempre tem um esquisito, que só pra fazer bonito  
Quer pirarucu no espeto

---

<sup>45</sup>Compositor/ intérprete: Luiz Gonzaga E Humberto Teixeira

Ano da gravação: 1950

Letra da canção disponível em [PIRARUCU - Felipe e Falcão - LETRAS.COM](http://PIRARUCU - Felipe e Falcão - LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

<sup>46</sup>**CHIQUITA BACANA**

Chiquita Bacana  
Lá da Martinica  
Se veste com uma casca  
De banana nanica  
Não usa vestido  
Não usa calção  
Inverno pra ela  
É pleno verão  
Existencialista  
Com toda razão  
Só faz o que manda  
O seu coração

---

<sup>46</sup> intérprete: Roberto Inglez

Ano da gravação: 1950

Gravadora: Odeon.

Letra da canção disponível em [CHIQUITA BACANA - Emilinha Borba - LETRAS.COM](http://CHIQUITA BACANA - Emilinha Borba - LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>47</sup>A BAHIA TE ESPERA**

Oh bahia da magia, dos feitiços e dá fé  
Bahia que tem tanta igreja  
E tem tanto candomblé  
Para te buscar  
Nossos saveiros já partiram para o mar  
Iaiá eufrásia, ladeira do sobradão  
Já tá formando seu candonblé  
Velha damásia da ladeira do mamão  
Tá preparando acarajé  
Para te buscar  
Nossos saveiros já partiram para o mar  
Nossas morenas roupas novas vão botar  
Se tu vieres irás provar o meu vatapá  
Se tu vieres viverás nos meus braços  
A festa de iemanjá  
Vem, vem, vem  
Vem em busca da bahia  
Cidade da tentação  
Onde meu feitiço impera  
Vem, se me trazes o teu coração  
Vem, a bahia te espera  
Bahia, bahia, bahia, bahia

---

47 Compositores: Chiana de garcia e Herivelton Martins

Intérprete: Dalva de Oliveira

Ano da gravação: 1950

Letra da canção disponível em [A BAHIA TE ESPERA - Dalva de Oliveira - LETRAS.COM](http://LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: Instituto Cravo Albin.

**<sup>48</sup>BOCA RICA**

Pessoal, vamos beber  
Pra dona da casa não se aborrecer!  
Vamos agradecer a dona Chica  
Pra gente não perder essa boca rica! (Bis)  
Comida a noite inteira,  
Bebida a toda hora,  
Mulheres de baiana  
Com barriguinhas de fora!  
O samba só acaba  
Depois que rompe a aurora!  
A gente tem dinheiro  
E condução pra ir embora!

---

<sup>48</sup>Compositor/ intérprete: Arnaldo Antunes/Emilinha Borba

Ano da gravação: 1950

Gravadora: Continental.

Letra da canção disponível em [Boca Rica - Geraldo Pereira - LETRAS.MUS.BR](http://Boca Rica - Geraldo Pereira - LETRAS.MUS.BR)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>49</sup>TOMARA QUE CHOVA TRÊS DIAS SEM PARAR**

Tomara que chova, oi  
Três dias sem parar (2x)  
A minha grande mágoa  
É lá em casa não ter água  
E eu preciso me lavar  
De promessa eu ando cheia  
Quando conto a minha vida ninguém quer acreditar  
Trabalho não me cansa  
O que me cansa é pensar  
Que lá em casa não tem água nem pra cozinhar

---

<sup>49</sup>Intérprete: Emília Borba

Ano da gravação: 1951

Letra da canção disponível em [Tomara Que Chova - Emília Borba - LETRAS.MUS.BR](http://LETRAS.MUS.BR)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: Folha de São Paulo (2009).



**<sup>50</sup>O DINHEIRO QUE GANHO**

O dinheiro que ganho  
Não dá pra ficar no meio da rua  
Pra cá e pra lá, pra lá e pra cá  
O dinheiro que ganho só dá pra viver  
No meu barracão, sentado no chão  
Comendo de mão farinha, feijão  
Olhando a cabrocha mexendo o legume  
Pra não azedar  
O dinheiro que ganho  
Se fico na rua lá vem um amigo  
E eu sou obrigado a lhe convidar  
Tomar um traguinho, bater um papinho  
Dar uma voltinha pro tempo passar  
Depois do passeio, lá vem o jantar  
E também o café  
Lá se vai meu dinheiro  
E eu vou pro Salgueiro a pé  
Meu dinheiro não dá  
O dinheiro que ganho  
Se fico na rua lá vem um amigo.

---

<sup>50</sup> Compositor: Assis Valente

Intérprete: Grupo quatro ases e um coringa

Ano da gravação: 1951

Letra da canção disponível em [O dinheiro que ganho - Assis Valente - LETRAS.MUS.BR](http://O_dinheiro_que_ganho_-_Assis_Valente_-_LETRAS.MUS.BR)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>51</sup>LATA D'AGUA NA CABEÇA**

Lata d'água na cabeça  
Lá vai Maria  
Lá vai Maria  
Sobe o morro e não se cansa  
Pela mão  
Leva a criança  
Lá vai Maria  
Maria  
Lava a roupa  
Lá no alto  
Lutando pelo pão  
De cada dia  
Sonhando com a vida  
Sonhando com a vida  
Do asfalto  
Que acaba  
Onde o morro principia

---

<sup>51</sup>Compositor: Candeia

Intérprete: Marlene

Ano da gravação: 1952

Letra da canção disponível em [Lata d'agua - Marlene - LETRAS.MUS.BR](http://Lata_d'agua_-_Marlene_-_LETRAS.MUS.BR)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: Instituto Cravo Albin

<sup>52</sup>**ZÉ MARMITA**

Quatro horas da manhã  
Saí de casa o Zé Marmita  
Pendurado na porta do trem  
Zé marmita vai e vem

Numa lata Zé Marmita traz a bóia  
que ainda sobrou do jantar  
Meio-dia, Zé marmita faz o fogo  
para a comida esquentar  
e Zé marmita, barriga cheia  
esquece a vida, num bate-bola de meia.

---

<sup>52</sup>Compositor: Luis Antonio e Brasinha

Ano da gravação: 1952

Letra da canção disponível em [ZÉ MARMITA - Marchinhas de Carnaval - LETRAS.COM](http://ZÉ MARMITA - Marchinhas de Carnaval - LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: Instituto Moreira Salles

<sup>53</sup>VOZES DA SECA

Seu doutô os nordestino têm muita gratidão  
Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão  
Mas doutô uma esmola a um homem qui é são  
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão.

É por isso que pidimo proteção a vosmicê  
Home pur nós escuído para as rédias do pudê  
Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê  
Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê  
Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage  
Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage

Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiage  
Lhe pagamo inté os juru sem gastar nossa corage  
Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão  
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!  
Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão  
Como vê nosso destino mercê tem nas vossa mãos

---

<sup>53</sup>Compositor: Luis Gonzaga

Ano da gravação: 1953

Letra da canção disponível em [VOZES DA SECA - Luiz Gonzaga - LETRAS.COM](http://VOZES DA SECA - Luiz Gonzaga - LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>54</sup>CACHAÇA NÃO É ÁGUA NÃO**

Você pensa que cachaça é água?  
Cachaça não é água não  
Cachaça vem do alambique  
E água vem do ribeirão  
Você pensa que cachaça é água?  
Cachaça não é água não  
Cachaça vem do alambique  
E água vem do ribeirão  
Pode me faltar tudo na vida  
Arroz, feijão e pão  
Pode me faltar manteiga  
E tudo mais não faz falta não  
Pode me faltar o amor  
(Disto eu até acho graça)  
Só não quero que me falte  
A danada da cachaça  
Você pensa que cachaça é água?  
Cachaça não é água não  
Cachaça vem do alambique  
E água vem do ribeirão

---

<sup>54</sup>Compositor: Mirabeau Pinheiro e Héber Lobato.

Ano da gravação: 1953

Letra da canção disponível em [CACHAÇA NÃO É ÁGUA - Marchinhas de Carnaval - LETRAS.COM](http://LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: Instituto Cravo Albin.

**<sup>55</sup>OUTROS NATAIS**

Vocês que moram em palácios  
E dormem em colchões de molas  
Que perdem na mesa de jogo  
Bem mais do que dão de esmolas  
No dia em que os sinos cantarem  
Trazendo um natal a mais  
Procurem lembrar-se que existem  
Outros natais  
Natal das crianças doentes  
Das nossas favelas  
Anjinhos da fome que a idade  
Se conta nos dedos  
Que pedem a papai noel  
Que passem também perto delas  
Trazendo ao menos remédios  
Em vez de brinquedos  
Natal das crianças que dormem na dura calçada  
Debaixo do teto opulento de nossas marquises  
Natal sem castanhas, sem bolo, sem nozes, sem nada  
Natal das crianças que morrem pra serem felizes

---

<sup>55</sup>Compositor: Claudio Luis

Intérprete: Angela Maria.

Ano da gravação: 1954

Letra da canção disponível em [OUTROS NATAIS - Angela Maria - LETRAS.COM](http://OUTROS NATAIS - Angela Maria - LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

**<sup>56</sup>OS QUINDINS DE IAIÁ**

Cumé que faz chorar  
Os zóinho de Iaiá  
Cumé, cumé, cumé?  
Os zóinho de Iaiá  
Cumé, cumé, cumé?  
Os zóinho de Iaiá  
Cumé?  
Cumé que faz penar  
O jeitão de Iaiá  
Me dá, me dá  
Uma dor  
Me dá, me dá  
Que não sei  
Se é, se é  
Se é ou não amor  
Só sei que Iaiá tem umas coisas  
Que as outras mulher não tem  
O que é?  
Os quindins de Iaiá  
Os quindins de Iaiá  
Os quindins de Iaiá  
Os quindins de Iaiá  
Tem tanta coisa de valor  
Nesse mundo de Nosso Senhor  
Tem a flor da meia-noite  
Escondida no terreiro  
Tem música e beleza  
Na voz do boiadeiro  
A prata da lua cheia  
No leque dos coqueiros  
O sorriso das crianças  
A toada dos vaqueiros  
Mas juro por Virgem Maria  
Que nada disso pode matar...  
O quê?  
Os quindins de Iaiá

---

<sup>56</sup>Compositor: Ary Barroso

Intérprete: Emilinha Borba

Ano da gravação: 1954

Letra da canção disponível em [OS QUINDINS DE IAIÁ - Ary Barroso - LETRAS.COM](http://OS_QUINDINS_DE_IAIÁ_-_Ary_Barroso_-_LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB

<sup>57</sup>LAMA

Se eu quiser fumar, eu fumo  
Se eu quiser beber, eu bebo  
Não me interessa mais ninguém  
Se o meu passado foi lama  
Hoje quem me difama  
Viveu na lama também  
Comendo a mesma comida  
Bebendo a minha bebida  
Respirando o mesmo ar  
E hoje, por ciúme ou por despeito  
Achar-se com o direito de querer me humilhar  
Quem foste tu?  
Quem és tu?  
Não és nada!  
Se na vida fui errada,  
Tu foste errado também  
Se eu errei, se pequei,  
Não importa!  
Se a esta hora estou morta,  
Para mim, morreste também.

---

<sup>57</sup>Compositor: Paulo Marques e Aylce Chaves .

Interprete Gilda Valença.

Ano da gravação: 1955

Letra da canção disponível em [Lama - Maria Bethânia - LETRAS.MUS.BR](http://Lama - Maria Bethânia - LETRAS.MUS.BR)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB e Instituto Cravo Albin.



**<sup>58</sup>QUE SAUDADE DA AMÉLIA**

Nunca vi fazer tanta exigência  
Nem fazer o que você me faz  
Você não sabe o que é consciência  
Não vê que eu sou um pobre rapaz  
Você só pensa em luxo e riqueza  
Tudo o que você vê, você quer  
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia  
Aquilo sim é que era mulher  
Às vezes passava fome ao meu lado  
E achava bonito não ter o que comer  
Quando me via contrariado  
Dizia: Meu filho, o que se há de fazer  
Amélia não tinha a menor vaidade  
Amélia é que era mulher de verdade

---

<sup>58</sup>Compositores: Ataulfo Alves e Mario Lago.

Ano da gravação: 1955

Letra da canção disponível em [AL QUE SAUDADES DA AMÉLIA - Mário Lago - LETRAS.COM](http://LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB.

**<sup>59</sup>ADHEMAR DÁ JEITO**

Adhemar da jeiro  
Se faltar arroz se faltar feijão  
Se faltar manteiga  
Prá passar no pão  
Se faltar camisa  
Prá cobrir seu peito  
Tenha esperança  
Adhemar da jeito  
Se faltar o leite  
Para o inocente  
Se faltar doutor  
Prá curar a gente  
Se eu cair enfermo  
Se eu cair no leito  
Até isso mesmo  
Adhemar da jeito

---

<sup>59</sup>Compositor/ Intérprete: Ataulfo Alves

Ano da gravação: 1955

Letra da canção disponível em [ADHEMAR DA JEITO - Ataulfo Alves - LETRAS.COM](http://ADHEMAR.DA.JEITO-AtaulfoAlves-LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: IMMUB.

**<sup>60</sup>FEIRA DE CARUARÚ**

A Feira de Caruaru,  
Faz gosto a gente vê.  
De tudo que há no mundo,  
Nela tem pra vendê,  
Na feira de Caruaru.  
Tem massa de mandioca,  
Batata assada, tem ovo cru,  
Banana, laranja, manga,  
Batata, doce, queijo e caju,  
Cenoura, jabuticaba,  
Guiné, galinha, pato e peru,  
Tem bode, carneiro, porco,  
Se duvidá... inté cururu.  
Tem cesto, balaio, corda,  
Tamanco, gréia, tem cuêi-tatu,  
Tem fumo, tem tabaqueiro,  
Feito de chifre de boi zebu,  
Caneco acuvitêro,  
Penêra boa e mé de uruçú,  
Tem carça de arvorada,  
Que é pra matuto não andá nú.  
Tem rêde, tem balieira,  
Mode minino caçá nambu,  
Maxixe, cebola verde,  
Tomate, cuento, couve e chuchu,  
Armoço feito nas torda,  
Pirão mixido que nem angu,  
Mubia de tamburête,  
Feita do tronco do mulungú.  
Tem loiça, tem ferro véio,  
Sorvete de raspa que faz jaú,  
Gelada, cardo de cana,  
Fruta de paima e mandacaru.  
Bunecos de Vitalino,  
Que são cunhecidos inté no Sul,  
De tudo que há no mundo,  
Tem na Feira de Caruaru.

---

<sup>60</sup>Compositor/ Intérprete: Onildo Almeida/ Luiz Gonzaga.

Ano da gravação: 1956

Letra da canção disponível em [A FEIRA DE CARUARU - Luiz Gonzaga - LETRAS.COM](http://A FEIRA DE CARUARU - Luiz Gonzaga - LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: GLOBO G1 ( 2017)

**61PANO LEGAL**

Certo dia fui levado  
A um samba diferente  
Entre a gente da gravata e do plastron, ai, ai  
Bebida servida em taça  
Champanhe em vez de cachaça  
Mesmo assim o samba lá é bom  
Eu vi muita grã-fina bonita rebolando  
Sambando, sambando  
Não sabia que as distintas eram assim  
Se eu soubesse também como era o ambiente  
Decente  
Jogava um pano legal  
Por cima de mim

---

61 Compositor/ Intérprete: Billy Blanco / Dolores Duran.

Ano da gravação: 1956

Letra da canção disponível em [PANO LEGAL - Maria Bethânia - LETRAS.COM](http://PANO.LEGAL-MariaBethania-LETRAS.COM)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: Instituto Cravo Albin.

**<sup>62</sup>FIA DE CHICO BRITO**

Sou filha de Chico Brito, pai de oito filho maior  
Nascida em Baturité, criada a carne de sol  
Sete home e eu mulher, oito filho pra criar  
Sete home pra peixeira e a mulher pra...  
Dos oito filho do véio, tem sete que se casou  
Os home fez casamento e cinco já procriou  
Só eu e que to sobrando, na certa Deus se enganou  
Acabo me abilolando, porque o meu caso é casar  
E caso de qualquer jeito, caso inté, uh  
De tanto piscá os óio, já tô ficando zarolha  
De tanto chamá com a mão, na mão já tenho inté bolha  
Já fiz duzentá novena, já me cansei de rezá  
Meus cutuvelo ta inchado, de no portão debruçá  
Mas caso de qualquer jeito, caso inté, uh.

---

<sup>62</sup>Compositor/ Intérprete: Chico Anysio / Dolores Duran.

Ano da gravação: 1956

Letra da canção disponível em [A Fia de Chico Brito - Elis Regina - VAGALUME](#)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: Coleção Folha – Raízes MPB.

**<sup>63</sup>TÁ NASCENDO FIO**

Sertão quando não chove  
Seca açude, seca rio  
O chão já ta rachando  
E casa já ta nascendo fio  
Quando o sol vem, a gente vai  
Vai pro roçado pra plantar o pé de milho  
A seca dá e mata tudo  
E casa, tá nascendo fio  
Num tem feijão na mesa  
Querosene no pavio  
Os bons já tá morrendo  
E casa, tá nascendo fio  
A gente chama o caminhão  
Pra carregar a fiarada lá pro rio  
O caminhão tem que esperar  
E casa, tá nascendo fio  
O Antônio mais desarmado  
Tem dez filhos já criado  
Porem Mané que prove  
Ta esperando 19  
25 tem meu pai, 38 tem meu tio  
Meu irmão casou  
E já tá nascendo fio.

---

<sup>63</sup>Compositor/ Intérprete: Anysio e Haydee Paula/ Dolores Duran.

Ano da gravação: 1959

Letra da canção disponível em [Tá Nascendo Fio - Dolores Duran - LETRAS.MUS.BR](http://TáNascendoFio-DoloresDuran-LETRAS.MUS.BR)

Com acesso em 01 de junho de 2021.

Fonte das informações: Nascimento, F, Marinho, A & Bezerra, E (2014)

### Referências do Anexo (Catálogo de Músicas)

BBC News Brasil (2019). “Noel Rosa: as histórias por trás das três músicas mais ouvidas do artista nascido há 109 anos”(Matéria Jornalística.). Disponível em [Noel Rosa: As histórias por trás das 3 músicas mais ouvidas do artista nascido há 109 anos - BBC News Brasil](#) com acesso em março de 2021.

Castro, R (2009). *Tomara que chova* (Matéria jornalística). Jornal Folha de São Paulo. Disponível em [Folha de S.Paulo - Rio de Janeiro - Ruy Castro: Tômara que chova - 13/04/2009 \(uol.com.br\)](#)

Coleção Folha (2021). *Raízes da música popular brasileira* (Matéria Jornalística). Disponível em [Coleção Folha Raízes da MPB - Coleção](#) com acesso em março de 2021.

Ferreira, M ( 2020). *Músicas para descobrir em casa – Outono (Billy Blanco 1952) com Dolores Duran.* (Matéria Jornalística) G1 – Globo. Disponível em [Músicas para descobrir em casa – 'Outono' \(Billy Blanco, 1952\) com Dolores Duran | Blog do Mauro Ferreira | G1 \(globo.com\)](#) com acesso em março de 2021.

Instituto Chiquinha Gonzaga. *Acervo digital online das obras de Chiquinha Gonzaga..* Disponível em [Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira \(dicionariompb.com.br\)](#) com acesso em março de 2021.

Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA). *Dicionário da Música Popular Brasileira.* Organização Cultural – Sede Rio de Janeiro – RJ ( Brasil). Disponível em: [Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira \(dicionariompb.com.br\)](#) com acesso em março de 2021.

Instituto Memória Musical Brasileira (IMMUB). *Catálogo de 82 mil discos brasileiros.* Organização cultural – Sede Niterói – RJ ( Brasil). Disponível em: [IMMuB - O maior catálogo online da música brasileira](#) com acesso em 13 de março de 2021.

Instituto Moreira Salles (IMS). *Projeto Discografia Brasileira.* Organização cultural – sede no Rio de Janeiro e São paulo ( Brasil). Disponível em: [Sobre este site | Sobre este site | Discografia Brasileira](#) com acesso em março de 2021.

Itaú Cultural Enciclopédia. *Música brasileira*. Disponível em [Enciclopédia Itaú Cultural \(itaucultural.org.br\)](http://Enciclopédia Itaú Cultural (itaucultural.org.br)) com acesso em março de 2021.

Nascimento, F. , Marinho, A. , ; Bezerra, E. ( 2014). Perspetivas feministas de gênero: desafio no campos das militâncias e das práticas. *Gênero, poética e música em Dolores Duran*. 18ª REDOR. Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – BR.

Prado, L (2018). “*A vida de Adoniran Barbosa é tema de documentário*”.(Matéria Jornalística). Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: [Vida de Adoniran Barbosa é tema de documentário – Jornal da USP](#) com em março de 2021.

Rádio da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). *Programa “ Ouve essa”*. Disponível em [Rádio UFRJ | Programas | “Brasil pandeiro” exalta o Brasil com humor](#) com acesso em março de 2021.

Reis, L (2003). “O que o rei não viu”: música popular e nacionalidade no Rio de Janeiro da Primeira República. *Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, no 2*, pp. 237-279.

Vaz, L (2017). “ *Música, representação e identidade: a feira no imaginário caruarense*”. Jornal G1 Globo. Pernambuco - BR. Disponível em [Rádio UFRJ | Programas | “Brasil pandeiro” exalta o Brasil com humor](#) com acesso em fevereiro de 2021.

Weber, E (2016). *Portal da música brasileira*. Rádio Cultura Brasil. Disponível em [Cultura Brasil - Noel Rosa: as histórias e os sons de uma época - Ilustre visita, trágico regresso \(cmais.com.br\)](#) com acesso em março de 2021.